

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

JULIANA TREVIZAN

***CONFINADA* (2020): REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO DOMÉSTICO NO
BRASIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19**

CAMPINAS

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUAGENS, MÍDIA
E ARTE

JULIANA TREVIZAN

CONFINADA (2020): REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO DOMÉSTICO NO
BRASIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para a obtenção do título de mestre em Linguagens, Mídia e Arte.

Orientadora: Prof^a Dra. Eliane Righi de Andrade

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

640.46 Trevizan, Juliana
T814c

Confinada (2020): representações do trabalho doméstico no Brasil no contexto da pandemia de Covid-19 / Juliana Trevizan. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

152 f.: il.

Orientador: Eliane Righi de Andrade.

Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Empregados domésticos. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Mídia digital. I. Andrade, Eliane Righi de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.

23. ed. CDD 640.46

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUAGENS,
MÍDIA E ARTES**

Juliana Trevizan

“*Confinada* (2020): representações do trabalho doméstico no Brasil no contexto da
pandemia de Covid-19”

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora em 19 de fevereiro de 2024:

Eliane Righi

Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade
(Orientadora – PUC-CAMPINAS)

Documento assinado digitalmente
 **TARCISIO TORRES SILVA**
Data: 22/02/2024 17:58:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Tarcísio Torres Silva
(PUC-CAMPINAS)

Documento assinado digitalmente
 **JOCENILSON RIBEIRO DOS SANTOS**
Data: 21/02/2024 19:34:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos
(UFS – Universidade Federal do Sergipe)

Campinas

2024

Dedico aos meus pais, que me deram todo o amor, o apoio e o incentivo necessários para caminhar até aqui.

A todas as trabalhadoras domésticas deste país.

A todas as trabalhadoras que perderam suas vidas pela gestão negligente da pandemia de Covid-19 no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Aos meu pais, Valéria e Valdemar, que compraram os meus primeiros livros e que, neste ato tão singelo, abriram portas para a imensidão do mundo, onde o amor pelas palavras e pelo aprendizado se abrigaram em mim.

Às minhas avós, Dina e Luzia, e aos meus avôs, Luiz e Valdemar (*in memoriam*), que não dominavam as letras ou a matemática, mas que me ensinaram sobre o plantio das árvores, o cantar dos pássaros e o consertar das bicicletas.

Ao meu companheiro, Gabriel, que viveu comigo esse sonho e pôs de lado suas aspirações para acompanhar as minhas.

À minha orientadora, Eliane Righi de Andrade, por essa parceria que já dura seis anos e por somar seu conhecimento ao meu, assim, me fazendo mais potente.

À minha pequena grande turma de mestrado, aos meus amigos da graduação e de toda a vida, que acompanharam meus passos como pesquisadora, dividindo ideias e trazendo conforto nos dias difíceis.

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que acreditou neste projeto e forneceu estrutura para sua execução. Aos meus professores, que dedicaram seu tempo e sabedoria para me conduzirem nessa caminhada. Às funcionárias e funcionários da universidade, que trabalharam na limpeza, na secretaria e nos laboratórios, oferecendo todo o suporte necessário. À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que contribuiu com o financiamento dos meus estudos (Código de Financiamento 001).

Não há paz enquanto se habita o tumultuado quarto de despejo — seja ele real, seja metafórico. O silêncio da solitária é um estrondo, uma trovoada de desprezo que não para de soar na cabeça e na alma.

(Eliana Alves Cruz, *Solitária*)

RESUMO: No contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, as trabalhadoras domésticas foram expostas a diversos riscos de contaminação, além de terem um aumento significativo em suas jornadas de trabalho, fatores que demonstram como essa conjuntura ampliou a desproteção social desse grupo. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo geral discutir a situação das trabalhadoras domésticas no cenário da pandemia de Covid-19 no Brasil e sua relação com as discriminações de gênero, raça e classe, a partir da análise da *webcomic Confinada* (2020), de Leandro Assis e Triscila Oliveira, publicada na página oficial do autor no *Instagram*, entre os meses de abril de 2020 e abril de 2021. Partindo desta proposta, o estudo busca reconhecer de que maneira essa conjuntura evoca uma memória sobre o período escravocrata no país, compreender o papel das mídias digitais e das novas tecnologias na produção e no consumo de conteúdos que debatem temáticas sociais, bem como examinar de que forma o uso da ironia e da sátira, presentes nas histórias em quadrinhos, contribui para a discussão de problemáticas que evidenciam as relações sociais de poder vigentes. Por meio dos estudos foucaultianos do discurso e do dispositivo metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (Foucault, 1999); (Pêcheux, 1990, 2008); (Gregolin, 2006), são trazidos à discussão nove recortes discursivos, distribuídos em três eixos temáticos: “vidas infames”; “como se fosse da família” e “Os Bolsominions”, de modo a trabalhar os efeitos de sentido que dizem respeito a questões sociais que envolvem o trabalho doméstico no Brasil e (n)a conjuntura pandêmica. Isso configura esta pesquisa como um estudo de caso, de cunho discursivo e de natureza qualitativa e interpretativa, em que se busca o suporte metodológico da etnografia digital, uma vez que se acompanhou a publicação na rede social mencionada, realizando-se uma problematização sobre o uso do espaço digital para a disseminação da história em quadrinhos, bem como sobre o comportamento do público leitor, a partir dos comentários realizados nas publicações. Mediante a análise, concluiu-se que *Confinada* (2020) retrata uma representação do exercício do trabalho doméstico remunerado ao longo da pandemia no Brasil, a partir do ponto de vista político-ideológico de seus criadores, os quais, influenciados pela polarização política da época, buscavam denunciar as desigualdades e discriminações que favorecem a desvalorização e a estigmatização desta profissão no país, principalmente em momentos de crise. Ademais, compreende-se que a *webcomic* indicia representações identitárias de resistência, as quais se relacionam a questões raciais, de gênero e classe, funcionando como um meio alternativo de ativar processos de reflexão crítica e produzindo efeitos sensíveis que contestam as estruturas de poder.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; Quadrinhos; Mídia digital; Pandemia; Estudos da linguagem

ABSTRACT: In the context of the Covid-19 pandemic in Brazil, domestic workers were exposed to various risks of contamination, in addition to having a significant increase in their working hours, factors that demonstrate how this situation has raised the social lack of protection of this group. Therefore, the research has the general objective to discuss the situation of domestic workers in the context of the Covid-19 pandemic in Brazil and its relationship with gender, race, and class discrimination, based on the analysis of the digital comic book *Confinada* (2020), by Leandro Assis and Triscila Oliveira, published on the author's official Instagram page, between April 2020 and April 2021. Based on this, the study aims to recognize how this situation evokes a discursive memory of the slavery period in the country; to understand the role of digital media and new technologies in the production and consumption of content that debates social issues, as well to examine how the use of irony and satire, present in comics, contributes to the discussion of issues that highlight the existing social power relations. Through Foucauldian studies of discourse and the methodological device of French Discourse Analysis (Foucault, 1999); (Pêcheux, 1990, 2008); (Gregolin, 2006), nine discursive excerpts are brought into discussion, distributed across three thematic axes: “infamous lives”; “as a member of the family” and “The *Bolsominions*”, in order to work on the effects of meaning that concern social issues involving domestic work in Brazil and the pandemic situation. Thus, this research configures as a case study from a discursive, qualitative and interpretative perspective, in which the methodological support of digital ethnography is sought, since the publication on the mentioned social network was followed, carrying out a problematization of the use of digital space to disseminate comic books, as well as the behavior of the audience, based on comments made in publications. Through the analysis, it was concluded that *Confinada* (2020) portrays a representation of the exercise of paid domestic work throughout the pandemic in Brazil, from the political-ideological point of view of its creators, who, influenced by the political polarization of the time, sought to denounce the inequalities and discrimination that favor the devaluation and stigmatization of this profession in the country, especially in times of crisis. Furthermore, it's understood that the *webcomic* indicates identity representations of resistance, which are related to racial, gender and class issues, functioning as an alternative means of activating processes of critical reflection and producing sensitive effects that contest power structures.

Keywords: Domestic workers; Comics; Social media; Pandemic; Language studies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Coronário (2020)	71
Figura 2: Oséias (2019)	75
Figura 3: N. 48: Fim de semana	83
Figura 4: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Fim de semana”, de <i>Confinada</i> (2020)	83
Figura 5: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Fim de semana”, de <i>Confinada</i> (2020)	84
Figura 6: N. 31: O apartamento da madame	84
Figura 7: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “O apartamento da madame”, de <i>Confinada</i> (2020)	85
Figura 8: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “O apartamento da madame”, de <i>Confinada</i> (2020)	85
Figura 9: N. 67: Louca obsessão	86
Figura 10: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Louca obsessão”, de <i>Confinada</i> (2020)	86
Figura 11: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Louca obsessão”, de <i>Confinada</i> (2020)	86
Figura 12: N. 10: Amor à Vida.....	93
Figura 13: N. 14 Costelinha	100
Figura 14: N. 22: A festa (Parte 1)	105
Figura 15: N. 13: Amigas	110
Figura 16: N. 36: Passado 1	114
Figura 17: N. 37: Passado 2	118
Figura 18: N. 49: Deus nos livre	124
Figura 19: N. 67: Louca obsessão	128
Figura 20: N. 69: Mutação	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Reverberando os traços da minha memória: o caminho até aqui	12
Percursos da pesquisa.....	20
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
1.1. Os discursos de poder e a sua relação com as práticas sociais contemporâneas ligadas ao trabalho doméstico	26
1.2. Desdobramentos da colonialidade para a formação do papel social das domésticas no Brasil contemporâneo: uma reflexão decolonial	34
1.3. Interseccionalidade: o (inter)cruzamento dos dispositivos de gênero, raça e classe.....	39
1.3.1. Gênero como dispositivo de poder	42
1.3.2. Classe como dispositivo de poder	44
1.3.3. Raça como dispositivo de poder.....	48
1.4. A memória social do trabalho doméstico como um elemento estruturante da sociedade brasileira.....	51
1.5. “A senzala moderna é o quartinho da empregada”	55
2. A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL E OS QUADRINHOS NO MUNDO DIGITAL: COMPREENDENDO O PAPEL DE <i>CONFINADA</i> (2020) COMO CRÍTICA SOCIAL.....	57
2.1. A pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo	59
2.2. A situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil.....	66
2.3. Quadrinhos e o meio digital: ampliando as possibilidades de comunic(ação) político-social ...	72
2.3.1. <i>Webcomics</i> como artifício de comunicação e engajamento político-social	75
2.3.2. <i>Confinada</i> (2020): crítica social no ambiente digital	80
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS E PROCEDIMENTAIS	84
3.1. A etnografia digital.....	85
3.2. A Análise do Discurso de linha francesa e os estudos foucaultianos do discurso.....	91
3.3. Trabalhando com a análise de recortes discursivos da <i>webcomic Confinada</i> (2020)	93
3.3.1. Eixo 1: vidas infames.....	94
3.3.2. Eixo 2: “como se fosse da família”	113
3.3.3. Eixo 3: Os Bolsominions	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	142

INTRODUÇÃO

Reverberando os traços da minha memória: o caminho até aqui

*Quando não souberes para onde ir, olha para trás e
saiba pelo menos de onde vens*

(Ana Maria Gonçalves, *Um Defeito de Cor*)

Cercada por uma família de contadores de histórias, cresci observando o potente efeito do ato de lembrança da memória. As rodas de conversa, em que participava timidamente em um lugar de escuta, foram fundamentais para a minha compreensão sobre os processos de significância dos relatos memoriais, em que ao trilhar determinados vestígios, especialmente vividos por mulheres, nunca permitiram que certas vivências e existências fossem relegadas ao esquecimento.

Sentada no colo de minha bisavó materna, muito pequena, ouvi relatos marcantes que resgatavam histórias quase apagadas, redesenhando o passado dos meus ancestrais. Muito me lembro de quando me contou sobre a perversa pobreza e a fome que, violentamente, tiraram sua família do Nordeste para que viessem morar no Sudeste do país.

Ofira era uma mulher pequena, de rosto arredondado e dedos muitos compridos, como os meus. Com muita paciência e lucidez, mesmo perto dos cem anos de idade, estava sempre disposta a recompor fatos diversos sobre sua vida, especialmente da juventude. Rememorando uma história e outra, à revelia daquela considerada oficial, compartilhada pelos homens de minha família, contou-me de quando foi perseguida pelo *cangaço* e precisou se esconder em uma mata, acreditando que nunca mais veria sua mãe. Ainda muito nova, conheceu meu bisavô, Caloriano, com quem teve 5 filhos, sendo a mais velha de todos a minha avó materna, Dinavia.

Quando a morte levou de minha bisavó a possibilidade de continuar narrando suas memórias, minha avó manteve viva sua lembrança entre nós, compartilhando antigos e inéditos casos sobre minha família e a sua história.

Em um “pau de arara”¹ com os quatro irmãos menores, Dina, como a chamamos em casa, viajou de Carira, no Sergipe, passando por muitos lugares até chegar ao estado de São

¹ O pau de arara é a adaptação de caminhões para o transporte precário de pessoas. Ele é bastante associado à migração de trabalhadores do Nordeste para o Sudeste do país.

Paulo e encontrar abrigo em uma pequena cidade do interior. Contou-me que, nessa época, passara muitas vontades. De comida, afeto e descanso.

Ainda menina, com necessidades subsistentes e a promessa de um futuro melhor, junto de sua mãe, foi levada para realizar trabalhos domésticos na casa de pessoas mais abastadas. Lá, aprendeu atividades que sequer deveriam fazer parte da infância de qualquer pessoa e sentiu na pele a crueldade daqueles que são encorajados pelas relações desiguais de poder a fazerem o que bem entendem com corpos vulneráveis e fragilizados.

Aos nove anos, teve o braço queimado por Obelinda, uma mulher de quem o nome nunca se esqueceu. Pressionando o ferro quente contra a pele do braço de minha avó, deixou marcas (in)visíveis sobre aquela pequena criança que, naquele dia, não teve coragem de contar o ocorrido para mais ninguém.

Mais tarde, depois de passar por algumas casas, encontrou patrões que a faziam sentir *como se fosse da família*, elogiando sua comida e a forma como engomava suas roupas, ainda que tivesse um lugar propriamente reservado para fazer suas refeições. Nostálgica, por vezes, ainda recorda dessas pessoas com gratidão.

Em sua juventude, mudou-se para São Bernardo do Campo, onde a família acreditava poder encontrar melhores oportunidades de trabalho. Ali, *vó Dina* conheceu o meu avô, Luiz — um homem negro, bonito e muito sério. Logo começaram a namorar e rapidamente se casaram.

Metalúrgico, meu avô prescreveu que minha avó se detivesse às tarefas domésticas enquanto ele trabalhava para fora, principalmente após o nascimento de seus dois filhos: Valéria, minha mãe, e Silvio César, meu tio. Ela me conta, frustrada, que gostaria de ter estudado para se tornar professora, mas meu avô *não permitiu*, dizendo que ela estaria “procurando chifre na cabeça de cavalo”.

Tempos depois, quando minha mãe completava os seus 18 anos, todos se mudaram para Nova Odessa, no interior de São Paulo, onde *vô Luiz* veio a ser um conhecido “bicicleteiro” da cidade, consertando bicicletas e outros equipamentos. Minha avó continuou a se ocupar com a casa, tendo pouca liberdade e independência financeira, conquistadas pela venda de maquiagens e produtos de beleza divulgados em pequenos catálogos da Avon.

Essas memórias, tão atuais, como um “elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993, p. 9), atravessam-me, contribuindo para um “aprendizado contínuo de respeito ao traço do outro” (Almeida, 2013, p. 79).

Como ouvinte de tantas conversas em que foram narradas essas lembranças, acolho os rastros deixados pelas mulheres da minha família, que compõem também a minha história. Compreendo a urgente necessidade de rememorar suas vivências, rejeitando o possível apagamento dessas memórias, vindo do impulso de esquecimento ao qual estão continuamente sujeitas.

Em uma ligação com os lugares sociais que assumo, essas memórias, manifestas por meio da linguagem e, de certa maneira, historicizadas, constituem-me enquanto sujeito e indicam a mim um lugar de fala no discurso, na relação com minhas formações ideológicas e discursivas. Responsáveis por quem sou no agora, tenho para mim essas histórias como uma bagagem que carrego de forma a me fazerem enxergar além.

Meus pais se conheceram em 1986, algum tempo depois da mudança de minha mãe para a nova cidade no interior. Por intermédio do meu tio, que levava o amigo Valdemar para sua casa depois da escola, entre troca de olhares e papos tímidos, tornaram-se colegas até começarem a namorar.

Nessa época, após terminarem o Ensino Médio, tiveram pouco incentivo para continuar os estudos, fosse pela dura realidade financeira ou a falta de estímulo externo. Por isso, trabalhando muito para juntar algum dinheiro que lhes trouxesse independência, construíram nossa casa, a qual moram até hoje, e se casaram. Quando decidiram ter um filho, contam-me que prometeram a si mesmos que o seu estudo seria a maior prioridade.

Em 28 de maio de 1997, em um dia frio e chuvoso, talvez o mais congelante de todo aquele ano, eu nasci. Entre as inúmeras camadas de roupinhas, casacos e cobertores, meus pais lembram como os meus cabelos, muito pretos, como os do meu avô Luiz, destoavam de tudo. Deram-me o nome de Juliana, como o da veterinária que meu pai conhecera no Instituto de Zootecnia do Estado de São Paulo, onde meus avós paternos, Luzia e Valdemar, trabalharam por anos como funcionários públicos. “Doutora Juliana” — soava bonito e importante para ele, que já dimensionava possibilidades para um futuro logo à frente.

Logo que entrei na escola e fui alfabetizada, livros não paravam de entrar em minha casa. Ainda que não tivesse o hábito de ler, minha mãe comprava a maioria deles e sempre me deixava uma dedicatória, expressando em sua escrita uma felicidade genuína por poder compartilhar comigo uma nova experiência que ficaria guardada em nossas estantes e corações por muito tempo.

Nessa época, pelo costume de estar tão próxima das palavras, eu cultivara o hábito de inventar as minhas próprias histórias. Usando minha imaginação para criar enredos diversos,

expressos em desenhos tortos e letras miúdas, protagonizei narrativas como aquelas que acompanhava nos livros e muito me agradavam. Inventiva, mas tímida, encontrei um lugar onde me sentia segura para expressar meus pensamentos e ser eu mesma, inteiramente.

Ballet, música, teatro e até capoeira foram atividades que também fizeram parte da minha infância. Mas nada me parecia tão interessante quanto passar as tardes em livrarias, percorrendo seus inúmeros corredores, folheando, lendo e cheirando os livros.

Na adolescência, gostava de ler revistas da moda. Imaginava sempre como seria escrever aqueles longos textos, sentada em frente ao computador de um grande escritório com pessoas andando de um lado para o outro, interessadas em minha opinião sobre os últimos acontecimentos políticos ou, quem sabe, sobre alguma curiosidade pouco comentada mundo afora.

Foi isso que, no Ensino Médio, fez com que eu ficasse dividida entre diversos cursos quando precisei escolher uma área para ingressar na faculdade. Seria Jornalismo, História, Letras ou Direito que me levariam para mais perto daquele lugar seguro que sempre encontrei em meio às palavras?

Encantada com as aulas de Literatura e História, era uma das poucas alunas da classe atenta às falas e direcionamentos dos professores. Lia todos os livros, fazia resumos coloridos das matérias da semana e estava sempre pronta, com os braços levantados, quando uma pergunta intrigante era dirigida à sala.

Foi nesse momento que comecei a enxergar um lugar que, ocupado por mim e os meus interesses, seria possível contar histórias, escrevendo, construindo conhecimento e compartilhando o meu ponto de vista. Era ali, à frente da sala de aula.

É curioso pensar como esses sinais já mostravam o meu caminho. No entanto, infelizmente, a visão para percorrer com tranquilidade esse trajeto estava bloqueada por infelizes e nebulosas opiniões alheias.

Passei os dois anos seguintes do colegial encarando longas jornadas de estudo para enfrentar as exaustivas maratonas de vestibulares. Treinando exercícios repetitivos que tiravam de mim o pouco de esperança e credibilidade que ainda depositava em meus conhecimentos, fazia de tudo um pouco para caber em um espaço que achava ser conveniente para mim.

Em 2016, quando fui aceita no curso de Pedagogia, que nunca fora uma opção minha, na Universidade de São Paulo, não pensei duas vezes antes de ir — afinal, era o sonho de todos ingressar na melhor universidade pública do país, independentemente de qual fosse o curso. Mas será que era o meu?

Após uma semana conturbada pela mudança, a culpa pela escolha prematura e, talvez, impulsiva, bateu em minha porta, fazendo com que eu colocasse de volta tudo aquilo o que havia retirado da mala e voltasse à minha cidade. No caminho, parei em uma livraria, como se procurasse um abrigo para me proteger da avalanche de emoções que havia tomado conta de mim. Foi então que resolvi comprar um livro que estava interessada fazia muito tempo, mas que não encontrara momento oportuno para obtê-lo: *Um Teto Todo Seu* (1928), de Virgínia Woolf.

Permeada por memórias que já não eram somente minhas, resgatando aquilo que já conhecia sobre o meu passado e a história das mulheres que convivia, li com bastante entusiasmo os ensaios contidos no livro, em que eram discutidas diversas questões sobre o acesso das mulheres à educação e a construção da história da escrita dita “feminina”. Foi catártico. Uma epifania.

Voltando para casa, com minha desilusão embaixo de um braço e o livro de capa cor-de-rosa no outro, comecei a pesquisar mais sobre a autora e a sua influência na literatura e na sociedade de modo geral. Revolucionando a narrativa do século XX como uma das maiores defensoras dos direitos das mulheres, Woolf me fez enxergar a sociedade de outra maneira e a me interessar, cada vez mais, pelo estudo das teorias feministas.

Após dois anos ocupada, trabalhando sobre meus desejos e necessidades, em 2018, finalmente, ingressei na faculdade de licenciatura em Letras, com ênfase em inglês e português, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Como uma “protomemória”, resistente e gravada em minha carne, a experiência incorporada daquilo que constituiu meus saberes e vivências com os livros e a escrita estava mais do que evidente (Candau, 2016, p. 22). Não era penoso ou complicado passar horas lendo, estudando teorias, autores ou linguagens. É como se aquilo já fosse parte de mim e, apesar dos desafios, me preencheu de felicidade.

No final do primeiro ano, soube da existência dos programas de Iniciação Científica da Universidade e logo procurei informações sobre como poderia participar. Com toda a experiência que tivera até então, a pesquisa me parecia uma forma de aprender, ainda mais e sob um ponto de vista acadêmico, sobre os assuntos que me interessavam. Depois, imaginava que, caso seguisse com essa carreira, ainda poderia continuar escrevendo e dando aulas.

Lembro-me de encontrar com um professor para falar sobre um possível projeto. Pontuei a minha curiosidade por literatura escrita por mulheres e a vontade de me aprofundar sobre o assunto. Ele fez algumas sugestões e recomendações que me deixaram animada, mas, infelizmente, essa parceria não vingou.

No ano seguinte, persisti com os meus planos e fui em busca de alguém que abraçasse as minhas ideias com o mesmo entusiasmo que eu. Entre tentativas frustradas de encontrar um tema para o meu trabalho que dialogasse com a linha de pesquisa de algum professor, comecei a fazer cursos de extensão e a participar de grupos de estudo sobre teoria feminista.

O mais marcante deles aconteceu no mês de julho de 2019. Aproveitei as férias da faculdade para ir a São Paulo e entrar em um dos cursos de inverno que a Universidade de São Paulo promovia nesse período. Lendo bell hooks², Angela Davis, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e outras diversas autoras, pude desenvolver, ainda mais, um ponto de vista crítico sobre o assunto.

Em uma das aulas sobre feminismo negro conheci as performances de *slam* — competições de poesia falada — realizadas por mulheres que vivem nas periferias do Brasil. Esse gênero híbrido de expressão literária e artística me trouxe diversas reflexões, acompanhando-me pelos próximos meses depois do fim do curso.

Fortemente tocada por todo o conhecimento que construí nesse período, voltei para as aulas da faculdade muito inspirada e ainda mais engajada com o meu propósito: escreveria um projeto de Iniciação Científica sobre os *slams* produzidos pelas mulheres de um grupo da periferia de São Paulo: o Slam das Minas. A partir dele, trabalharia com questões raciais, de gênero e classe social, sob uma perspectiva interseccional, como forma de promover discussões sobre o papel desse movimento na construção da subjetividade de grupos socialmente vulnerabilizados, como as mulheres negras e pobres. Assim, começava a minha caminhada rumo à pesquisa acadêmica.

Realizei minha Iniciação Científica de 2020 a 2021 como bolsista CNPq — uma grande conquista para mim. Por meio dos estudos realizados, que incluía uma proposta de análise de natureza discursiva, refleti sobre as violências e discriminações sofridas pelas mulheres negras; problematizei as relações de poder vigentes e como elas contribuem para a manutenção dos privilégios de classes socialmente hegemônicas e compreendi como a arte e a literatura podem colaborar na disseminação de discursos sobre temáticas sociais como essas.

Toda essa jornada me (des)construiu, fazendo com que eu pensasse profundamente sobre a importância e o impacto do meu trabalho, além do papel que cumpro na sociedade enquanto mulher cis branca e pesquisadora. Com as discussões propostas e as leituras realizadas, em que entrei em contato com diversos novos pontos de vista críticos, pude

² O nome de bell hooks é utilizado em letra minúscula aqui em respeito à escolha da própria autora. Ela o criou em homenagem à sua avó, como forma de assumir um posicionamento político que busca dar enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa, rompendo com convenções linguísticas e acadêmicas.

re-significar diversas das minhas práticas e valores — o que fez com que eu desejasse, ainda mais, seguir por esse caminho.

A entrega do artigo final, que elaborei com a minha pesquisa, coincidiu com o último semestre da faculdade. Nessa época, entusiasmada com o que havia produzido e vivenciado até então, estava certa de que prosseguiria com a carreira acadêmica, aplicando para a prova de mestrado na mesma universidade que estava me formando, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Com o programa de pós-graduação interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte, senti que todos os meus interesses e a minha forma de trabalhar seriam acolhidos.

Levando em conta tantas das “memórias refugiadas” que me atravessaram durante a vida, busquei continuar levando “[...] à incandescência a verdade de todos os lugares de memória [...]” (Nora, 1993, p. 13), fazendo vigilância comemorativa das lembranças daqueles que tiveram suas histórias apagadas.

Por ter percorrido os últimos anos da graduação na pandemia, fui completamente imersa neste contexto e provocada por ele durante a elaboração do meu projeto de mestrado. Acompanhando as notícias sobre como o vírus da Covid-19 estava atingindo violentamente as camadas socialmente menos privilegiadas, pela falta de regulamentação de políticas públicas de ordem econômica e sanitária, observava as questões sociais e políticas que dali emergiam.

Uma questão recorrente que me chamara bastante a atenção, talvez por carregar em minha memória os vestígios de histórias semelhantes, eram os relatos das trabalhadoras domésticas. Expostas a diversos riscos de contaminação e insegurança no ambiente de trabalho, elas tiveram pouco incentivo à “quarentena remunerada” e as suas jornadas de trabalho foram aumentadas, o que me mostrou como a discriminação e a vulnerabilidade dessa classe de trabalhadoras foi intensificada durante a pandemia.

Dessa forma, considerando que o trabalho doméstico é exercido no Brasil, majoritariamente, por mulheres negras e pobres, refletindo o racismo, sexismo e elitismo presente no país, comecei a investigar formas de levar o assunto para um estudo no mestrado.

Durante os dias que passei em isolamento com meus pais em casa, protegendo-me do vírus que rapidamente se espalhou pelo país, tirando a vida de milhares de pessoas, consumi diversos tipos de conteúdos da *internet*. Com o enorme acesso a materiais informativos sobre o andamento e os desdobramentos da pandemia, observei que estaria ali, nas mídias digitais, o *corpus* do meu projeto: a *webcomic Confinada* (2020).

Compartilhada semanalmente na página do *Instagram* do seu ilustrador, Leandro Assis, e escrita por Triscila Oliveira, a narrativa trazia um retrato satirizado, mas bem-humorado, da

elite brasileira. Por haver um foco nas desigualdades sociais promovidas nas relações de poder estabelecidas na contemporaneidade, a partir da ficcionalização da relação entre uma influenciadora digital e a trabalhadora doméstica de sua residência durante a pandemia da Covid-19, enxerguei a oportunidade de discutir a situação das trabalhadoras domésticas neste contexto e a sua relação com as discriminações de gênero, raça e classe. Afinal, as protagonistas da história representam grupos sociais distintos e o retrato fictício de suas realidades rememoram questões que dizem respeito aos indivíduos mais afetados pela pandemia.

Considerei o dispositivo da Análise do Discurso para a efetivação da minha pesquisa e, também, uma série de questões a respeito dos quadrinhos e da influência do meio digital para a promoção de discussões acerca das violências e discriminações que as trabalhadoras domésticas sofrem.

Assim, com essa proposta, no final do ano de 2021 entreguei o meu projeto e fui aprovada para o mestrado que tanto almejava. Dali em diante, fiz descobertas pessoais e profissionais que impactaram positivamente minhas experiências com a escrita, proporcionando-me vivências que aquela criança encantada pelos livros e a adolescente sonhadora ficariam orgulhosas.

A história que possibilitou a minha caminhada até aqui foi escrita por várias mãos. Como resultado da escuta inocente das lembranças daquelas que me deram a vida, o amor e o apoio, bem como do trabalho na pesquisa com os rastros deixados por sujeitos socialmente marginalizados, as palavras grafadas por mim aqui também servem “[...] como ato de rememoração e preservação da memória, um possível antídoto contra o esquecimento iminente [...]” (Almeida, 2013, p. 70).

Reconecto-me a essas memórias, que me fazem remeter ao passado, como uma forma de falar sobre minha origem, acreditando que elas sejam “[...] sempre e necessariamente feita de outros, por outros” (Coracini, 2010, p. 125), uma vez que “[...] minha individualidade não se produz em um vácuo, antes é moldada pelas formas sociais disponíveis e, evidentemente, por [minhas] interações com os outros” (Appiah, 2016, p. 22).

Hoje sei que escrevo porque sempre foi assim. Escrevo como quem respira, como quem cochila, como quem toma banho. Como quem sorri, como quem chora. Escrevo como quem diz: “eu estou viva” (Mallmann, 2019).

Deixo esse registro, nesta seção da dissertação, do agora para o depois, como uma forma de refletir sobre as trocas e vivências que contribuíram para que eu voltasse o olhar para os discursos de poder e para as desigualdades nas relações que organizam sociopolítica e

culturalmente o mundo em que vivemos, bem como excluem determinados grupos do círculo social. Faço reverberar os meus traços, talvez um pouco já escondidos, obscurecidos e esquecidos nos “espaços lacunares” da minha memória (Almeida, 2013, p. 60), de modo a entender o meu papel na sociedade contemporânea, a partir dos caminhos já percorridos por mim e por aqueles que possuem realidades diferentes da minha.

Percursos da pesquisa

O modo como a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável pela infecção por Covid-19, se sucedeu no mundo impressionou a todos, impactando a vida dos sujeitos de diferentes formas. No Brasil, a crise sanitária evidenciou diversos problemas estruturais e históricos do país, bem como agravou a desigualdade social aqui existente³. Ainda que a má gestão do governo federal durante esse período tenha sido nociva para a vida de toda a população, impactando, negativamente, a economia, a saúde e a educação de modo geral, os efeitos da ausência de ações governamentais eficazes ao longo da pandemia atingiram mais violentamente àqueles que já eram vulneráveis.

Com a ausência de políticas públicas eficientes e a falta de comprometimento do governo, que desrespeitou os protocolos de segurança sanitária recomendados pela ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) e por autoridades médicas brasileiras, negando evidências científicas e abusando da disseminação de informações falsas, populações marginalizadas — majoritariamente formadas por mulheres, negros e moradores da periferia —, que já precisavam lidar com problemas de diversas naturezas em seu cotidiano, se viram ainda mais desprotegidas, sendo absorvidas por uma crise sanitária, que piorava sua situação econômica e social.

Essa conjuntura, portanto, aprofundou desequilíbrios já existentes na sociedade brasileira e agravou o desamparo social de grupos variados, reforçando discriminações de ordem racial, de gênero e de classe. No mercado de trabalho, por exemplo, algumas das relações existentes e vivenciadas por profissionais formais e informais, tornaram-se muito mais precarizadas. Diante de alguns decretos, como o de nº 10.282⁴, publicado em março de 2020,

³ De acordo com os dados de uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgada em março de 2021, no Brasil, entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021, em plena pandemia, existiam cerca de 17,7 milhões de pessoas que voltaram à pobreza, passando de 9,5 milhões (4,5% da população) para 27,2 milhões em fevereiro (12,8% da população). Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=a-pandemia-agravou-a-desigualdade-de-renda-e-a-pobreza-no-brasil>>. Acesso em: 29 de set, 2023.

⁴ O Decreto nº 10.282, publicado em 20 de março de 2020, definiu quais serviços eram essenciais durante a pandemia e quais atividades deveriam ser mantidas durante esse período, sem direito ao isolamento ou à quarentena

nem todos os trabalhadores puderam colocar em prática medidas de proteção indicadas pela OMS, como o isolamento e o distanciamento social. Muitos deles tiveram suas ocupações impostas como essenciais para o funcionamento da economia e, sem direito à quarentena remunerada, se viram sujeitados ao risco de exposição ao vírus e à consequente contaminação, como forma de manter o próprio sustento e da família.

Ao incluir maior flexibilização nas condições de trabalho, as ações tomadas pelo governo no decorrer da pandemia privilegiaram as classes hegemônicas, intensificando a superexploração de trabalhadores de diversos setores, como da saúde, de cuidados, de alimentos e de transportes, bem como reforçando opressões sociais, já que prejudicavam, principalmente, a qualidade de vida e o bem-estar de grupos vulneráveis.

O trabalho doméstico remunerado⁵, neste sentido, foi um dos setores mais afetados durante a pandemia — especialmente se levadas em conta as situações de exploração e discriminação às quais as trabalhadoras domésticas foram submetidas e que estão diretamente ligadas às relações sociais, culturais e econômicas que remontam ao período escravocrata, já que a maioria dessas profissionais são mulheres negras e pobres⁶. A quantidade de trabalhadoras domésticas mortas pela Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, por exemplo, corresponde a 2,4% do total de vítimas da doença no estado de São Paulo⁷. Além disso, no auge da crise, as perdas de emprego entre essas profissionais variaram de 25% e 50% — bem acima de outros setores.

A inclusão dessa ocupação como serviço essencial, que tirou o direito dessas profissionais de realizarem o isolamento e, na maior parte dos casos, de desempenharem a quarentena remunerada, fez com que essa categoria sofresse ainda mais com a informalidade e precarização para a manutenção do seu emprego, bem como escancarou as dinâmicas

remunerada. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2020/decreto-10282-20-marco-2020-789863-publicacaooriginal-160165-pe.html>>. Acesso em: 8 maio, 2023.

⁵ Considerar o adjetivo “remunerado” é importante, aqui, uma vez que ele evidencia a existência de uma parcela significativa de trabalhadoras domésticas que não apresentam sua profissão registrada e computada, o que a torna invisibilizada diante da lógica capitalista (Teixeira, 2021, p. 80).

⁶ Segundo dados da PNAD Contínua (2020), do IBGE, em 2020, havia no Brasil 4,9 milhões de pessoas ocupadas no trabalho doméstico. Desse total, 4,5 milhões eram mulheres e 3 milhões eram mulheres negras. É a partir dessas desigualdades que se sustenta, portanto, boa parte das vulnerabilidades do trabalho doméstico e de cuidados no Brasil, que foram agravadas pelas condições da pandemia de Covid-19.

⁷ *Motoristas, domésticas e pedreiros estão entre os que mais morrem de Covid-19*. Disponível em: < <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/06/motoristas-domesticas-e-pedreiros-estao-entre-os-que-mais-morrem-de-covid-19-em-sp.shtml>>. Acesso em 29 de set, 2023.

trabalhistas que naturalizam o estado de subordinação e servidão de sujeitos vulneráveis, como as mulheres negras e pobres.

Com a exposição a diversos riscos de contaminação, além de um possível aumento nas suas jornadas de trabalho — dado o maior tempo gasto em conduções, já que as frotas de transporte público, muito utilizados por essas profissionais, foram reduzidas durante o período da pandemia; ou a ampliação das demandas, causada pela redução de trabalhadoras que aceitavam se submeter a serviços em situações adversas como essa —, as domésticas se viram desamparadas pelo poder público e continuaram a ter que lidar com questões que concernem à sua desvalorização e à invisibilidade dos seus direitos sociais coletivos e individuais.

As relações estabelecidas durante esse período evidenciam, portanto, o modo como os sistemas sociopolíticos e econômicos contemporâneos foram sendo organizados e colocados em funcionamento. As práticas que posicionaram o trabalho doméstico neste lugar de vulnerabilidade são estruturadas por desigualdades e favorecem apenas uma parcela da sociedade, privilegiada, ainda, pela lógica colonial.

Diante disso, a pesquisa em questão propõe uma discussão de natureza discursiva sobre a situação das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, tomando como objeto de pesquisa as representações desse trabalho, das profissionais que o exerce e das relações entre elas e seu patronato, em quadrinhos publicados no ambiente digital durante a crise pandêmica, de forma que seja realizada uma investigação acerca desse cenário e questionado o vínculo dessa estrutura de trabalho com as discriminações de gênero, raça e classe.

Para um aprofundamento das discussões a serem feitas a respeito do assunto, é composto um *corpus* sobre a *webcomic Confinada* (2020), de Triscila Oliveira⁸ e Leandro Assis⁹, que foi veiculada por meio da página oficial do autor no *Instagram* (@leandro_assis_ilustra), entre os meses de abril de 2020 e 2021.

Em 2019, Leandro começou a publicar em seu perfil pessoal do *Instagram* a *webcomic Os Bolsominions* (2019) — uma referência ao termo pejorativo utilizado para denominar os seguidores do ex-presidente Jair Bolsonaro. O cartunista, que já publicava algumas charges e tiras se posicionando contra o governo de Bolsonaro, resolveu criar a série em quadrinhos como forma de dialogar sobre o perfil e as atitudes discriminatórias

⁸ Ciberativista e roteirista brasileira, Triscila de Oliveira é uma mulher negra e possui uma história de vida que parece refletir em seu repertório profissional, elaborado em *Confinada* (2020). Entre as suas vivências, a artista já foi trabalhadora doméstica, bem como é filha e sobrinha de mulheres que trabalham com o serviço doméstico.

⁹ Leandro Assis é roteirista e quadrinista brasileiro.

desses eleitores. Ao desenvolver uma narrativa habitada no contexto da classe média alta do Rio de Janeiro, o ilustrador buscou abordar temas sociais como a desigualdade, a homofobia, o racismo, entre outros.

Pouco após a publicação da terceira série de tirinhas de *Os Bolsominions* (2019), a *webcomic* viralizou e o perfil de Leandro, que contava com 3 mil seguidores, saltou, em pouco mais de um mês, para 450 mil. Com o alcance de suas histórias na rede, o desenhista acabou conhecendo Triscila Oliveira, que interagiu com ele ao se identificar em uma tira intitulada "Manteiga" — a qual contava a história de uma doméstica que acordava 4 horas mais cedo que a patroa para chegar a tempo no trabalho e, ainda, recebera uma bronca desta que acreditava ser necessário chegar mais cedo para que não servisse a manteiga dura no café da manhã. Depois disso, Triscila se tornou roteirista da *webcomic*, renomeada posteriormente para *Os Santos* (2019), passando a retratar as vivências e as desigualdades sociais de duas famílias: a de brancos ricos da Zona Sul do Rio de Janeiro e a das domésticas que trabalhavam em sua residência, mulheres negras da periferia.

Desse modo, buscando fazer um retrato satirizado da elite brasileira, com foco nas desigualdades sociais promovidas pelas relações de poder estabelecidas ao longo da crise pandêmica no Brasil, *Confinada* (2020) surge como uma história derivada de *Os Santos* (2019), a qual explora a relação entre influenciadora digital Fran Clemente e Ju, a única trabalhadora doméstica que aceitou permanecer em sua residência durante a pandemia de Covid-19.

Por meio de registros em pintura de aquarela acabada com nanquim, marcados por cores fortes, além de uma linguagem verbal “ácida”, mas humorada, os quadrinhos mostram vivências diferentes entre as dinâmicas de uma família de classe média alta da Zona Sul do Rio de Janeiro e as famílias de mulheres negras que trabalham como domésticas para garantir o sustento e a sobrevivência de toda a família. As protagonistas da história, portanto, aparecem como representantes de grupos sociais distintos e a ficcionalização de suas realidades levantam diversas questões político-sociais importantes.

Mediante o estudo das representações que emergem nos quadrinhos sobre essas personagens, realiza-se, desse modo, uma análise discursiva — a partir dos estudos foucaultianos do discurso e do dispositivo da Análise do Discurso de linha francesa (Foucault, 1999 ; Pêcheux, 1990, 2008; Gregolin, 2006) —, em que se busca identificar, por meio da materialidade linguística e imagética, presentes no discurso do gênero *webcomic*, efeitos de sentido que dizem respeito às questões apontadas sobre a condição das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, em comparação com seus

empregadores, de classe social e econômica privilegiada, como também, outras questões que permeiam essa conjuntura. Isso configura o trabalho como um estudo de caso, de cunho discursivo e de natureza qualitativa e interpretativa, em que se traz o aporte da etnografia digital.

Com base no que foi apontado, o estudo busca reconhecer, portanto, de que maneira essa conjuntura evoca uma memória sobre o período escravocrata no país, compreender o papel das mídias digitais e das novas tecnologias na produção e no consumo de conteúdos que debatem temáticas sociais, bem como examinar de que forma o uso da ironia e da sátira, presentes no gênero histórias em quadrinhos, contribui para a apresentação e discussão de problemáticas que evidenciam as relações sociais de poder vigentes.

Para tanto, na primeira seção do capítulo de fundamentação teórica, chamada “Os discursos de poder e a sua relação com as práticas sociais contemporâneas ligadas ao trabalho doméstico”, são caracterizadas as dinâmicas em que o poder se manifesta, de forma a situar o modo de operação das relações sociais que sustenta o trabalho doméstico, bem como as normas e valores que contribuem para a constituição dos papéis sociais das trabalhadoras e de seus empregadores. Com isso, são trabalhados os conceitos de poder disciplinar e biopolítico (Foucault, 2021); (Deleuze, 1990), de psicopolítica (Han, 2020), de necropoder (Mbembe, 2018) e necrobiopoder (Bento, 2018).

Para compreender a influência da lógica colonial no modo como a sociedade e os sujeitos se organizam na contemporaneidade, toma-se a perspectiva dos estudos decoloniais. Desse modo, na segunda seção do trabalho, intitulada de “Desdobramentos da colonialidade para a formação do papel social das domésticas no Brasil contemporâneo: uma reflexão decolonial”, discute-se a ideia de que durante o período colonial foram criados dispositivos específicos de controle, classificação e (des)legitimação, os quais favoreceram grupos sociais mais próximos do pensamento europeu-ocidental, afetando dinâmicas sociais atuais, como o trabalho doméstico retratado em *Confinada* (2020).

No terceiro subitem, chamado “Interseccionalidade: o (inter)cruzamento dos dispositivos de gênero, raça e classe”, procura-se observar como a intersecção entre as estruturas de gênero, classe e raça contribuíram para a formação de discriminações e violências, as quais agiram em favor da condição subalternizada projetada sobre as trabalhadoras domésticas ao longo da história.

Em “A memória social do trabalho doméstico como um elemento estruturante da sociedade brasileira”, outro subitem da fundamentação teórica, discute-se a ligação do trabalho doméstico com o processo de formação sociocultural e histórica do Brasil. Desse modo, são

levantadas reflexões em torno da figura da “mãe-preta” e como a imagem dessa “personalidade histórica” reverbera constantemente no imaginário da população, reforçando estereótipos que influenciam a construção da memória social brasileira, a relação complexa entre domésticas e seus padrões, bem como as dinâmicas gerais em que o trabalho doméstico acontece no país.

Com isso, na última seção do capítulo da fundamentação teórica, “A senzala moderna é o quatinho da empregada”, dedica-se à discussão sobre o contexto histórico e sociopolítico em se dá o trabalho doméstico no Brasil, como forma de melhor compreender o papel social das domésticas e da sua constituição como uma “personagem social” permeada por estereótipos e preconceitos. Tudo isso é perpassado pelas condições em que se desenvolveu o serviço doméstico no decorrer do período escravocrata — abordadas, também, no subitem anterior — e como isso influenciou as questões contemporâneas que dizem respeito à essa profissão.

Em “A pandemia de Covid-19 no Brasil e os quadrinhos no mundo digital: compreendendo o papel de *Confinada* (2020) como crítica social”, segundo capítulo do trabalho, investiga-se como o consumo de conteúdos político-sociais veiculados em ambiente digital, como a série de quadrinhos *Confinada* (2020), pode contribuir para o processo de reflexão e discussão sobre pautas sociais. À vista disso, é traçado um panorama sobre o contexto de produção da história em quadrinhos — ou seja, a pandemia de Covid-19 no Brasil —, como também sobre a condição das domésticas nesse período específico, de modo a compreender melhor os cenários desta conjuntura. Examina-se, também, o modo como foi feito uso das redes sociais — mais especificamente o *Instagram* —, neste período, refletindo-se sobre o gênero *webcomic* e o efeito que ele, como objeto artístico veiculado em ambiente digital, pode ter para o debate de temáticas sociais.

Levando estas questões em consideração, compreende-se que o segundo capítulo corresponde a um estudo sobre as condições de produção do discurso a ser analisado de *Confinada* (2020). Considerou-se relevante, desse modo, examinar as características principais do contexto interlocutivo em que a *webcomic* foi produzida, bem como os lugares de enunciação dos sujeitos envolvidos no processo de elaboração da narrativa.

No terceiro capítulo, são apresentados os aspectos procedimentais e a metodologia da pesquisa. É desenvolvido, portanto, o conceitos de pesquisa qualitativa e interpretativa; pensado como a configuração deste estudo de caso no campo da pesquisa interdisciplinar, bem como detalhados os aspectos dos estudos foucaultianos do discurso, do dispositivo da Análise do Discurso de linha francesa e da etnografia digital.

Como forma de demonstrar a aplicabilidade dessa conceituação, apresenta-se, ao final, análises de nove recortes discursivos da *webcomic Confinada* (2020), distribuídos em três eixos temáticos: “vidas infames”; “como se fosse da família” e “Os Bolsominions”. Ainda, é apresentada uma amostra de seis comentários realizados nas publicações de *Confinada* (2020) no *Instagram*, em que se problematiza, pela etnografia digital, o comportamento do público leitor das tirinhas, bem como o uso do espaço digital para a disseminação da história em quadrinhos. Assim, reflete-se sobre a criação de comunidades e culturas neste ambiente, como também se discute a influência do meio digital para a promoção de debates com pautas sociopolíticas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Os discursos de poder e a sua relação com as práticas sociais contemporâneas ligadas ao trabalho doméstico

As relações sociais têm sido definidas e sustentadas por conjuntos de normas e valores construídos historicamente durante a passagem dos séculos. Contribuindo para a produção de diferenças culturais e políticas significativas entre os diversos grupos que constituem a sociedade, esses aspectos, ditados por discursos hegemônicos, acabam determinando as formas de constituição da subjetividade desses sujeitos e, com isso, muitas vezes, legitimando formas de exclusão, na medida que favorecem uma parcela da sociedade que se beneficia de alguns privilégios. A operação de sistemas político-sociais e econômicos produz, então, dinâmicas em que o poder se manifesta das mais diversas formas, estabelecendo hierarquias entre aqueles que vivem nessa estrutura.

O modo como o trabalho doméstico — retratado na história em quadrinhos *Confinada* (2020), em um recorte específico do momento da pandemia de Covid-19 — é exercido no Brasil deve, nesse sentido, ser analisado sob uma ótica que considera as desigualdades sociais estruturantes do país, as quais, validadas pelo exercício contemporâneo do capitalismo, estabeleceram um lugar marginalizado e precarizado para essa profissão, que se colocou de forma mais evidente durante a crise sanitária e econômica vivenciada por milhares de brasileiros durante 2020 e 2021.

Entende-se, diante disso, a necessidade de discutir e analisar a organização dos discursos de poder e a sua relação com os componentes da formação sociocultural do Brasil, que estão ligados à constituição do papel social das domésticas e da identidade da população. Para tanto, a fim de esclarecer o funcionamento das relações de poder estabelecidas nas dinâmicas de

trabalho doméstico no país — que são representadas na produção midiática de *Confinada* (2020) — apresentam-se interpretações distintas do conceito de poder, suas diferentes definições e algumas das reflexões propostas sobre seus efeitos, individuais e coletivos.

Para o filósofo francês Michael Foucault (2021), por exemplo, o significado e o funcionamento do poder pode ser compreendido de modo diferente daquele defendido pela teoria política tradicional, que atribui essencialmente ao Estado o monopólio do poder social por meio de instituições. Em *Microfísica do poder* (2021), obra que reúne uma coletânea de artigos, cursos, entrevistas e debates, Foucault analisa questões em torno da natureza do poder e o seu exercício nas sociedades. Para ele, o poder atravessa toda a estrutura social, constituindo-se em *micropoderes*, exercidos por relações de poder múltiplas, que não estão centradas em nenhuma instituição exclusivamente:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais [...]. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali [...] (Foucault, 2021, p. 284).

Interessa, portanto, entender a maneira como as práticas de poder são exercidas nos níveis mais baixos, do cotidiano, como a família, a vizinhança, o hospital e a escola. Assim, entendendo como essas dinâmicas “se descolocam, se expandem e se modificam” (Foucault, 2021, p. 285), compreende-se como são “investidas e anexadas por fenômenos mais globais [...]” (Foucault, 2021, p. 285), tornando-se “economicamente vantajosas e politicamente úteis” (Foucault, 2021, p. 287).

Nesse sentido, cabe salientar que o filósofo não nega a importância do Estado, mas que evidencia o fato de que a existência de diferentes formas de exercício do poder, articuladas ao Estado, são indispensáveis para o seu funcionamento e eficaz atuação. A partir dos *micropoderes*, exerce-se o que Foucault chama de poder disciplinar, em que determinados dispositivos¹⁰ são acionados por instituições, de modo a controlar os corpos e seus atos por meio da disciplina. Coloca-se em exercício, portanto, uma biopolítica, em que as vidas dos sujeitos são regidas por imposições normatizadoras, de acordo com os interesses políticos, econômicos e culturais da classe dominante.

¹⁰ Dispositivos, nesse sentido, são entendidos por Deleuze (1990b) como operadores materiais do poder, estabelecidos em rede. Nesse sentido, dizem respeito às tecnologias que os sujeitos agregam à sua vida e que os levam à autogovernança e à possibilidade de que o Estado exerça também o poder de governar. O gênero, a raça e a classe são exemplos desses operadores e, quando apropriados pelo discurso, influenciam na organização das estruturas da sociedade contemporânea, assujeitando os indivíduos.

Para que essas relações de (bio)poder possam funcionar, Foucault afirma a necessidade de “[...] uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso” (Foucault, 2021, p. 278). Sendo assim, o autor defende que os sujeitos são colocados em redes de produção e significação que designam processos de treinamento e modificação, tanto em termos de comportamento, quanto de percepção da realidade.

Segundo uma de suas análises, realizada em 1982, no primeiro seminário ministrado pelo filósofo na Universidade de Vermont, esses princípios e mecanismos que atuam sobre os sujeitos, como uma espécie de mediador das dinâmicas da vida social, podem ser lidos como “tecnologias”. Autônomas em relação ao Estado, às instituições e à burocracia, elas estão presentes na cultura ocidental urbanizada, colocando em prática os dispositivos de poder, e foram apresentadas por Foucault em quatro tipos:

(1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (Foucault, 2011, p. 323-324).

A maneira como esses dispositivos funcionam em certos níveis da sociedade, especialmente aqueles elementares, é o que pode determinar, portanto, quais papéis os sujeitos — como as domésticas —, assumem, individual e coletivamente. Enquanto são colocados em prática mecanismos que definem as relações de poder a serem estabelecidas, são também obedecidos os interesses de determinados grupos, conformando-se, assim, as subjetividades.

Com a passagem de um modelo de sociedade moderna para o da contemporaneidade, baseado em um regime neoliberal que governa as atitudes e as vontades dos sujeitos, bem como as normas trabalhistas, novas formas de se relacionar e exercer o poder foram se concretizando, fazendo-se necessária uma nova análise sobre esses fatores. Ainda que o funcionamento do corpo social possa ser visto sob o olhar do poder disciplinar, elaborado por Foucault, é possível observar que, na contemporaneidade, os sujeitos se encontram inseridos em um momento de transição, entre aquilo que seria o “encarceramento completo”, comandado pelos *micropoderes* e suas instituições normatizadoras, para uma espécie de controle caracterizado por redes — ou seja, pulverizado, aberto e contínuo.

Na chamada sociedade de controle, concebida a partir das reflexões propostas por Deleuze (1990a), o aspecto disciplinar do poder não desaparece, mas deixa de atuar,

estruturalmente e exclusivamente, a partir de certas instituições, como a escola, a família e a vizinhança. Os dispositivos de poder que ficam circunscritos aos espaços fechados dessas instituições passam a adquirir mais fluidez, agindo de forma rarefeita e virtual¹¹ em todas as esferas sociais. Ou seja:

[...] enquanto a sociedade disciplinar se constitui de poderes transversais que se dissimulam através das instituições modernas e de estratégias de disciplina e confinamento, a sociedade de controle é caracterizada pela invisibilidade e pelo nomadismo que se expande junto às redes de informação (Lopes; Santos, s.d., on-line).

Com a transmissão de informações fortemente impulsionada pelas tecnologias físicas ou sem fio utilizadas ao longo das últimas décadas, os dispositivos disciplinares passaram, portanto, a se tornar menos limitados e os sujeitos foram sendo controlados independentemente de onde estivessem.

Byung-Chul Han (2020), filósofo sul-coreano, associa esse fenômeno, principalmente, à ascensão do sistema neoliberal e sua política de defesa do progresso, por meio da proteção do indivíduo e de sua liberdade individual. O autor defende que a tentativa de fazer um uso intensivo dessa liberdade deu espaço a um regime de controle denominado por ele de “psicopolítica digital”.

Segundo Han, esse fator está relacionado ao avanço da vigilância passiva para o controle ativo, de modo que haveria, atualmente, um movimento de “crise da liberdade”, em que um conhecimento de dominação intervém na psique dos sujeitos, influenciando-os em um nível pré-reflexivo (Han, 2020, p. 23). Isso ocorre porque, no regime neoliberal, o capital representa uma “[...] nova transcendência, uma nova forma de subjetivação” (Han, 2020, p. 16), gerando suas próprias necessidades, que equivocadamente os sujeitos interpretam como se fossem deles.

Neste sentido, o “eu” projetado pela sociedade neoliberal, acreditando ter se libertado de coerções externas e das restrições impostas por outros, agora, submete-se a coerções internas. Assim, ele reproduz o contexto de dominação em si e o interpreta como liberdade, mas, na verdade, coloca em exercício uma espécie de autoexploração, com controle e limitações (Han, 2020, p. 09).

As mídias digitais, nesse contexto, em que são utilizadas como instrumentos para a disseminação rápida de informações, mas, também, para outras funcionalidades, são reconhecidas por Han como facilitadores desse tipo de exploração. Vinculando a autoexposição

¹¹ Nesse sentido, leva-se em consideração o conceito de “virtual” como algo que se apresenta com uma existência em potencial e que, a partir do momento que é colocado em funcionamento, possui efeitos reais (Lévy, 1996).

e a autorrevelação voluntárias realizadas pelos sujeitos por meio do uso da *internet* à uma “ditadura da transparência”, o sul-coreano entende as redes digitais como um “médium” da liberdade ilimitada, que se “[...] transformaram em monitoramento e controle total [...]” (Han, 2020, p. 19), assemelhando-se a “[...] panópticos digitais que observam e exploram impiedosamente o social” (Han, 2020, p. 19).

Por isso, ao citar a biopolítica de Foucault (2021), anteriormente mencionada, Byung-Chul Han (2020) afirma que o conceito já não é mais apropriado para descrever a nossa sociedade, caso seja considerado o funcionamento e as demandas do regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a *psique*:

O neoliberalismo como forma de evolução ou mesmo como mutação do capitalismo não se preocupa primariamente com o biológico, o somático o corporal. Antes, descobre a psique como forma produtiva. A virada para a psique e, em consequência, para a psicopolítica, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos (Han, 2020, p. 39).

A forma como a distribuição de poder foi sendo moldada ao longo do tempo é, portanto, dependente dos processos econômicos, históricos e políticos imaginados e construídos pelo corpo social. Com isso, os modos de constituição dos sujeitos foram sendo delineados, a partir de determinados interesses, e relações hierárquicas se consolidaram.

Quijano (2005; 2010), sociólogo peruano, afirma que, por meio dessa lógica, é possível compreender como a colonialidade¹² é uma forte influência na forma como as dinâmicas de poder se apresentam na sociedade atual. A partir da explicação sobre a ligação que esse fenômeno apresenta com a globalização, a constituição da América, o capitalismo e o pensamento eurocêntrico, o autor evidencia como as relações de dominação europeia distribuíram lugares e funções aos sujeitos no mundo capitalista, ditando padrões e determinando um novo padrão de poder mundial:

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido (Quijano, 2005, p. 117).

¹² Neste caso, entende-se “colonialidade” como um dispositivo de poder que emergiu da experiência moderna-colonial e que não é datada historicamente como o “colonialismo”, uma vez que se propaga por meio da lógica de relações coloniais que se constituíram entre saberes e modos de vida — questões que serão exploradas e aprofundadas mais à frente.

A percepção desenvolvida por Quijano, de que a colonialidade está vinculada, especialmente, à discriminação étnico-racial e ao capitalismo, apresenta força entre os estudos contemporâneos sobre a decolonialidade, os quais colocam a primeira noção quase sempre como hegemônica. No entanto, é de grande importância considerar a crítica feita por Maria Lugones (2020), filósofa argentina, ao autor peruano, uma vez que ela aponta como este estaria alheio às questões de gênero, subordinando-as ao processo de racialização.

Ao levar em consideração os estudos desenvolvidos por Lugones (2020), observa-se como o gênero e a sexualidade também serviram como princípio organizador da sociedade, uma vez que “[...] o processo de colonização e de constituição do capitalismo global eurocentrado produziu diferenças e hierarquias de gênero em lugares em que, anteriormente, não existiam” (Tonial et. al., 2020, p. 15). A partir disso, a autora propõe uma discussão, a partir da investigação sobre a intersecção entre raça, classe, gênero e sexualidade, indicando que o processo de racialização não opera sozinho, mas se articula a outros, como o de *genderização*:

‘Colonialidade’ não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas reações intersubjetivas (Lugones, 2020, p. 6).

Neste sentido, a ocupação colonial e a lógica de dominação, decorrente desse período histórico estabeleceu um novo conjunto de relações sociais e espaciais, criando fronteiras e hierarquias, extraindo recursos, classificando pessoas em diferentes categorias e, ainda, produzindo “uma ampla reserva de imaginários culturais” (Mbembe, 2018, p. 39).

Para Achille Mbembe (2018), filósofo, historiador e professor camaronês, esses imaginários foram o que deu sentido à “[...] instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço” (Mbembe, 2018, p. 39). Em resumo, foram esses os mecanismos e dispositivos que promoveram o exercício do poder, capacitando determinados grupos, considerados dominantes, para “[...] definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é” (Mbembe, 2018, p. 41).

Assim, o autor pressupõe que a implantação e manifestação máxima do poder reside neste espaço de controle sobre a mortalidade e a vida. Portanto, ele aponta que, se para Foucault, o biopoder estaria relacionado ao “[...] domínio da vida sobre o qual o poder estabeleceu o controle” (Mbembe, 2018, p. 6), no caso da morte, fala-se a respeito do necropoder.

Em cenários como o do Brasil, em que minorias são estigmatizadas de forma singular pelas instituições, tendo suas existências inferiorizadas, suas vidas descartadas de forma

violenta e suas necessidades ignoradas, intelectuais estudam a aplicação do conceito para essa realidade. Berenice Bento (2018), socióloga brasileira, argumenta que o exercício do poder de “dar vida e dar a morte”¹³, na história do Brasil, não pode ser pensado de modo em que os processos estejam separados (Bento, 2018, p. 3). A partir disso, ela apresenta o conceito de “necrobiopoder”:

[...] o necrobiopoder unifica um campo de estudos que tem apontado atos contínuos do Estado contra populações que devem desaparecer e, ao mesmo tempo, políticas de cuidado da vida. Dessa forma, proponho nomear de necrobiopoder um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros devem viver (Bento, 2018, p. 7).

O modo como o poder tem se manifestado na sociedade contemporânea, portanto, é, de maneira geral, resultado da instituição de discursos e dispositivos de poder particulares, ligados ao sistema político-social e econômico vigente, mas, também, às estruturas específicas sobre as quais determinadas civilizações foram concebidas. Pode-se interpretar, desse modo, a expressão do poder na atualidade como uma associação dos vários conceitos aqui apontados: o poder disciplinar, biopolítico, psicopolítico, colonial e necro(bio)político.

Neste sentido, para uma análise das relações de poder perpetuadas na realidade brasileira, como a que se propõe fazer sobre o trabalho doméstico, deve-se considerar, primeiramente, essa ocupação como um dos elementos estruturantes da nossa sociedade, levando em conta, assim, as dinâmicas de poder estabelecidas no Brasil, a partir de componentes do capitalismo contemporâneo, mas, também, da trajetória de formação sociocultural e histórica do país. Esses fatores, de maneira geral, esclarecem o processo de construção do papel social das domésticas, principalmente em relação aos seus empregadores, bem como evidenciam as desigualdades estruturais promovidas por mecanismos de controle, classificação e deslegitimação de indivíduos, os quais solidificaram hierarquias e discriminações sociais, colocando essa profissão em um lugar marginalizado.

Subscritas, principalmente, nos laços complexos de trabalhadoras domésticas com seus patrões, bem como no imaginário da população, as relações sociais vinculadas ao trabalho doméstico no Brasil foram sendo estruturadas em torno das desigualdades consolidadas durante os séculos de invalidação dos sujeitos fora do padrão hegemônico europeu-ocidental, como

¹³ A autora Berenice Bento, no artigo *Necrobiopoder: quem pode habitar o estado-nação* (2018), empresta a expressão “dar vida e dar a morte” do filósofo italiano Giorgio Agamben (2002). Ele a utiliza para argumentar sobre a existência de um modelo de poder que decide quem merece viver ou não.

também pela negação dos direitos dos trabalhadores, especialmente as mulheres negras e pobres. Desse modo, reconhece-se a relevância de estudar o vínculo do papel social das domésticas com o processo de formação sociocultural do país — colocando-as no centro da estrutura social brasileira (Segato, 2021) —, como também, esclarecer como os dispositivos de gênero, raça e classe têm sido operados pela classe dominante de forma a manter seus privilégios sociais e econômicos, subjugando determinados sujeitos.

Ademais, ao considerar o cenário composto pela pandemia de Covid-19 no Brasil, a qual se pretende analisar a partir do estudo da história em quadrinhos *Confinada* (2020), revela-se, ainda, uma série de questões ligadas à manifestação do poder e à constituição de hierarquias, especialmente relacionadas ao controle sobre a mortalidade e a vida da população brasileira (Bento, 2018). As desigualdades sociais, manifestas pelo acesso desigual a sistemas de saúde, por moradias inadequadas e pela impossibilidade de se isolar, junto à ausência de políticas públicas eficientes para o enfrentamento dessa crise, colocaram a população mais vulnerável como a mais afetada pela pandemia.

Segundo um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, da PUC-Rio, o qual analisou a variação da taxa de letalidade do Covid-19 no Brasil de acordo com variáveis demográficas e socioeconômicas, pessoas pretas e pobres foram as que mais morreram pela doença no país. Enquanto quase 55% de pretos morreram por Covid-19 entre os anos de 2020 e 2021, a proporção entre brancos ficou em 38%¹⁴.

Pode-se observar, desse modo, uma distribuição da sociedade, em que foi negada a indivíduos pobres, pretos e periféricos a possibilidade de terem a sua vida preservada ao longo da pandemia no Brasil — seja por questões de desigualdades estruturais vivenciadas no país e a má gestão governamental durante o período. Muitos daqueles que representam a população preta e pobre do país — trabalhadores de serviços essenciais e informais, trabalhadores que não puderam realizar o isolamento, dentre os quais estão as domésticas, além de pessoas pobres idosas e com comorbidades, geralmente com acesso precário ao sistema de saúde público —, foram expostos ao adoecimento e ao risco de morte.

Tomando, portanto, a estrutura social e as relações constituintes nas quais os indivíduos são formados como ponto de partida para a discussão da situação das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil e da sua relação com o sexismo, o racismo e a

¹⁴ Dados coletados da reportagem da *BBC News Brasil*, “Por que o coronavírus mata mais pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo”. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421> >. Acesso em 20 set, 2023.

desigualdade social, a partir da análise discursiva de *Confinada* (2020), busca-se refletir sobre a materialidade social que constitui as identidades vinculadas a esse sistema de opressão.

À diante, serão discutidos pontos iniciais, ligados à afirmação da lógica colonial, que contribuíram para a composição desse sistema baseado em relações formadas em torno da diferença e da submissão.

1.2. Desdobramentos da colonialidade para a formação do papel social das domésticas no Brasil contemporâneo: uma reflexão decolonial

Uma realidade rigorosamente marcada por constantes processos de violação de direitos básicos, com a desproteção social, a exclusão, a discriminação e o empobrecimento, é vivida cotidianamente pela maior parte da população brasileira estigmatizada pela raça, pelo gênero e pela classe. Mulheres negras sofrem abusos de diferentes naturezas em sua vida privada e profissional; indígenas têm os seus conhecimentos locais inferiorizados e os seus direitos de cidadãos negados¹⁵; pessoas negras, com deficiência e grupos da comunidade LGBTQIA+ são vítimas de posturas preconceituosas e violentas¹⁶; comunidades quilombolas lutam pelo direito aos seus territórios; trabalhadores vivem em condições de vida e emprego precarizados. Delimitando-se lugares, funções e identidades, no exercício de colocar em evidência hierarquias de ordem étnico-racial, trabalhistas, de gênero, de classe e culturais, o modo de vida da sociedade brasileira contemporânea tem se organizado a partir de relações de poder construídas pela colonialidade e que, junto aos mecanismos de funcionamento do sistema capitalista neoliberal, compõem uma estrutura social opressiva e excludente.

¹⁵ Os conflitos pela posse de terras indígenas são um caso ilustrativo de como esse grupo social tem sido negligenciado de seus direitos. O marco temporal (PL 2.903/2023), projeto de lei apoiado por ruralistas, defende, por exemplo, que a demarcação de terras só possa acontecer caso seja comprovado que os indígenas estavam sobre o espaço requerido em 5 de outubro de 1988, quando a Constituição Federal atual foi promulgada — o que ignora o longo período histórico em que os povos originários viveram no país antes da Constituição, bem como da colonização. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stf-define-regras-sobre-marco-temporal-para-demarcacao-de-terras-indigenas/#:~:text=O%20que%20C3%A9%20o%20marco,a%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20atual%20foi%20promulgada.>>. Acesso em: 01 de nov, 2023.

¹⁶ Em 2020, por exemplo, João Alberto, um homem negro, foi espancado até a morte por seguranças brancos do supermercado Carrefour em Porto Alegre, após se desentender com uma funcionária do caixa. Disponível: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-e-morto-em-supermercado-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>>. Acesso: 01 de nov, 2023.

¹⁷ No ano de 2017, um casal gay, de moradores de Araraquara, no interior de São Paulo, foi espancado após se abraçar em uma praça pública e ficou com vários hematomas. Disponível: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2017/03/casal-gay-e-espancado-com-pa-apos-abraco-e-alega-homofobia-bichinhas.html>>. Acesso: 01 de nov, 2023.

Diante disso, para uma análise discursiva de *Confinada* (2020), em que se propõe o estudo da situação das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil e da sua relação com as discriminações de gênero, raça e classe, pretende-se, neste momento do trabalho, esclarecer a origem desses dispositivos, a partir da lógica colonial, e como eles foram sendo manipulados pela classe dominante, desde o período de colonização do país, garantindo a manutenção dos seus privilégios e a marginalização de outrem. Considera-se, portanto, apoiada em uma reflexão decolonial, a materialidade que constitui as identidades formadas por essa estrutura e que contribui para a formação do papel social das domésticas no mundo contemporâneo, bem como para o retrato sociocultural e histórico do Brasil.

De início, compreende-se o surgimento da modernidade como uma “[...] narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa” (Mignolo, 2017, p. 4). Com mudanças políticas, científicas, tecnológicas e sociais significativas — transformações radicais associadas ao Renascimento, bem como ao Iluminismo, à Reforma Protestante, à Revolução Francesa e ao surgimento do capitalismo —, esse processo histórico acabou se constituindo, sob um ponto de vista eurocêntrico, à sombra de uma ótica *desenvolvimentista*, em que o modo de vida e as perspectivas culturais e civilizatórias dos europeus foram sendo enxergados como mais avançados.

Ocultando, então, sua concepção exploratória de controle e dominação sobre outros povos e suas formas de produzir conhecimento, levou-se à determinação de um padrão de poder mundial, que se propagou, das mais diversas formas, entre os Estados-nação, os sujeitos e seus diferentes modos de viver.

A colonização, neste sentido, passa a ser um projeto “civilizatório” buscado pelos europeus. Com as navegações e a busca por expansão territorial, tal empreitada alcançou não apenas grande acumulação de riquezas, mas também o controle europeu de todas as formas de subjetividade, cultura e conhecimento (Quijano, 2005, p. 121). Ao desembarcarem em outros continentes, com uma identidade diferente daquela vivida pelos habitantes do lugar e, pela força, subjugarem essa população, conquistaram seus objetivos, ao mesmo tempo que exploravam o trabalho desses povos por meio de mecanismos militares, religiosos e administrativos, inferiorizando os colonizados em benefício próprio (Quijano, 2010 *apud* Tonial et al., 2020, p. 7). Com isso, o colonialismo se consolidou como um período histórico sustentado pela dominação, edificando uma estrutura na sociedade ocidental, identificada por Mignolo (2017) como o “lado mais escuro da modernidade”: a colonialidade.

Ainda que vinculada ao colonialismo, que acabou se encerrando em um momento datado da história com a independência dos povos colonizados, a colonialidade é um fenômeno mais complexo e duradouro. Correspondendo a uma dimensão enunciativa e simbólica das relações coloniais, ela condiz com a perpetuação profunda e duradoura do movimento de domínio de um povo sobre o outro, a partir de uma relação verticalizada de poder. Dessa forma, entende-se que se trata de um modo dominante de controle de recursos, em que diferenças, classificações e hierarquias são naturalizadas.

Mesmo depois de tantos anos da superação do colonialismo, observa-se que as sociedades contemporâneas que passaram por processos de colonização, como o Brasil, e os seus discursos produzidos são permeados por uma lógica colonial. Ou seja, permanece vivo um sistema de poder em que uma concepção particular de sujeito é exaltada — o homem branco, cis, heterossexual, burguês, patriarcal, militar e europeu —, enquanto outras, diferentes desta, são oprimidas e inferiorizadas.

Diante dessa perspectiva, pensadores como Anibal Quijano (2005) entendem que a colonialidade possa ser vista como a manifestação de relações dominantes, as quais operam em dimensões ontológicas de poder, saber e ser.

A ideia de colonialidade do poder, por exemplo, está intrinsecamente relacionada à organização da economia, da política e de suas instituições. Com sua forte conexão com os processos de globalização, bem como com o desenvolvimento do capitalismo, ela pode ser descrita como “[...] uma lógica hierárquica, excludente e opressora no padrão das relações sociais institucionalizadas” (Benzaquen et. al., 2017 p. 19).

Assim, como discutido no subitem anterior, compreende-se que esse fenômeno apresenta forte influência na distribuição do poder na sociedade contemporânea. Para explicá-lo, Quijano (2005, 2010) articula os eixos de capital-trabalho e europeu/não-europeu (Tonial et. al., 2020, p. 12), chamando atenção para a *criação* do conceito de raça como forma de legitimar as relações de poder com a dominação europeia. Contudo, se faz necessário também observar o gênero e a sexualidade como princípios organizadores do mundo atual, bem como reforça Maria Lugones (2020).

Diante desse entendimento sobre a configuração da sociedade, é possível compreender como a colonialidade do poder pode se concretizar de diferentes formas, por meio das dinâmicas de poder estabelecidas.

A partir do que será aprofundado mais a frente, sobre a discussão do conceito de interseccionalidade, entende-se como essa pode ser uma maneira analítica sensível para estudar

o processo de constituição do mundo moderno — que se reflete na atual organização mundial —, além de pensar e atuar sobre a identidade e sua relação com o poder (Crenshaw, 2018 *apud* Akotirene, 2020, p. 18). Ela é essencial para a visibilização de discursos produzidos pela colonialidade, que excluem e oprimem determinados grupos sociais, como as mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+, entre outros.

A respeito das demais dimensões que consolidam a base do pensamento colonial, observa-se que a colonialidade do saber e do ser também atuam como pilares centrais. A colonialidade do saber se configura como um fenômeno em que o pensamento cartesiano é reconhecido como um padrão de conhecimento, sendo estabelecido e naturalizado como hegemônico, além de superior (Lander, 2005). O saber eurocêntrico, portanto, é revestido de “[...] uma pretensa neutralidade, na qual o sujeito que conhece está supostamente livre dos preconceitos e é possuidor da verdade absoluta” (Benzaquen et. al. 2017, p. 19).

Neste sentido, é instituído um movimento de deslegitimação das formas de produzir e compartilhar conhecimento de todos os sujeitos e grupos sociais que estão em um lugar mais baixo — desprivilegiado — na escala hierárquica da colonialidade. Nota-se, assim, como os saberes produzidos em países ditos “periféricos”, como o Brasil, bem como os produtos e conhecimentos locais, são desvalorizados e, na maioria das vezes, classificados como senso comum.

Como explica Kilomba (2019), aquilo que é cientificamente produzido pela área acadêmica, por exemplo, acaba reproduzindo relações de poder raciais, de gênero e classe que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem se pode acreditar. Segundo a teórica e artista interdisciplinar portuguesa, “[...] os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional — a chamada epistemologia — refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca” (Kilomba, 2019, p. 54).

Um exemplo disso seria o pouco reconhecimento dos referenciais negros como um caminho possível para a construção do conhecimento científico. Por isso, a autora defende que rupturas com o conhecimento autorizado, desenvolvido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, devem ser oportunizadas, de modo que sujeitos como as mulheres negras, os indígenas e os povos originários tenham seu espaço de fala legitimado.

Reconhecida como um conceito desenvolvido por Maldonado-Torres (2008), a partir dos estudos de Quijano, Levinas, Fanon e outros filósofos, a colonialidade do ser — ou seja,

dos modos de subjetivação (Foucault, 2001)¹⁸ — surge como uma perspectiva em que o gênero, a raça, a sexualidade e a classe de determinados sujeitos são colocados como determinantes para sua diferenciação e conseqüente exclusão social. Essas classificações são atribuídas de modo que o controle sobre esses corpos e suas identidades sejam fortalecidos e os privilégios das classes dominantes mantidos.

A partir dessa ideia, Quijano (2005) demonstra como as relações de poder estabelecidas entre grupos sociais hegemônicos e aqueles marginalizados naturaliza a existência de categorias, entendidas como características *essencializadas*, tomando algumas como superior às outras. Com isso, a intelectualidade, a racionalidade e as culturas de determinados povos são contrapostas ao padrão do ideal europeu de forma desumanizada, negando valores, identidades e costumes.

O processo histórico no qual se deu a modernidade, portanto, é, de modo geral, nitidamente marcado por uma forma de organização em que a sociedade se categoriza de forma homogênea, universalizante e dualizada, onde países são distribuídos de maneira central ou periférica — a depender da sua relação de poder com as dinâmicas eurocêntricas — e grupos sociais são classificados conforme suas diferenças de raça, gênero e classe.

Nesse sentido, as perspectivas pós-coloniais apresentam um trabalho positivamente significativo ao surgirem com a proposta de discutir e analisar criticamente as relações de poder manifestas na sociedade moderna. Valorizando narrativas outras que não partam de um ponto de vista totalizador eurocêntrico, buscam “[...] estudar os saberes e as experiências silenciados pela relação colonial-capitalista” (Benzaquen et. al., 2017, p. 15).

Esse cenário, em que teorias e epistemes contra-hegemônicas são constituídas, se faz presente em grande parte do mundo e, no contexto latino-americano, apresenta-se a partir de uma proposta importante: os estudos decoloniais. Idealizados por estudiosos já mencionados para a construção do debate a respeito da colonialidade/modernidade, como Walter Mignolo (2017), Aníbal Quijano (2005), Edgard Lander (2005), Nelson Maldonado-Torres (2008) e Maria Lugones (2020), entende-se que se trata de um modo de pensar em que padrões, conceitos e perspectivas impostos pelo poder eurocêntrico e do capital são questionados e desconstruídos.

Para Mignolo (2017), especificamente, a perspectiva decolonial condiz com uma ordem global *pluriversal*, não universal, em que “[...] todas as opções rivais teriam de se aceitar” (Mignolo, 2017, p. 14). Assim, o centro desse pensamento e da discussão sobre a colonialidade,

¹⁸ Relacionando ao conceito desenvolvido por Foucault, em *História da sexualidade I* (2001), “modos” e “formas” de subjetivação marcam o caráter de efeito do sujeito, uma vez que este é produto de processos contínuos de modelagens, historicamente condicionadas (Andrade, 2008, p. 16).

parte da problematização da modernidade e da busca pela descentralização do mundo moderno/colonial/capitalista e das narrativas eurocêntricas (Mignolo, 2017, p. 14).

Ao atuar no domínio hegemônico da academia, apresenta-se com esta pesquisa o desejo de trabalhar em conjunto com o pensamento decolonial, agindo de modo crítico para com a matriz colonial, possibilitando opções outras: explorando uma visão de mundo e da sociedade compostas por sujeitos e conhecimentos decoloniais.

Com o estudo da narrativa representada na história em quadrinhos *Confinada* (2020), em que é denunciada a situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, pretende-se entender mais a fundo quais os dilemas vivenciados por essas profissionais, que estão inseridas nessa ordem colonial do poder, reorganizada pelo capital. Por meio disso, busca-se refletir sobre a ligação dessa estrutura com o papel social determinado às domésticas, de modo a, então, compreender as relações de poder vigentes na sociedade brasileira atual.

Adiante, portanto, será discutido o funcionamento dos dispositivos de poder ligados ao gênero, à raça e à classe que, ao se inter cruzarem, contribuem para a consolidação de um sistema de opressão, que determina a precarização e invisibilização das domésticas, garantindo a manutenção dos privilégios das classes socialmente hegemônicas.

Em seguida, serão detalhados fatores históricos, sociais e culturais que ligam a materialidade do processo de formação sociocultural do Brasil ao trabalho doméstico e demonstram que olhar para o cenário nacional dessa profissão na sociedade contemporânea, a partir de um pensamento crítico sobre a colonialidade, requer uma análise particular sobre o modo como o racismo, o sexismo e a desigualdade de classe se manifesta(ra)m no país, desde o período histórico colonial escravocrata. Afinal, deve-se considerar, pela natureza das estruturas sociais e das relações ali estabelecidas, que cada sociedade tem suas formas próprias de discriminação.

1.3. Interseccionalidade: o (inter)cruzamento dos dispositivos de gênero, raça e classe

Os discursos produzidos pela colonialidade e atestados pelo sistema capitalista moderno, os quais naturalizam relações de poder desiguais e excludentes, colocam em evidência a importância de se entender os conceitos de raça, gênero e classe como princípios organizadores da sociedade contemporânea. Como apontado acima, foi pela consolidação

desses marcadores sociais¹⁹ que categorias e diferenciações foram estabelecidas, colocando o “sujeito europeu” — branco, homem, heterossexual e burguês — como padrão ideal e superior. Sendo assim, é relevante que se discuta o conceito de interseccionalidade, como forma de compreender o funcionamento do sistema de poder atual e a inseparabilidade estrutural do capitalismo, do racismo e do cisheteropatriarcado (Akotirene, 2020, p. 19).

A pesquisadora e professora brasileira Carla Akotirene (2020) trata o conceito de interseccionalidade como uma “sensibilidade analítica”, que visa dar “instrumentalidade teórico-metodológica” ao processo de cruzamento e sobreposição de raça, classe e gênero. Considerando-os “modernos aparatos coloniais”, a autora levanta a questão de que essa percepção simboliza a possibilidade de se enxergar a colisão de estruturas e a interação simultânea de “avenidas identitárias” (Akotirene, 2020, p. 19) — uma metáfora dada ao encadeamento dos maiores sistemas de opressão, segundo a autora.

Originado durante os movimentos sociais da década de 1980 e proposto pelas feministas negras norte-americanas, em que se eram reivindicadas as vivências ignoradas pelo feminismo branco e pelo movimento antirracista, o termo interseccionalidade foi cunhado e sistematizado pela intelectual negra estadunidense Kimberlé Crenshaw, que buscava “[...] descrever a localização interseccional das mulheres negras e sua marginalização estrutural” (Akotirene, 2020, p. 58). Em 2001, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, na África do Sul, o conceito conquistou popularidade acadêmica.

Sabendo, portanto, que “[...] é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (Akotirene, 2020, p. 24), entende-se que essa articulação metodológica, proposta para entender a sociedade contemporânea e as dinâmicas de poder descendentes da modernidade, recupera “bagagens ancestrais perdidas” (Akotirene, 2020, p. 34-35), articulando teoria e um instrumento prático que retoma uma militância encabeçada por intelectuais negras e suas perspectivas afrocentradas.

Em 1851, por exemplo, Sojourner Truth²⁰, ex-escravizada e intelectual pioneira no ativismo pelos direitos das mulheres afro-americanas, já havia feito menção à articulação entre raça, classe e gênero em seu discurso “Eu não sou uma mulher?”, proferido durante a

¹⁹ Marcadores sociais, nesse sentido, são entendidos como a manifestação das diversas características que compõem a identidade de cada sujeito.

²⁰ Sojourner Truth nasceu em Nova Iorque, acorrentada ao sistema escravagista, que a vendeu em um leilão, aos nove anos de idade, junto ao gado. Em 1787, após tornar-se livre, foi pregadora pentecostal, além de ativa abolicionista e defensora dos direitos das mulheres.

Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron. Nele, ela questiona a categoria de mulher universal, denunciando sua vivência como mulher negra e como as desigualdades de gênero nunca atingiram as mulheres em intensidade ou frequência parecida:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? [...]. Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (Truth, 2014 [1851]).

Sem se prenderem “[...] às correntes eurocêntricas e aos saberes narcísicos do feminismo branco” (Akotirine, 2020, p. 35), teóricas brasileiras também produziram potentes contribuições sobre o pensamento acerca das relações entre raça, gênero e classe. Lélia Gonzalez (2020), por exemplo, defendeu, junto ao seu conceito de amefricanidade²¹, que a articulação entre o racismo, o sexismo e a exploração capitalista é o princípio organizativo da estrutura social contemporânea. Por isso, as mulheres negras seriam grandes excluídas, uma vez que a universalização das experiências femininas encobriria toda uma realidade vivida e duramente discriminada por determinados setores da sociedade (Gonzalez, 2020, p. 100).

Sueli Carneiro (2011) e Beatriz Nascimento (2021), igualmente interessadas em explorar as condições que estruturam a situação da mulher negra no Brasil, concluíram, a partir dos seus estudos, que a conjugação do racismo ao sexismo e ao sistema capitalista produz sobre esses sujeitos uma espécie de “asfixia social”, em que todas as dimensões das suas vidas acabam sendo negativamente afetadas.

Desde então, portanto, a partir desse caminho analítico, observa-se como o conceito de interseccionalidade

[...] demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (Akotirene, 2020, p. 59).

Neste sentido, ao pensar na conjuntura em que se está situado o trabalho doméstico, seja ele remunerado ou não, é importante refletir que, ainda que seja atribuída às mulheres uma sobrecarga maior nos afazeres domésticos, essa análise não pode ficar restrita apenas à questão de gênero. A raça e a classe, como dispositivos de poder, também funcionam como

²¹ Pensamento desenvolvido pela intelectual e militante brasileira Lélia Gonzalez, referindo-se “[...] à experiência comum de mulheres e homens negros na diáspora e à experiência de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial” (Gonzalez, 1988, p. 76-77).

demarcadores de desigualdade e influenciam na organização das estruturas da sociedade contemporânea.

Pensando nisso, faz-se necessário um aprofundamento sobre o funcionamento de cada um deles, de modo a compreender, ainda melhor, o regimento dos sistemas de poder atuantes e o seu impacto nas experiências de determinados grupos, como as trabalhadoras domésticas.

1.3.1. Gênero como dispositivo de poder

Tratar do conceito de gênero atualmente pode estar relacionado com a discussão que se dá em torno da construção de identidades — mais precisamente, nesse caso, sobre a construção social do masculino e do feminino. Como um dispositivo de poder que produz identidades situadas historicamente, em dois extremos sociais, o gênero tem sido trabalhado a partir de definições diversas, formuladas sobre perspectivas que ressaltam sua natureza social e não-essencialista, bem como o caráter discriminatório e opressor que o conceito pode carregar como marca.

Joan Scott (1995), historiadora norte-americana e referência nos estudos do tema, parte de uma base pós-estruturalista de discussão, localizando-se em uma filosofia que se apoia na diferença e na desconstrução de polos opostos e binários. Nesse sentido, a autora nega a existência de uma essência masculina ou feminina, afirmando que é possível haver várias formas de ser mulher ou homem, o que definiria o gênero como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 86).

Contudo, embora seja válida a sua concepção a respeito do assunto, é interessante se atentar ao modo como Scott coloca o gênero como a “[...] forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 85), negligenciando as construções elaboradas sobre o fenômeno de intersecção entre as opressões de gênero, raça e classe. Apoiada sobre as perspectivas hegemônicas do feminismo, a historiadora aponta não perceber “clareza ou coerência” nesses estudos, algo que parece necessitar ser revisitado ao pensar na sociedade contemporânea e nas vivências e reivindicações das mulheres negras (Teixeira, 2021, p. 94).

Judith Butler (2003; 2004), filósofa estadunidense, por sua vez, aborda a questão de gênero, definindo-o como “performance” — “[...] como algo que é produzido a partir da repetição de normas que ligam os sujeitos a identidades” (Teixeira, 2021, p. 96). Nesse sentido, trata-se de lidar com o gênero como uma ferramenta que pode colocar em destaque várias outras possibilidades de ser sujeito, para além da dimensão e matriz binária.

Adotando, metodologicamente, atitude decolonial para tratar do conceito de gênero, Oyèrónké Oyêwùmi (2002), pesquisadora nigeriana, reconhece-o como uma construção social e chama a atenção para o fato de que algumas sociedades não consideravam as diferenças de gênero como um princípio organizador até o processo de colonização. A autora explica, por exemplo, que algumas comunidades africanas e nativas da América eram matriarcais e entendiam as diferenças de gênero em termos igualitários, não assumindo o binarismo e a lógica biologizante de subordinação. A partir disso, Oyêwùmi (2002) indaga quais outras opressões seriam expostas ou ocultadas por meio da construção do gênero, defendendo a sua inseparabilidade de raça e classe para a investigação das sociedades atuais.

As dinâmicas de poder influenciadas pela colonialidade, portanto, têm privilegiado a formação do sistema sociopolítico moderno, que mantém vivas as relações de domínio dos homens brancos e burgueses sobre a política, a cultura e a economia. Nesse sentido, torna-se relevante destacar um importante componente da sociedade, que intervém nos processos de exploração e na desigualdade de gênero, raça e classe: o patriarcado.

Para Heleieth Saffioti (2015), socióloga e feminista brasileira, o gênero e o patriarcado são dimensões que constituem um mesmo processo de dominação e exploração, sendo ambos responsáveis pelo sexismo e o machismo — ou seja, pela marginalização dos papéis econômicos e políticos das mulheres, pela desigualdade salarial, pelo controle reprodutivo e da sexualidade feminina, pela violência doméstica e sexual, entre outros. Apesar de ele se tratar de um sistema de dominação muito anterior ao capitalismo e à organização da sociedade em classes, o seu fortalecimento durante a colonização contribuiu para que os processos de opressão e discriminação contemporâneos fossem reforçados. As experiências e os papéis cumpridos pelas mulheres foram sempre considerados de forma inferiorizada em relação às vivências masculinas, graças à atuação conjunta desses sistemas.

Os fatores raciais e de classe, nesse âmbito, são determinantes para compreender as consequências do patriarcado para a sociedade, uma vez que questionam a visão “[...] unidimensional da realidade das mulheres” (hooks, 2015, p. 195) e explicam como aquelas identificadas como pessoas brancas e de classes dominantes são afetadas de modo diferente em relação às negras.

Posicionadas na base da pirâmide social, atrás dos homens negros, das mulheres brancas e, naturalmente, dos homens brancos, as mulheres negras possuem participação social ainda mais limitada. No contexto da família patriarcal, desde a escravização, elas assumiram determinados papéis no sistema produtivo de forma subserviente, enquanto “criadas”, “amas

de leite” e “mucamas”, além de serem, muitas vezes, obrigadas a prestarem serviços sexuais aos seus senhores.

O processo de exclusão desses sujeitos, portanto, diferente das mulheres brancas — vistas como frágeis e delicadas, passíveis apenas dos comandos para os cuidados do lar e com a maternidade — foi determinado por uma sistemática desvalorização de suas identidades que, até hoje, limita suas possibilidades de ascensão social e registram, em termos de sociedade brasileira, seus dois papéis sociais: o de doméstica e de mulata:

O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam o seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mucama” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais (Gonzalez, 2020, p. 44).

Sob a perspectiva interseccional, compreende-se, então, que, embora seja evidente que mulheres sofram com o sexismo, há pouca indicação de que isso determine um vínculo em comum entre todas elas, pois há “[...] muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no status social, no estilo e na qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham” (hooks, 2015, p. 197). Por isso, hooks (2015), teórica feminista estadunidense, esclarece que “[...] o sexismo, como sistema de dominação, nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres na sociedade” (hooks, 2015, p. 197), principalmente das negras.

Gênero como dispositivo de poder se manifesta, dessa forma, de modo a constituir a identidade dos sujeitos, promovendo sobre suas experiências efeitos diferentes, a depender de como esse indivíduo está inserido na ordem social. Como organizadores sociais, raça e classe, interseccionadas ao gênero, potencializam essas experiências, favorecendo processos de discriminação e sofrimento, que historicamente atingem grupos não privilegiados pelo sistema social patriarcal.

1.3.2. Classe como dispositivo de poder

Em um contexto sociopolítico e econômico em que o poder hegemônico é controlado a partir de relações que normalizam a existência de categorias pré-concebidas e diferenciam os sujeitos a partir de um padrão normativo de raça e gênero, deve-se, também, adotar uma perspectiva interseccional de análise sobre o conceito de classe, em que ele seja entendido como algo que está para “[...] além da medida dada à riqueza do sujeito ou à sua capacidade de acesso a bens de consumo” (Teixeira, 2021, p. 142).

Para bell hooks (2018), classe, como um dispositivo de poder, é responsável por organizar as “performances das subjetividades”, o que envolve questões de comportamento diretamente ligadas à forma como o sujeito é ensinado a se comportar, a pensar, sentir ou agir. Assim, é um conceito que deve ser pensado junto da concepção estrutural do sistema capitalista moderno que, fortemente impulsionado pela colonialidade do poder, moldou os sujeitos conforme suas necessidades, categorizando-os em classes distintas.

Compreendendo a classe a partir dessa perspectiva, portanto, o seu conceito se liga à uma política de luta de classes (Teixeira, 2021, p. 142), na qual o modo de produção capitalista, ao lado das demais estruturas de poder, posicionam sujeitos em lugares de violência e opressão, afetando o modo como são e atuam na sociedade.

Quando direcionada ao contexto do Brasil, essa discussão aponta para a forma como o capitalismo brasileiro e o seu modo de produção funcionam efetivamente a partir da sua associação com o racismo e o sexismo existentes no país. Lélia Gonzalez (2020) explica, por exemplo, que raça, como conceito atrelado às dinâmicas coloniais de escravização e da diáspora africana, funcionou como uma das bases de constituição das posições de classe nas relações de trabalho, influenciando consideravelmente a organização da estrutura social do país (Gonzalez, 2020, p. 34).

Com isso, a autora propõe uma reflexão sobre o que ela intitula de “divisão racial do trabalho”, chamando a atenção para os impactos sociais causados pelo capitalismo brasileiro, que racializa o trabalhador e reproduz dinâmicas de trabalho que coloca a população negra em desvantagem:

[...] no caso brasileiro, um dos legados concretos da escravidão diz respeito à distribuição geográfica da população negra, isto é, à sua localização periférica em relação às regiões e os setores hegemônicos. Em outras palavras, a maior concentração da população negra ocorre exatamente no chamado Brasil subdesenvolvido, nas regiões em que predominam as formas pré-capitalistas de produção com sua autonomia relativa. [...] É nesse sentido que o racismo — enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas — denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (Gonzalez, 2020, p. 35).

Em virtude, portanto, da estrutura socioeconômica e política consolidada pelo colonialismo e o sistema escravocrata, as questões relativas ao subemprego e ao desemprego incidiram exatamente sobre as pessoas negras. Gonzalez (2020) argumenta que, ainda que o processo abolicionista tenha libertado apenas 10% da população negra do Brasil, já que os outros 90% viviam em estado de liberdade, a marginalização do negro estaria relacionada àquilo

que a elite branca e burguesa acreditava ser um “despreparo” desse sujeito, ex-escravizado, para assumir o papel de homem livre, principalmente na esfera do trabalho.

O mito da democracia racial, enquanto “[...] discurso que encobre a trágica realidade vivida pelo negro no Brasil” (Gonzalez, 2020, p. 38) contribui para o reforço desse imaginário, uma vez que a falsa harmonia e igualdade racial passou a ser usada pelos brancos como justificativa para sua indiferença com as pessoas negras, isentando esse grupo dominante de sua responsabilidade com a situação dessa população após o 13 de maio²². Assim, considerava-se que “[...] se o negro não ascendeu socialmente e não participa com maior efetividade nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais, o único culpado é ele próprio” (Gonzalez, 2020, p. 38).

A perpetuação da subalternidade social e profissional dos negros (Carneiro, 2011, p. 107) também foi sendo provocada pela defasagem educacional que esse grupo sofrera. Com pouco ou nenhum acesso a oportunidades de escolarização, a força de trabalho negra permaneceu confinada em empregos de menor qualificação e remuneração, o que potencializou as desigualdades existentes. Mesmo com a intervenção das políticas públicas de cotas, que buscam a equidade no acesso ao estudo e ao trabalho, atualmente, no Brasil, segundo a PNAD Contínua (2021), há uma concentração desproporcional da população negra em ocupações da Agropecuária (60,7%), da Construção (64,1%) e dos Serviços domésticos (65,3%).

A dimensão de classe, nesse sentido, assume uma posição para além do acúmulo de bens e da dicotomia entre “proprietários dos meios de produção” e “trabalhadores assalariados”, evidenciando também como o racismo e o sexismo beneficiaram – e continuam beneficiando – os “capitalistas proprietários”, mas, também, a categoria de homens trabalhadores brancos (Teixeira, 2021, p. 147), uma vez que “[...] mesmo em suas brechas de trabalhos mais bem valorizados socialmente, as expectativas são dificultadas para as pessoas negras” (Teixeira, 2021, p. 148).

No caso da mão de obra feminina, nota-se, para as mulheres negras, uma falta de perspectiva ainda maior, devido às desigualdades estruturais de raça, classe e gênero que se interseccionam, cedendo a esses sujeitos os cargos de trabalho mais vulneráveis do mercado — aqueles sem carteira assinada, autônomos, familiares e domésticos.

²² O dia 13 de maio de 1888 é lembrado na história oficial do Brasil como a data de libertação dos negros, conquistada por meio da proclamação da Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no país. Enquanto marco histórico, simboliza uma memória coletiva que tenta colocar o sujeito branco como centro desse processo, desconsiderando e ignorando a luta coletiva da população negra em prol dos seus direitos e de sua liberdade.

Diferente das mulheres brancas, que na década de 70 buscavam se inserir no mercado de trabalho, acreditando que isso as libertaria da dominação masculina, as mulheres negras já compunham a força de trabalho há muito tempo. Além das ocupações servis que assumiam durante toda a escravização dos povos negros no Brasil, após o período que se sucedeu à abolição, ainda coube à mulher negra “[...] arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade”, sendo “[...] o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família” (Gonzalez, 2020, p. 40). Ainda crianças, eram recrutadas para trabalhar em “casas de famílias” burguesas para ajudar com a renda familiar e, assim, continuavam a ser “[...] submetidas a condições sub-humanas no espaço doméstico” (Carneiro, 2011, p. 119).

Mais tarde, com a ampliação de diferentes setores industriais e a urbanização crescente, as mulheres brancas ainda foram as mais favorecidas, ocupando progressivamente a classe operária, os setores primários e mais burocráticos, como escritórios e bancos, já que apresentavam melhores qualificações e representavam os “sujeitos ideais” a ocupar esses cargos. Reafirmando as discriminações sofridas pelas mulheres negras, essas ocupações exigiam graus de escolaridade que elas não possuíam, bem como demandavam “boa aparência” — o que, na prática, segundo Gonzalez (2020), significava que a candidata devia pertencer ao grupo racial dominante.

Mesmo atualmente, em que algumas melhorias quanto ao nível educacional das mulheres negras podem ser observadas, nota-se que, por maior que sejam as competências dessas mulheres, elas ainda são preteridas por “códigos” sociais e discursivos que demonstram que não há espaço para elas em determinados lugares. O gênero, nesse sentido, junto ao racismo, se liga a “[...] características relacionadas a construções sociais que disciplinam os corpos femininos negros para a prática cotidiana de atividades historicamente associadas às mulheres negras” (Teixeira, 2021, p. 110).

O trabalho doméstico é visto, neste contexto, portanto, desde a escravização negra no Brasil, como “[...] o lugar que a sociedade racista [e sexista] destinou como ocupação prioritária das mulheres negras” (Carneiro, 2011, p. 119). Valendo-se dessa configuração de poder, formulam-se hierarquias em que esses sujeitos são encontrados nos estados mais vulneráveis da sociedade, constituindo o setor mais oprimido e explorado, o que limita suas possibilidades de ascensão e os coloca em um destino compulsório de soluções precarizadas (Gonzalez, 2020, p. 109). Com o sofrimento de uma tríplice discriminação (racial, social e sexual), a trabalhadora negra não se vê muito diferente da “‘mucama’ de ontem, da vendedora ambulante, da servente ou da ‘escrava de ganho’” (Gonzalez, 2020, p. 218).

1.3.3. Raça como dispositivo de poder

Diante das perspectivas adotadas até então para a análise das relações sociais e de poder vigentes na contemporaneidade, entende-se com mais clareza que as mudanças radicais que afetaram a economia, a política e a cultura durante o processo de modernização das sociedades apenas foram possíveis por efeito da exploração contínua dos territórios ocupados das Américas, da África, da Ásia e da Oceania durante os períodos de colonização. Com a lógica colonial europeia estabelecida pelo globo, exercendo o domínio sobre recursos naturais e humanos, os padrões europeus-ocidentais prevaleceram, de modo que a visão de mundo adotada e respeitada a partir dali seria aquela produzida e validada pelo homem branco, europeu e burguês.

Nesse cenário, cada vez mais, se fizeram presentes produções científicas e práticas econômicas que buscavam justificar a inferioridade de vidas humanas, colocando certos grupos, naturalmente, como dispensáveis (Mignolo, 2017, p. 4). Assim, o conceito de raça surge como um fator central para a classificação de sujeitos, uma vez que, desse modo, grupos dominantes, privilegiados pela lógica colonial e europeia-ocidental, possuiriam o domínio das formas de produção econômicas e de conhecimento, fazendo valer suas necessidades e vontades.

Por seu aspecto histórico, portanto, a raça vem a ser um elemento essencialmente político, concentrando-se em uma categoria discursiva e não biológica — dado que somente possui algum efeito, a partir do momento em que passa a integrar discursos, acionando simbolicamente os sentidos que a ideia de raça promove (Teixeira, 2021, p. 119), relacionados, segundo Almeida (2019, p. 31), à naturalização de desigualdades, à legitimação da segregação e “[a] o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários”. A partir dessa ideia e considerando os interesses de alguns sujeitos em manter o seu domínio sobre a ordem social, pode-se explicar, portanto, como se constituiu o sistema de opressão em que se manifesta o racismo:

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2019, p. 32).

O conceito de “racismo estrutural”²³, nesse sentido, é o que melhor explica o funcionamento dessa estrutura de poder no Brasil, o qual tenta apagar a complexidade e singularidade das populações negras, criando narrativas sob uma perspectiva única em que, violentamente, estereótipos negativos são instituídos e identidades são apagadas.

Silvio Almeida (2019), advogado, filósofo e atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, explica que as instituições responsáveis pelo estabelecimento e manutenção da ordem social no país são compostas, majoritariamente, por sujeitos favorecidos pelos padrões estabelecidos na perspectiva europeia-ocidental, o que, conseqüentemente, influenciou o modo de socialização e de organização político-social do Brasil, estruturando o país em alicerces “[...] que tem o racismo como um dos seus componentes orgânicos” (Almeida, 2019, p. 47).

Diante disso, faz-se necessária uma reflexão que envolve não somente pensar os “sujeitos racializados” como negros, mas, também, o outro lado dessa relação estrutural: o da branquitude. Para o historiador Joel Rufino dos Santos (1999, p. 110-54), a branquitude também se refere a um lugar social — aquele de conforto, onde se naturaliza a existência do outro enquanto oprimido e se aproveita dos privilégios estruturais, objetivos, subjetivos, econômicos e simbólicos, contribuindo para uma desigualdade estruturada em torno da diferença racial.

O modo como essa branquitude se organiza, portanto, envolve uma espécie de negação desse grupo social como sujeitos racializados. É como se os brancos não assumissem raça alguma e esse marcador identitário fosse algo associado somente à população negra, o que coloca os brancos como padrão normativo e universal.

Adilson Moreira (2013), jurista, professor e pesquisador brasileiro, defende que o que favoreceu a sistematização dessas dinâmicas no contexto nacional foi a construção do “humanismo racial brasileiro”, que colocou a cordialidade como marca identitária do país, fazendo com que se acreditasse em uma identificação nacional, onde os sujeitos não operam com classificações raciais, bem como na miscigenação dos povos como parte de um compromisso com a igualdade racial. Assim, concebeu-se o mito da democracia racial, em um país em que pouco se discutem as diferenças raciais ou se reconhece o racismo como um estruturante da sociedade. Afinal, torná-lo relevante envolveria “[...] revisar as dinâmicas dos

²³ A respeito dessa questão, Muniz Sodré (2023), sociólogo e professor brasileiro, pontua um contraponto à ideia de que o racismo no Brasil seja estrutural, afirmando que, na verdade, ele se manifesta por meio das instituições. Segundo o pesquisador, a discriminação racial é pós-abolicionista e, por isso, carregada de ideias fascistas de eugenia que se cristalizam institucionalmente no país. Ao realizar a discussão em torno da discriminação racial no país, julga-se relevante levar em conta, também, essa análise da questão.

argumentos de nosso humanismo racial” (Teixeira, 2021, p. 180), colocando a branquitude em um lugar desconfortável.

Nota-se, portanto, a ausência de um discurso explícito sobre o papel dos brancos na história do Brasil, de modo que sejam “cobrados” os privilégios herdados e acumuladas por anos às custas da dor e do sofrimento do povo negro — uma condição que se reflete “[...] na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas” (Bento, 2022, p. 23). Como ainda pontua Cida Bento (2022), psicóloga e ativista brasileira, é preciso revisitar as circunstâncias em que se deram a relação entre o branco e o negro no país, já que “[...] fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para pessoas brancas” (Bento, 2022, p. 23).

Para a autora, essa questão relacionada à branquitude e sua perpetuação no tempo se trata de um “[...] pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18), o qual ela denomina de “pacto narcísico da branquitude”. Esse “acordo”, segundo Bento (2022), possui um componente de autopreservação que se inscreve na subjetividade do coletivo, mas que, por alguns fatores, acaba não sendo reconhecido publicamente (Bento, 2022, p. 24):

O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado. [...] O pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha, porque são relacionadas à escravidão (Bento, 2022, p. 24-25).

Diante disso, torna-se mais do que necessário entender que raça, junto ao gênero e à classe, é um componente que faz parte da estruturação da sociedade brasileira e, por isso, deve ser sempre “[...] acionada, do ponto de vista discursivo, simbólico e no contexto das lutas identitárias e das lutas pela própria democracia [...]” (Teixeira, 2021, p. 119). Por meio dessa ação, auxilia-se a compreensão dos efeitos do racismo estrutural, que ligados aos condicionantes de classe e às diferenças de gênero promovem a desigualdade, construindo um sistema de opressão.

Como dispositivo de poder, portanto, a questão da raça influencia as dinâmicas do trabalho doméstico remunerado, uma vez que se liga à trajetória da maioria das mulheres que ocupam essa função, agindo sobre seus processos de constituição enquanto sujeito. Pensando em toda a estrutura sociopolítica do Brasil, diante os fatores discutidos até então, observa-se

como são concebidas as relações de poder que atribuíram à identidade social negra e feminina a “prática interacional de cuidado”, em que essas pessoas são colocadas em posições onde têm a responsabilidade de servir os outros — geralmente, brancos e burgueses.

Assim, ao analisar as dimensões em que se constrói o trabalho doméstico remunerado na atualidade, levando em consideração o seu intercruzamento nas avenidas entre racismo, cisheteropatriarcado e classismo, observa-se como essa função, majoritariamente exercida por mulheres negras e periféricas, pode ser alusiva à uma versão moderna do processo de escravização (Teixeira, 2021, p. 173).

1.4. A memória social²⁴ do trabalho doméstico como um elemento estruturante da sociedade brasileira

Em residências familiares de classe média e alta das várias regiões do Brasil, encontram-se trabalhadoras — em sua grande maioria negras e pobres — remuneradas para a execução de tarefas diárias de manutenção e cuidado doméstico. Ao adentrarem os lares de uma parte da população, da qual, em geral, não compartilham os mesmos privilégios, essas mulheres são confrontadas por dinâmicas de poder específicas no ambiente de trabalho, em que se pode observar uma relação hierárquica bem definida entre elas e seus patrões — na medida em que se é articulada a tríplice opressão de gênero, raça e classe —, mas, também, constatar contradições, provenientes de laços ambíguos, os quais denotam sinais de cumplicidade e confiança, contudo, igualmente, de subalternidade e paternalismo.

A natureza dessa relação de trabalho, que ocorre no contexto privado, envolvendo a disponibilidade das domésticas para resolver as vontades da família — desconsiderando, muitas vezes, as suas próprias necessidades —, se mostra, portanto, complexa, uma vez que pode envolver afeto e proximidade, mas, também, diferenças e hierarquias, as quais solidificam discriminações, colocando essa profissão em um lugar marginalizado.

Nesse sentido, pensar no papel social dessas profissionais e na sua constituição como sujeito na sociedade contemporânea, a partir de um ponto de vista crítico decolonial e especialmente na conjuntura da pandemia de Covid-19 no Brasil, exige uma reflexão em torno da formação sócio-histórica e cultural do país, bem como das estruturas que colocam o trabalho doméstico no lugar em que ele está hoje. Para Rafaela de Andrade Deiab (2006), antropóloga

²⁴ Por memória social, entende-se, aqui, segundo Nora (1993), os traços do passado que permanecem vivos na vida social dos grupos. Segundo o historiador francês, são esses traços que fazem os sujeitos agirem no presente e significarem suas vivências.

brasileira, é possível que essa análise seja feita a partir da discussão em torno do vínculo dessa ocupação com a história da escravidão no país, bem como com o colonialismo e outras formas de servidão.

Em seu trabalho *A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950)* (2006), a autora esclarece como a sociedade atual guarda uma memória sobre o período colonial escravocrata que reverbera até os dias atuais. Estudando as diferentes representações da mãe-preta²⁵, ela aponta que, ainda que a escravidão tenha chegado ao seu fim, as representações dessa figura “histórica” continuam ativas e sendo constantemente reelaboradas pela sociedade brasileira. Com essa ideia, torna-se possível, então, delinear um caminho para o entendimento sobre a formação da identidade social da trabalhadora doméstica no Brasil, já que essas profissionais carregam traços da tradição escravista e, assim como as mães-pretas, estão inseridas na rotina e na intimidade de famílias, cuidando dos afazeres domésticos e das pessoas da casa, como os filhos dos patrões.

Deiab (2006) faz importantes constatações, demonstrando que a imagem social tida sobre as mães-pretas no país surge a partir de “[...] uma *relação* social empírica e determinada, que existiu entre a ama negra e os herdeiros da família patriarcal” (Deiab, 2006, p. 2). Com isso, ela discute o impacto do relacionamento entre a mãe-preta e *seu filho branco* para a formação da sociedade brasileira e para o funcionamento das desigualdades raciais, de gênero e classe, incorporadas na contemporaneidade.

Mediante a amamentação, os afetos trocados desde a infância e os cuidados da casa, a autora explica que é criado entre a mãe-preta e o filho do senhor um forte vínculo afetivo, simbolicamente materno, mas *ambiguamente dilacerante*, uma vez que se acaba tensionando algumas barreiras sociais ao se legitimar o laço afetivo entre pessoas de diferentes *status* hierárquicos. A negra escravizada, com certo poder sobre o filho branco de seu senhor e, até mesmo, alguma autoridade dentro da casa senhorial, assimila determinado parentesco afetivo, mas está sempre permeada pela condição de trabalhadora escravizada — a imagem, portanto, [...] de uma relação paradoxal, mas admitida [...] que mescla amor e violência” (Deiab, 2006, p. 20-21).

Segato (2021), antropóloga argentina, que também dialoga sobre a temática no campo dos estudos sociais e de gênero, contribui para o debate afirmando que, nesse caso:

²⁵ Tradicional do período histórico colonial escravocrata, o termo “mãe-preta” foi designado para nomear as escravizadas negras que cuidavam de tarefas domésticas e, principalmente, amamentavam os filhos brancos das esposas dos senhores de escravos — aqueles que eram proprietários de negros escravizados.

[...] a mãe substituta, escravizada ou contratada, ainda que se envolva afetivamente no vínculo contraído com a criança, permanecerá dividida — “fendida” — pela consciência de um passado — de escravidão ou de pobreza — que não lhe deixou escolha. Por mais amor que sinta, sempre saberá que não chegou ao vínculo como consequência de suas próprias ações, mas coagida pela busca por sobrevivência (Segato, 2021, p. 235).

Nota-se, portanto, que as mães-pretas são parte da estrutura complexa de significações que revela a maneira como a escravidão não pode ser entendida apenas como um processo de violência e dominação. A figura dessas mulheres, em relação com seus senhores, representou um lugar “possível” para a afetividade nesse momento sócio-histórico; no entanto, isso não foi consistente o bastante para derrubar a hierarquia entre brancos e negros.

A memória social construída, então, a partir dessa experiência íntima e profunda entre sujeitos — a mãe-preta e a família senhorial — durante o período da escravização, é um bom ponto de partida para se pensar no funcionamento complexo das discriminações praticadas no Brasil atualmente, especialmente aquelas que envolvem o trabalho doméstico; isto é, o sexismo, a desigualdade social e o racismo.

Ao levar em conta o que é apontado por Deiab (2006), transpondo para as relações de trabalho contemporâneas, como a da doméstica com os seus patrões — a qual também é permeada pelas disfunções do sistema capitalista —, compreende-se como ainda são postas em funcionamento práticas herdadas do período histórico colonial escravocrata. Apesar de trocas positivas e afetivas serem vivenciadas pelas domésticas nas residências familiares em que trabalham, em uma relação cordial “quase-familiar”, os lugares sociais ocupados por essas trabalhadoras parecem estar muito bem definidos. Em uma relação hierárquica bem estabelecida, naturalizam-se desigualdades herdadas da tradição escravista, que se fazem presentes, principalmente, no cotidiano, com a segregação dos espaços da casa, com os tratamentos diferenciados e outras distinções veladas.

As relações de afeto se entrelaçam, desse modo, às tantas contradições, e mascaram, muitas vezes, as dinâmicas de poder e de trabalho em voga nesta esfera privada. Depara-se, então, muitas vezes, com um cenário que, além de afetar o reconhecimento do trabalho doméstico como profissão, parece dificultar a garantia dos direitos trabalhistas dessas profissionais. Afinal, ainda que a imagem da mãe-preta tenha figurado no campo da afetividade no imaginário da população brasileira, tornando, de algum modo, mais leve o peso da escravidão na memória social, “[...] afeto não anula a violência; proximidade não elimina a diferença” (Deiab, 2006, p. 198), e o legado opressor do contexto colonial para com trabalhadores domésticas pode persistir.

Segato (2021) atribui essa questão da utilização da imagem da mãe-preta como elemento narrativo para a suavização da escravização no Brasil, bem como para construção do processo de formação sociocultural do país, a um fator psíquico. Segundo a pesquisadora argentina, o racismo e o sexismo estão entrelaçados em uma operação cognitiva e afetiva única de expurgo, exclusão e violência, emanada de uma estrutura alojada no interior do sujeito em sua trajetória de origem. Para ela, então:

[...] uma criança amamentada ou simplesmente cuidada desde cedo por uma ama de pele mais escura, uma ama com raízes na escravidão, terá incorporada essa imagem como própria. [...] a perda do corpo materno, ou castração simbólica no sentido laciano, vincula definitivamente a relação materna com a relação racial, a negação da mãe com a negação da raça e as dificuldades de sua inscrição simbólica (Segato, 2021, p. 237-238).

No modo, portanto, como o trabalho doméstico é exercido na atualidade e na maneira que as profissionais, negras e pobres, que exercem essa função, são reconhecidas pelas sociedade — com diferença e arbítrio — é possível identificar as representações do trabalho escravo doméstico sendo constantemente reelaboradas, numa longa-duração simbólica.

Os problemas atuais no Brasil, relacionados à desigualdade, ao racismo e ao sexismo, e que estão diretamente associados ao trabalho doméstico remunerado, devem ser encarados, então, não apenas como resultado das ações do sistema capitalista moderno, mas da estrutura de formação social-político-histórica e econômica do país. Para enfrentá-los, como nos esclarece Haider (2019), é preciso, então, questionar e combater os mecanismo de base, considerando o coletivo e suas relações substanciais.

Dessarte, a seguir será aprofundado o contexto histórico e sociopolítico geral em que se dá o trabalho doméstico no Brasil, como forma de melhor compreender o papel social das domésticas e da sua constituição como uma “personagem social” permeada por estereótipos e preconceitos, ao se considerar os fatores pontuados neste subitem, os quais estão ligados ao sexismo, o racismo e a desigualdade econômica.

1.5. “A senzala moderna é o quartinho da empregada”²⁶

Em virtude de toda a análise sobre a lógica colonial e a herança escravocrata, que permanecem no cotidiano da sociedade brasileira e repercutem estruturalmente nas relações sociais e nas instituições de poder do país, foi possível observar como os dispositivos de gênero, raça e classe se estabeleceram como fortes “[...] sustentáculos da ideologia de dominação” (Gonzalez, 2020, p.109), fazendo com que as mulheres negras sejam as mais afetadas pela discriminação social e, em termos de população economicamente ativa, acabem empobrecidas e alocadas em ocupações pouco valorizadas.

Para compreender, portanto, a complexidade das questões relativas ao trabalho doméstico remunerado no Brasil e o sistema trabalhista moderno no geral, é importante considerar como o racismo, o sexismo e o classismo foram manipulados pelo poder hegemônico de modo que os mais baixos níveis de participação na força de trabalho acabassem pertencendo exatamente às mulheres e à população negra.

Como pontuado no subitem anterior, a escravização como sistema colonial de poder que obrigou homens e mulheres africanos a servirem como mão-de-obra aos colonizadores brancos, teve um papel fundamental na organização social do Brasil, influenciando, até hoje, as dinâmicas de trabalho e as relações de poder em funcionamento.

Com início no século XVI, a partir da chegada dos negros escravizados no país, que foram trazidos à força das colônias africanas pelos portugueses para trabalharem, o período escravocrata se deu em virtude da dificuldade encontrada pelos colonizadores, após o século 18, de subjugar e escravizar os indígenas que já habitavam no local. Ainda, havia o desejo de produzir açúcar — algo que demandava muita mão-de-obra — e de se beneficiar com os lucros conquistados a partir do tráfico negreiro (Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo, 2013 *apud* Teixeira, 2021, p. 24). Os negros, dessa forma, passaram a ser tratados como mercadorias, ocupando um lugar social na condição de servos e sendo reduzidos às vontades dos seus senhores — que ignoravam suas integridades física e moral, bem como suas necessidades básicas de higiene e segurança.

No caso das mulheres negras, mais especificamente, sabe-se que elas eram trazidas do continente africano para trabalharem nas lavouras, mas, também, na casa dos senhores, como

²⁶ A referência para a criação do subtítulo foi retirada do título do livro *Eu, empregada doméstica: a senzala é o quartinho da empregada* (2019), escrito por Preta Rara, rapper, professora, historiadora e ativista. Na obra, ela compartilha relatos das experiências vividas por trabalhadoras domésticas, como forma de chamar a atenção para as estruturas em que está consolidada essa ocupação, bem como denunciar as opressões e violências vivenciadas por essa classe.

amas de leite ou mucamas (Teixeira, 2021, p. 26). A figura da “mãe preta”, por exemplo²⁷, se expandiu durante esse período, uma vez que essas mulheres, em idade mais avançada, assumiram um lugar importante na vida dos senhores e, principalmente, na de suas filhas, as “sinhazinhas”.

Apesar de as escravizadas domésticas serem consideradas privilegiadas socialmente, por viverem na casa do senhor, andarem mais bem vestidas e, aparentemente, ocuparem um lugar de afetividade na vida dessas pessoas, a proximidade dessas mulheres com a família da casa-grande trazia enormes sofrimentos e constrangimentos a elas, principalmente por estarem submetidas a maiores riscos de violência, como a de cunho sexual (Teixeira, 2021, p. 27).

Mesmo após a abolição da escravatura, a situação das mulheres negras que trabalhavam com serviços domésticos ainda era próxima à da escravização. Embora a proclamação da Lei Áurea representasse o fim legal desse sistema de poder no Brasil, a relação de servidão entre esses sujeitos e os seus patrões, infelizmente, não terminou.

Nas décadas seguintes, como “cidadãs iguais perante a lei” (Gonzalez, 2020, p. 40), muitas delas, com pouca ou nenhuma alternativa, continuaram a realizar trabalhos domésticos para famílias mais abastadas. Nesses ambientes, assim como no período da escravização, essas trabalhadoras não eram tratadas como sujeitos, mas como “[...] servas disponíveis a satisfazerem todas as vontades dos seus patrões” (Teixeira, 2021, p. 32). Por vezes, sofriam abusos e ainda tinham que lidar com desconfianças, uma vez que, para a família burguesa para a qual trabalhavam, a convivência cotidiana com as domésticas e os seus costumes se configurava como uma ameaça à sua integridade física e moral (Roncador, 2007 *apud* Teixeira, 2021, p. 34).

Neste caso, para que o contato entre eles fosse sustentado, instalou-se uma dinâmica que já era mantida no período escravocrata: a divisão hierárquica dos espaços da casa. Principalmente para as domésticas que residiam no local de trabalho, apenas alguns espaços das residências dos patrões eram autorizados a elas, que tinham suas acomodações muito bem delimitadas:

Em geral, seus quartos, pequenos, se encontravam próximos à cozinha. Quarto e banheiro se conjugavam no que se chamou de dependência da empregada – os famosos quartinhos –, algo ainda muito presente nas plantas de apartamentos e casas pelo Brasil, e nem sempre conformes às próprias normativas legais de salubridade. Essa divisão se estendia ainda em outros ambientes. Em prédios residenciais, era e ainda é comum a separação no uso de elevadores (Teixeira, 2021, p. 40).

²⁷ Vide reflexões abordadas no subitem 1.4.

Desse modo, em um contexto em que há a convergência entre o local de moradia e de trabalho, problemas entre as trabalhadoras e os seus contratantes são frequentes, mas, também, permeados por contradições. O discurso “como se fosse da família”, por exemplo, passou a ser cada vez mais reproduzido nas casas onde as domésticas são residentes. Como um reprodutor das complexidades das relações estabelecidas entre patrões e domésticas, para Teixeira (2021), ele traduz as relações de trabalho em que a afetividade mascara as relações de poder e as desigualdades em voga, uma vez que, ao mesmo tempo em que a relação com os patrões e as trabalhadoras domésticas possui um clima aparente de proximidade e afetividade, o acesso aos espaços e as práticas desses contratantes ainda era limitado ou negado.

Nessa ambiguidade gerada pelo discurso de que as domésticas seriam *quase* parte da família, mas sem deixar de sair da sua posição de subordinada, Sônia Roncador (2007) chama atenção para o fato de que essas mulheres se tornaram “[...] consumidoras desautorizadas dos bens e dos hábitos de seus patrões” (Roncador, 2007, p. 41). Segundo a autora, essa condição remeteria aos “[...] padrões psíquicos e comportamentais organizados pelo racismo, que coloca os negros em lugares em que não podem minimamente acessar o que é confinado historicamente à branquitude” (Teixeira, 2021, p. 42).

Devido às dinâmicas de poder estabelecidas por essas relações, em que a pretensa proximidade das domésticas com os seus patrões facilitou a exploração, a informalidade e a precarização dessa profissão, construiu-se, histórica e coletivamente, um imaginário em que o trabalho doméstico não era visto como uma verdadeira profissão (Teixeira, 2015). Ao evitar nomear essas mulheres, corretamente, como trabalhadoras, mencionando-as como “a pessoa que ajuda lá em casa”, por exemplo, camufla-se o seu real papel social, silenciando essa categoria e reproduzindo os efeitos estruturais de sua invisibilização.

Diante desse cenário, que prejudicava a classe com a falta de regulamentação trabalhista adequada, as trabalhadoras domésticas, se mobilizaram em movimentos sindicais em prol de um tratamento legal justo, de modo que os seus direitos fossem reconhecidos e fortalecidos.

A regulamentação da chamada “PEC das Domésticas” (PEC nº 66/2012), por exemplo, implementada no ano de 2015 com a Lei Complementar nº 150, foi uma das conquistas realizada pela luta sindical. Por meio dela, ampliaram-se os direitos trabalhistas das domésticas, garantindo igualdade entre elas e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Dentre esses direitos, é possível citar o salário-maternidade, o auxílio-doença e acidente de trabalho, aposentadoria, entre outros.

No entanto, para que esses direitos sejam assegurados, exige-se que a profissão seja formalizada com a carteira assinada, o que acabou levantando uma intensa discussão entre os contratantes, que explicitaram, ainda mais, o seu racismo e a estrutura de divisão de classes da sociedade brasileira. Afinal,

[a]dmittir que legalmente as trabalhadoras domésticas seriam tratadas como os demais trabalhadores era não só institucionalizar um reconhecimento mais efetivo do trabalho doméstico, como também romper com sua naturalização, o que de fato ainda não ocorreu numa sociedade em que não rompe com os pactos narcísicos da branquitude (Bento, 2022 *apud* Teixeira, 2021, p. 67).

A formalização da profissão, nesse sentido, assume um papel significativo, uma vez que certifica que as domésticas estejam mais protegidas, enquanto administra, social e legalmente, as complexas relações de poder entre patrões e empregados. Assim, acredita-se que as discriminações sofridas por essas trabalhadoras possam ser minimizadas, de modo que elas tenham uma vida mais justa e digna.

Entender todo esse histórico de violência e a desigualdade, mas também de relações de afeto, que permeia a trajetória das domésticas, permite, portanto, que se perceba o modo de construção das relações estabelecidas com o trabalho doméstico, permitindo que ele ainda seja socialmente considerado como inferior. Quaisquer que sejam os avanços conquistados por essa categoria ainda não eliminam a importância de se continuar discutindo essas questões, de forma que sejam questionadas as relações de poder vigentes e os privilégios das classes socialmente hegemônicas.

Observar as semelhanças que existem entre a escravizada doméstica, a diarista ou mensalista dos dias atuais, contribui para a melhor compreensão do papel da trabalhadora doméstica e da sua constituição como uma “personagem social” permeada por estereótipos e preconceitos. Ao levar em conta o funcionamento da estrutura que organiza, psíquica e sociopoliticamente, os lugares determinados às mulheres negras, pode-se entender o que “[...] ajudou a configurar a naturalização racista da servidão” (Teixeira, 2021, p. 28) e como se deu a situação do trabalho doméstico durante a pandemia de Covid-19 — conjuntura retratada na história em quadrinhos *Confinada* (2020).

2. A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL E OS QUADRINHOS NO MUNDO DIGITAL: COMPREENDENDO O PAPEL DE *CONFINADA* (2020) COMO CRÍTICA SOCIAL²⁸

2.1. A pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta sobre a existência de vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Embora pudessem lembrar casos gripais mais comuns, tratava-se, na verdade, da disseminação de um novo tipo (cepa) de vírus, que ainda não havia sido identificado em seres humanos: o chamado novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável pela doença infecciosa Covid-19.

Com sintomas variáveis, como tosse seca, febre e cansaço, a enfermidade foi considerada altamente transmissível, contagiosa e, em parte dos casos, letal — uma vez que se espalha pelo ar, levando os indivíduos a se infectarem rapidamente por meio das vias respiratórias e, em casos mais graves, virem a óbito. Até que fossem encontradas soluções que contivessem a propagação da doença, os casos se multiplicaram, atingindo diversos países e regiões do mundo, de modo que, em 11 de março de 2020, a ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) declarou uma pandemia de Covid-19, classificando o surto da infecção como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional.

Um mês após essa determinação oficial, no início de abril daquele ano, o mundo alcançava a marca de 1 milhão de contaminados, o que nos levava para o pico da *primeira onda*²⁹ da pandemia de Covid-19 em todo o globo. Na época, segundo dados da OMS³⁰, confirmavam-se, aproximadamente, 500 mil novos casos por semana, ao mesmo tempo em que as mortes causadas pela forma grave da doença também aumentavam. Os países que registravam o maior número de casos eram a China, a Coreia do Sul, a Itália, o Japão e o Irã.

²⁸ Esse capítulo corresponde à uma investigação sobre as condições de produção do discurso a ser analisado de *Confinada* (2020). Desse modo, considerou-se relevante examinar as características principais do contexto interlocutivo em que a *webcomic* foi produzida, bem como os lugares de enunciação dos sujeitos envolvidos no processo de elaboração da narrativa.

²⁹ Segundo dados levantados pela *CNN Brasil*, o conceito de “onda” passou a ser aplicado para contextualizar o comportamento da pandemia de Covid-19, em relação ao aumento acentuado no número de casos e mortes pela doença. Nesse sentido, pôde-se observar, de modo geral, a ocorrência de três ondas: a primeira, entre abril e maio de 2020; a segunda, entre dezembro de 2020 e março de 2021; e a terceira, entre outubro de 2021 e maio de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-sao-ondas-da-covid-19-e-por-que-o-brasil-pode-estar-diante-da-3/>>. Acesso em: 03 de out, 2023.

³⁰ Dados localizados no histórico da pandemia de Covid-19, desenvolvido pela OPAS/OMS. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 03 de out, 2023.

Logo, medidas foram sendo tomadas e implantadas como forma de proteger a população e impedir o avanço da doença. O uso de máscaras, por exemplo, que passou a ser obrigatório na maioria dos países, foi uma importante barreira física contra a Covid-19, contribuindo para a proteção das vias respiratórias dos indivíduos, na redução do contato com partículas aéreas infectadas pela doença com o nariz e a boca. Em seguida, o distanciamento social se tornou uma das precauções mais relevantes do período, uma vez que ajudava a reduzir o contato entre as pessoas, retardando a propagação do vírus. Com isso, o *lockdown* — ou confinamento³¹ — se fez presente na maior parte do mundo, ao desestimular a circulação da população, especialmente em espaços coletivos propícios para aglomerações, como ruas, praças, shoppings e shows.

Nesse momento, então, iniciou-se a paralisação das atividades consideradas *não essenciais*, havendo o fechamento de alguns comércios e fronteiras; o cancelamento ou adiamento de eventos; a paralisação de atividades escolares presenciais, bem como a adoção do sistema de trabalho remoto — àquelas ocupações que podiam ser praticadas à distância.

O cenário desolador de medo e preocupação com os rumos da pandemia, em meio a progressão rápida da doença e do número de mortes, fez com que laboratórios de todo o mundo *corressem contra o tempo* para desenvolver e testar vacinas eficientes que pudessem controlar a pandemia.

Em alguns meses, então, chegava aos braços da população aquela que seria, definitivamente, a ferramenta principal para o combate à Covid-19. Neste ponto, muitos países começaram a implementar planos de distribuição das vacinas, de modo que fossem priorizados aqueles com alto risco de exposição e transmissão, como os profissionais de saúde, bem como aqueles com maior risco de complicações pela doença, como os idosos e pessoas com doenças preexistentes, que tinham baixa imunidade. Assim, com base em relatórios oficiais das agências nacionais de saúde³², em 25 de março de 2021, 508,16 milhões de doses de vacinas contra a Covid-19 foram administradas pela primeira vez no mundo.

³¹ O nome da série de quadrinhos *Confinada* (2020), deriva, portanto, da prática de isolamento adotada durante o período da pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo. No entanto, é possível relacionar o título dado à *webcomic* às privações de liberdade e de direitos vivenciadas pela doméstica Ju na residência de Fran Clemente, onde trabalhava.

³² Dados retirados da página *Our World in Data*, organizada pela Oxford Martin School. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations>>. Acesso em 03 de out, 2023.

Com as vacinas em circulação e a imunização ocorrendo em massa³³, no decorrer de 2021 e 2022, os casos de Covid-19 e as mortes pela doença foram diminuindo, o que possibilitou que as restrições e as políticas de combate à pandemia fossem flexibilizadas. Pessoas deixaram de usar máscaras de proteção em lugares abertos, diversos serviços públicos e privados voltaram a funcionar e, assim, a humanidade tentava se recompor novamente daquele que foi um dos maiores acontecimentos da contemporaneidade.

Três anos após a declaração da pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de casos acumulados em todo mundo, até o mês de maio de 2023, é de 765.222.932. Dessa quantia, 41% são provenientes do continente europeu, 28% da América e 16% da região do Pacífico Ocidental, a qual inclui países como China, Japão e Austrália³⁴.

No Brasil, o primeiro episódio de Covid-19 foi oficialmente registrado em 25 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, onde um homem, recém-regressado da Itália, então foco da pandemia na Europa, pareceu ter trazido o vírus ao país. Desde então, com a má gestão no combate à doença, o país acabou enfrentando três *ondas* do novo coronavírus, que se espalhou rapidamente pela população, desenvolvendo-se em casos graves e milhares de mortes.

Em abril de 2020, por exemplo, o Brasil registrava 50 mil casos da infecção e cerca de 3 mil mortes. No mês seguinte, os jornais brasileiros noticiavam o número de 700 mortes por dia, atingindo o total de mil óbitos diários a partir da segunda quinzena de maio³⁵.

O rápido avanço da pandemia pelo território nacional resultou na superlotação de hospitais e no colapso dos sistemas de saúde de muitas regiões do país. Faltaram leitos de UTI para pacientes graves, materiais de segurança para profissionais de saúde, além de elementos básicos para o tratamento dos doentes — como foi o caso do estado do Amazonas que, no mês de janeiro de 2021, viveu o terror de uma crise em Manaus, marcada pela falta de cilindros de oxigênio nos hospitais, levando pacientes e famílias ao desespero completo³⁶.

³³ No decorrer da pandemia de Covid-19, apesar das campanhas de vacinação contra a doença terem ganhado força, em alguns lugares do mundo, como o Brasil, teorias da conspiração e desinformação levaram à ascensão do movimento antivacina, formado por pessoas que hesitavam pela imunização, ao negarem os riscos da infecção e os benefícios dos imunizantes.

³⁴ Os dados apresentados foram retirados do site das *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%Aancia-de-sa%C3%BAde>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

³⁵ As informações sobre o número de casos de Covid-19 no Brasil foram obtidas através dos relatórios divulgados atualmente pelo governo federal. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

³⁶ *Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021*. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

Mais tarde, naquele mesmo ano, o Brasil vivenciara a segunda *onda* da Covid-19, a mais longa e letal até então. Em abril de 2021, o país contabilizou mais de 13 milhões de pessoas infectadas e atingiu o triste recorde de *4.211 óbitos em um único dia*³⁷.

A postura do governo federal, manifesta na figura do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro, é tida como uma das principais responsáveis pelo modo como a pandemia de Covid-19 se desenrolou no Brasil. As condutas negacionistas do então chefe de estado ultrapassaram limites éticos e de responsabilidade com os direitos humanos e a vida dos cidadãos. Para Lopes (2023), pesquisadora brasileira, Bolsonaro “[...] negou o potencial dizimador da crise pandêmica” (p. 8), assumindo uma *antipolítica*, a qual pode ser compreendida pelos vários exemplos negativos dados pelo ex-presidente à população:

[...] era contra o uso de máscara, contra o isolamento social, desdenhou do uso da vacina e fomentou o uso de medicamento declaradamente ineficaz para o tratamento da doença, inclusive, causador de graves efeitos colaterais. Ademais, através de um amplo lexicográfico, as declarações do então presidente acerca da Covid-19 repercutiram drasticamente ao combate da maior crise sanitária que o Brasil e o mundo enfrentaram (Lopes, 2023, p.8).

Com a CPI da Pandemia, solicitada em janeiro de 2021, buscou-se apurar as ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia da Covid-19 no Brasil. De alguma maneira, houve a tentativa de responsabilizá-lo legalmente pelo atraso na política de vacinação, pelo alto número de mortes diárias de brasileiros, pela falta de leitos de UTI, bem como pelo colapso no sistema de saúde de várias regiões do país, como o Amazonas. No entanto, finalizada em outubro de 2021, a referida CPI teve como produto final das discussões realizadas a escrita do *Relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (2021)* — o qual, apesar de validar, inquestionavelmente, a violação dos direitos humanos ao longo da pandemia no Brasil, concluiu que não havia elementos para sustentar a abertura de inquérito. Assim, foi solicitado ao Supremo Tribunal Federal (STF) o arquivamento de sete das dez apurações contra Bolsonaro, ministros e ex-ministros do seu governo³⁸.

Com isso, o povo brasileiro parece viver, ainda, com as feridas abertas pela má gestão governamental da crise pandêmica. Além da memória de dor e da experiência de luto que muitas

³⁷ *Brasil registra 4.211 mortes por Covid-19 em um único dia*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/brasil-registra-4211-mortes-por-covid-19-em-um-unico-dia-24958490>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

³⁸ As informações sobre a CPI da Pandemia foram retiradas do site da *Agência Senado*. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/26/senadores-contestam-arquivamento-de-investigacoes-indicadas-pela-cpi-da-pandemia#:~:text=No%20relat%C3%B3rio%20final%2C%20a%20CPI,responsabilidade%3B%20e%20crimes%20contra%20a>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

peças precisa(r)am enfrentar, após perderem entes queridos e verem o Brasil abandonado por aqueles que mais deviam atenção à nação, a sociedade também tem lidado com outros impactos desse período, os quais intensificaram problemas estruturais do país.

Desde o início da pandemia de Covid-19, transformações profundas ocorreram no Brasil e no mundo, levando à repercussão de diversas questões sobre esse período, não apenas de ordem biomédica e epidemiológica, mas, também, social, econômica, política e cultural. De acordo com pesquisas desenvolvidas pela Fiocruz (2021):

A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros (Fiocruz, 2021).

A crise pandêmica do novo coronavírus, desse modo, aprofundou as desigualdades, fazendo com que a parcela mais pobre da população mundial se tornasse ainda mais vulnerável. Com a falta de acesso às redes de saneamento básico; à saúde para o tratamento da doença; o atraso à vacinação; à tecnologia e à *internet* de qualidade para o trabalho e os estudos, além da diminuição da renda familiar, gerada pela onda de desemprego, agravou-se o quadro de pobreza e insegurança alimentar no mundo.

De acordo com pesquisas da ONU, de 119 a 124 milhões de pessoas chegaram à situação de pobreza em 2020, com cerca de 255 milhões de empregos perdidos. O número de indivíduos afetados pela fome aumentou de 83 para 132 milhões³⁹. No caso do Brasil, segundo estudos realizados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgada em março de 2021, entre os meses de agosto de 2020 e fevereiro de 2021, cerca de 17,7 milhões de pessoas voltaram à pobreza, passando de 9,5 milhões (4,5% da população) para 27,2 milhões em fevereiro (12,8% da população)⁴⁰.

Neste sentido, ao levar em consideração o objetivo principal desta pesquisa, que diz respeito ao estudo da situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil e sua relação com as discriminações de gênero, raça e classe, a partir da análise

³⁹ A pesquisa foi retirada da página *DSS BR*, desenvolvida pela Fiocruz. Disponível em: <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/covid-19-aumentou-a-pobreza-a-fome-e-as-desigualdades-catastrofe-geracional-afirma-a-onu/>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

⁴⁰ Os dados da pesquisa realizada pela FGV foram retirados do site do *Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz* (CEE), o qual traz reflexões sobre como a pandemia agravou a desigualdade de renda e pobreza no Brasil. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=a-pandemia-agravou-a-desigualdade-de-renda-e-a-pobreza-no-brasil>>. Acesso em: 5 de out, 2023.

discursiva de *Confinada* (2020), torna-se relevante também refletir sobre os impactos dessa crise na vida da população brasileira, especialmente daqueles que já eram vulneráveis — e representam a maior parte das profissionais que se dedicam ao trabalho doméstico⁴¹.

A primeira morte registrada no país foi de um porteiro do bairro Paraíso na zona sul de São Paulo, em 17 de março de 2020. No Rio de Janeiro, a primeira vítima fatal de Covid-19 foi uma trabalhadora doméstica de 63 anos, infectada pela patroa, que havia retornado de uma viagem à Itália e, contaminada, não liberou a funcionária para fazer isolamento em sua própria residência. Dois dias após o início dos sintomas, a doméstica não resistiu e morreu no hospital (Santana, 2021).

Não parece ser coincidência, portanto, que o novo coronavírus tenha entrado no Brasil por meio das populações mais abastadas, com recursos para viagens ao exterior e, ao mesmo tempo, que as primeiras mortes tenham sido de trabalhadores em posições pouco valorizadas no país, relacionadas à prestação de serviços e cuidados das camadas socialmente e economicamente privilegiadas (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020). Ainda que tenha sido divulgado que o vírus não apresentara cor ou classe social, o que a pandemia demonstrou, na verdade, foi que as vítimas da Covid-19 foram, em sua grande maioria, pessoas negras, pobres e periféricas⁴².

Desde o princípio, o modo como a pandemia de Covid-19 se sucedeu no Brasil escancarou os vários problemas estruturais existentes no país, relacionados, principalmente, às desigualdades sociais. A população negra, pobre e periférica, deficiente no acesso à saúde de qualidade, ao saneamento básico, à educação de qualidade e às boas condições de trabalho, estavam, desse modo, mais vulneráveis às adversidades promovidas pelo novo coronavírus⁴³. Junto à má gestão dessa crise pelo governo federal, agravaram-se, então, diversos desses problemas, impactando, ainda mais, a parcela mais desfavorecida da sociedade.

Desse modo, compreende-se que as estruturas sociais que formam sócio-histórica e culturalmente o Brasil — herdadas do período colonial escravocrata — possuem forte relação

⁴¹ De acordo com a PNAD Contínua (2021), mais de 95% das trabalhadoras domésticas são mulheres, sendo mais de 64% delas negras.

⁴² Segundo o estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, da PUC-Rio, enquanto quase 55% de pretos e pobres morreram por Covid-19 entre os anos de 2020 e 2021, a proporção entre brancos ficou em 38%. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/12/por-que-o-coronavirus-mata-mais-as-pessoas-negras-e-pobres-no-brasil-e-no-mundo.ghtml>>. Acesso em 7 de out, 2023.

⁴³ *Por que o coronavírus mata mais pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>>. Acesso em 20 set, 2023.

com essa conjuntura, já que interferiram na forma como certos sujeitos foram atingidos pela Covid-19, bem como influenciaram no modo como a crise pandêmica foi conduzida no país — parecendo ter sido operado por uma lógica colonial discriminatória, a qual invalida determinados grupos sociais, colocando em funcionamento o necrobiopoder. No entanto, também se entende que o sistema capitalista contemporâneo, com seus mecanismos de controle e (des)qualificação de pessoas, contribuiu igualmente para que fosse reafirmada a posição dessa parcela da sociedade em um lugar subalterno.

Na esfera do trabalho, por exemplo, diante das medidas estabelecidas pelo governo federal⁴⁴, que buscava preservar a economia brasileira, a qual foi intensamente afetada durante o período da pandemia, bem como a necessidade dos indivíduos em manterem o próprio sustento e o da família, milhares de trabalhadores marginalizados, que não podiam aderir ao trabalho remoto, como as primeiras vítimas fatais da Covid-19 citadas acima, não puderam tomar as medidas de proteção adequadas e foram sujeitados ao risco de exposição à doença. Privilegiando-se, ainda, as necessidades das classes hegemônicas, que enxergavam determinados serviços, tais como o de cortes de cabelo, o de manicure, o *delivery*, a jardinagem e o trabalho doméstico terceirizado, como “essenciais” — apesar de não serem representados e remunerados como tal e, por isso, serem colocados como algo de “segunda classe” — flexibilizaram-se as condições de muitos desses trabalhos, tornando-os ainda mais precarizados.

À vista disso, as formas de organização do trabalho, que já apresentavam mudanças desde antes da pandemia do novo coronavírus, foram bruscamente afetadas. A chamada *uberização*, de acordo com Abílio (2020), consolidou o trabalhador “*just-in-time*”, eliminando muitas de suas proteções legais, especialmente relacionadas aos limites da jornada de trabalho, à remuneração, aos riscos e custos. Assim, ao longo da pandemia, com o aumento do desemprego, a busca de alternativas de acesso à renda extra e o desejo da classe dominante de manter seus privilégios, usufruindo de serviços realizados por terceiros, a superexploração e a informalidade cresceram no mercado de trabalho, contribuindo para um fortalecimento de opressões sociais que prejudicaram a qualidade de vida e o bem-estar da classe trabalhadora, que teve pouco amparo durante esse período de crise⁴⁵.

⁴⁴ O decreto nº 10.28244, publicado em março de 2020, definiu quais serviços eram essenciais para o funcionamento da economia durante a pandemia. Sua execução impossibilitou que diversos trabalhadores colocassem em prática as medidas de proteção indicadas pela OMS, uma vez que não eram fornecidas medidas de segurança adequadas. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2020/decreto-10282-20-marco-2020-789863-publicacaooriginal-160165-pe.html>>. Acesso em: 08 out, 2023.

⁴⁵ No ano de 2020 foi aprovado pelo Congresso um auxílio emergencial de R\$ 600 reais mensais, como forma de garantir uma renda mínima aos brasileiros em situação vulnerável durante a pandemia de Covid-19. No entanto,

As trabalhadoras domésticas, neste sentido, que já possuíam um histórico ligado à informalidade e exploração, foram intensamente impactadas. Ao considerar o cenário da pandemia de Covid-19 no Brasil, o qual levou à precarização de muitas relações trabalhistas, compreende-se a ampliação na vulnerabilidade do trabalho doméstico em dois pontos principais:

[...] no tipo de trabalho realizado por essas mulheres e nas condições em que este se realiza, que as expõe, de forma muito intensa, à circulação do vírus. [...] [bem como] na falta de proteção social e na impossibilidade dessas trabalhadoras de buscarem no Estado apoio, seja para reposição da renda, caso sejam demitidas (seguro-desemprego), seja no caso de ficarem doentes e precisarem se afastar do trabalho (auxílio-doença) (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020, p. 10).

A seguir, será detalhadamente discutida a situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia do coronavírus no Brasil, de modo a se refletir sobre as principais características desse momento para as profissionais, bem como sobre as tensões que colocaram essa ocupação em um lugar ainda mais marginalizado, intensificando as discriminações sofridas por elas.

2.2. A situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil

O trabalho doméstico remunerado, diante do contexto da pandemia do novo coronavírus, assumiu dinâmicas que expuseram as trabalhadoras a diversas inseguranças no ambiente de trabalho, ampliando a desproteção social desse grupo, que já era frágil⁴⁶. Fosse pelo tipo de trabalho realizado por essas profissionais — o qual as impediu que realizassem o distanciamento social, expondo-as diretamente ao vírus, por não poder ser praticado à distância — ou pela elevada informalidade e baixa regulamentação da profissão — que dificultam em caso de demissão ou da necessidade de afastamento por doença —, as experiências vividas por essas mulheres ao longo do período pandêmico foram complexas e permeadas por diversas problemáticas que dialogam com discriminações diversas, como as de gênero, raça e classe.

No documentário “A difícil realidade das domésticas em meio à crise da Covid-19”, produzido pela *BBC News Brasil* no ano de 2020, são contadas as histórias de Neca e Zeza,

ele se mostrou insuficiente para sanar as necessidades da população, garantindo condições mínimas de subsistência aos beneficiários, principalmente aqueles sem acesso a trabalho ou outras formas de geração de renda.

⁴⁶ Como indicado anteriormente nesta pesquisa, o trabalho doméstico remunerado foi um dos setores mais afetados durante o período pandêmico. O número de domésticas mortas pela Covid-19 nos anos de 2020 e 2021 corresponde a 2,4% do total de vítimas da doença no Brasil. Além disso, no auge da crise, as perdas de emprego entre essas profissionais variaram de 25% e 50% — bem acima de outros setores. Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/06/motoristas-domesticas-e-pedreiros-estao-entre-os-que-mais-morrem-de-covid-19-em-sp.shtml>>. Acesso em 10 de out, 2023.

duas trabalhadoras domésticas que enfrentaram, de maneiras distintas, a grande crise sanitária e econômica causada pelo coronavírus no Brasil. Enquanto uma conseguiu manter o seu emprego em uma casa de família de classe média em São Paulo — embora para isso precisasse cruzar a cidade usando transportes públicos, expondo-se ao risco de contaminação pela doença —, a outra perdeu todos os trabalhos que tinha como diarista e, sem auxílio do Estado ou posse de direitos trabalhistas, ficou presa na pequena casa onde vivia com a família enquanto buscava algum emprego. Ambas, ao fazerem parte de um mercado em que a mão-de-obra é desvalorizada e precarizada, durante a pandemia de Covid-19, se viram ainda mais desemparradas.

Compreende-se, nesse sentido, que a própria natureza da atividade do trabalho doméstico, ligada à lógica colonial, junto às exigências do capital, determinaram a condição de vulnerabilidade das domésticas ao longo da pandemia. Ainda que fosse um direito civil dessas profissionais realizarem o isolamento social, como grande parte da população, garantindo sua proteção e a de sua família, muitas delas precisaram continuar exercendo suas atividades normalmente, em função de garantirem o próprio sustento — já que em muitos casos não havia alternativa de renda —, mas, também, pela afirmação das necessidades das famílias para as quais trabalhavam — que não abriram mão, mesmo quando poderiam, de ter uma outra pessoa em sua casa para cuidar das tarefas domésticas.

Assim, com o contato físico diário e muito próximo de seus empregadores, além do alto grau de subordinação desse trabalho, que impedia que as trabalhadoras tivessem qualquer informação ou influência sobre onde circulavam seus patrões, ao longo da pandemia houve um aumento da insegurança das domésticas em seu ambiente de trabalho, uma vez que elas podiam ser expostas a diversos riscos de contaminação pelo coronavírus, sem muitas possibilidades de escolha ou caminhos diferentes para serem tomados.

A forte carga afetiva e emocional que envolve esse trabalho pode, ainda, ter contribuído com esse cenário, já que, muitas vezes, ela é usada pelos patrões como moeda de troca na negociação dos direitos das trabalhadoras e acaba se convertendo em abuso e exploração, os quais mascaram a relação de trabalho, escondendo horas extras de trabalho não contabilizadas, sobrecarga e abusos morais.

Situações em que patrões proibiram suas funcionárias de voltarem para suas casas, mantendo-as em *confinamento* no trabalho, junto a uma família que não era a delas, sob a justificativa da necessidade dos seus serviços, aliada à preocupação com a contaminação externa trazida pelas domésticas, que geralmente utilizavam transportes públicos lotados, foram

cada vez mais comuns desde o início da pandemia e levaram algumas das trabalhadoras a medidas extremas.

Em 25 de agosto de 2021, por exemplo, uma doméstica de 25 anos se jogou do terceiro andar de um prédio, em Salvador, para, segundo a polícia, fugir do cárcere privado sob o qual estava sendo mantida pela patroa, que não aceitou o pedido de demissão da funcionária, que se sentia sobrecarregada pelas tarefas e horários estipulados durante a pandemia (Adailton, 2021). Após ficar quatro dias trancada em um banheiro da residência, sem se alimentar, pode-se dizer que Raiana Ribeiro da Silva foi submetida a uma situação semelhante àquelas em que muitos escravizados vivenciaram durante o processo de escravização de negros africanos na América quando eram aprisionados em senzalas ou transportados pelos navios negreiros.

Outra situação que marcara esse período pela condição vulnerável em que viviam as trabalhadoras domésticas na pandemia foi a morte do menino Miguel, de 5 anos, que caiu do 9º andar de um prédio de luxo da cidade de Recife, em junho de 2020. Miguel precisou acompanhar a mãe em uma terça-feira de trabalho, devido à suspensão das aulas no período de isolamento da pandemia. A mãe do garoto, Mirtes, seguia trabalhando normalmente como doméstica e pediu que a patroa olhasse o filho rapidamente, enquanto ela saía para passear com o cachorro da família. O descaso e abandono da empregadora, que dispensou os cuidados ao menino — sempre conferidos pela funcionária à sua família —, contribuiu para que a criança perdesse a vida em um trágico acidente.

A declaração, por parte do governo federal, de que o trabalho doméstico remunerado se encaixava como um serviço essencial na pandemia de Covid-19 gerou, desse modo, muita polêmica, uma vez que ampliou a desproteção desse grupo social. Assim, iniciou-se uma grande mobilização por parte da Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), bem como dos sindicatos de trabalhadoras domésticas, para que as condições que as domésticas estavam enfrentando nesse período fossem acolhidas e repensadas.

Luiza Batista, presidente da Fenatrad, declarou, na época, que as domésticas deveriam ter o direito à quarentena do mesmo modo que as demais categorias profissionais, devendo trabalhar em situações excepcionalmente essenciais, como aqueles em que são cuidadoras de pessoas que necessitam de acompanhamento permanente ou idosos. Segundo Batista, a inclusão total do trabalho doméstico como atividade essencial reflete as desigualdades da sociedade brasileira, as quais manifestam o racismo e o sexismo:

Sempre lutamos por valorização e a sociedade nunca quis reconhecer a importância do serviço doméstico. Aí neste momento de pandemia, a casa-grande que está em quarentena, não quer se dar ao trabalho de fazer as próprias tarefas domésticas.

Colocar o serviço doméstico como essencial de forma generalizada é uma crueldade. As trabalhadoras domésticas também têm famílias (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020, p. 12).

Com isso, campanhas importantes começaram a ser lançadas, de modo que as domésticas fossem liberadas por seus empregadores de suas funções diárias, sem que suas rendas fossem suspensas. Na primeira delas, realizada por filhos de trabalhadoras domésticas, foi elaborada a *Carta-manifesto pela vida de nossas mães (2020)*⁴⁷, em que os participantes solicitavam a quarentena remunerada para mensalistas e diaristas. Depois, a Fenatrad levantou a campanha “Cuide de Quem te Cuida”, como forma de pressionar o Ministério Público do Trabalho (MPT), bem como o Estado de forma geral, pelo direito à vida e à proteção das trabalhadoras domésticas.

O MPT se posicionou, ao emitir a Nota Técnica Conjunta nº 4/2020, defendendo a realização da chamada “quarentena remunerada” sempre que possível e que, para aquelas atividades de natureza essencial, cuja interrupção do trabalho fosse menos viável, as domésticas tivessem acesso “[...] a equipamentos de proteção individual, como luvas, óculos de proteção, máscara e álcool em gel” (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020, p. 11). A nota ainda definia uma série de outras garantias às trabalhadoras, como aponta Pinheiro et. al. (2020):

i) dispensa remunerada das trabalhadoras pelo período de isolamento dos empregadores, no caso em que estes tenham sido diagnosticados ou estejam com suspeita de contaminação por Covid-19; ii) flexibilidade na jornada de trabalho; e iii) a garantia do deslocamento das trabalhadoras em horários alternativos, para que fujam dos períodos de pico nos transportes públicos (Pinheiro; Tokarski; Vasconcelos, 2020, p. 11).

Com isso, houve inúmeras tentativas de mobilizar o poder público, os empregadores de domésticas e toda a sociedade civil, de forma que as trabalhadoras pudessem enfrentar a pandemia com mais segurança, obedecendo às regras de proteção contra o vírus, sem serem prejudicadas financeiramente. Infelizmente, muitas delas continuaram exercendo suas atividades normalmente — sem a interferência de ações que as mantivessem protegidas — ou, então, foram dispensadas sem a manutenção dos seus rendimentos.

Dessarte, diante do que foi exposto, Pinheiro *et. al.* (2020) explicam que essa dispensa das domésticas as impactou seriamente em termos de renda durante o período pandêmico, já que uma grande parcela dessas profissionais atua como diaristas — e, por isso, nesse contexto,

⁴⁷ *Carta-manifesto pela vida de nossas mães*. Disponível em: <https://www.change.org/p/ao-poder-publico-empregadores-e-empregadoras-de-domesticas-e-diaristas-e-toda-sociedade-civil-quarentena-remunerada-imediata-para-domesticas-e-diaristas?recruiter=1056504459&utm_source=share_petition&utm_>. Acesso em 10 de out, 2023.

receberia um salário apenas quando prestasse serviços em uma residência —, ou, também, porque a maioria delas sofre com a informalidade de não estar “[...] coberta pelo sistema de seguridade social, não tendo acesso a direitos trabalhistas e previdenciários” (p. 14).

O alto grau de desproteção social e informalidade nas relações de trabalho que marcam a categoria historicamente influenciou, então, ainda mais, o estado vulnerável no qual as trabalhadoras domésticas foram sujeitadas durante a pandemia.

Atualmente, no Brasil, de cada dez mulheres ocupadas nesta profissão, sejam diaristas ou mensalistas, sete não possuem carteira de trabalho assinada⁴⁸ — não tendo acesso, desse modo, a benefícios como o seguro-desemprego ou auxílio-doença. Neste contexto, a garantia de qualquer nível de proteção social acaba recaindo sobre a própria doméstica, a qual pode contribuir ao sistema de Previdência Social ou ao Programa de Microempreendedor Individual (MEI). Em ambos os casos, a contribuição, que deve ser feita pela própria trabalhadora, asseguraria seus direitos previdenciários, como o auxílio-doença, a aposentadoria e o salário-maternidade. No entanto, dados os custos e as dificuldades de realizar essa tarefa, em 2022 foi registrado que apenas 39,2% das trabalhadoras domésticas estão protegidas pela Previdência Social⁴⁹ — seja mediante carteira de trabalho assinada ou pela contribuição individual. No caso das mensalistas, esse número sobe para 43%; contudo, isso demonstra que mais da metade das trabalhadoras domésticas mensalistas (56,5%)⁵⁰ não apresenta direitos trabalhistas e previdenciários assegurados por seus empregadores.

Diante da conjuntura da pandemia de coronavírus no Brasil, seis em cada dez mensalistas podiam garantir a manutenção sobre sua renda, caso fossem demitidas ou adoecessem⁵¹. As outras, ficaram à mercê de um futuro de incertezas e medo, onde o pouco auxílio dado pelo Estado era insuficiente para suprir suas necessidades subsistentes.

⁴⁸ *O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas*. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.pdf>>. Acesso em: 17 de out, 2023.

⁴⁹ *O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas*. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.pdf>>. Acesso em 17 de out, 2023.

⁵⁰ *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil*. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10077/1/NT_75_Disoc_Vulnerabilidades%20das%20Trabalhadoras%20Domesticas.pdf>. Acesso em: 17 de out, 2023.

⁵¹ *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados no Brasil*. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11044/1/Entre_relacoes_de_cuidado.pdf>. Acesso em: 17 de out, 2023.

Desse modo, perante esse contexto de extrema vulnerabilidade e desproteção, como seria possível exigir que as trabalhadoras domésticas recusassem trabalhar normalmente para manter seus salários? Como pedir que deixassem seus trabalhos para realizar o isolamento social? Ou, então, que parassem de buscar diárias ou empregos temporários para garantir o sustento da sua família?

O fato é que ainda não existem dados de quantas domésticas, de fato, conseguiram cumprir o isolamento social sem perderem suas rendas ao longo dos dois anos em que durou a pandemia no Brasil. Se a execução dessa realidade foi possível em algum cenário, é certo que foi uma exceção. Afinal, diante da invisibilização e precarização da profissão, bem como a relação desigual existente nessas dinâmicas de trabalho, não são muitos os patrões tolerantes a acordos que fujam de suas necessidades individuais.

Nota-se, portanto, como essas circunstâncias remetem, principalmente, a cenários que expõem as relações de poder existentes entre empregadores e trabalhadoras domésticas, as quais reforçam padrões de desigualdade social, rememorando muitas situações ligadas ao período histórico colonial escravocrata — em que aqueles que realizavam os serviços domésticos, apesar de obterem algum vínculo afetivo, eram colocados de lado frente às vontades dos senhores. Neste sentido, olhar para este contexto tem a ver com questionar a naturalização da sociedade sobre o estado de subordinação e servidão de sujeitos vulneráveis, como as mulheres negras e de baixa renda (Gonzalez, 2021; Teixeira, 2021), bem como observar como o racismo estrutural (Almeida, 2019), que retoma a herança colonial escravocrata, age em favor dessa condição.

Em *Confinada* (2020), a história em quadrinhos analisada neste trabalho, toma-se como plano de fundo a situação das trabalhadoras domésticas na pandemia de Covid-19 no Brasil, levando em conta muitas das problemáticas levantadas nesta pesquisa sobre o período — como a desproteção, a precarização e a informalidade do trabalho doméstico; o impacto da pandemia na população negra, pobre e periférica; o discurso antivacina; a má gestão do governo Bolsonaro, entre outros. Essa narrativa ficcional, portanto, como uma representação⁵² das vivências das domésticas ao longo da crise pandêmica, bem como das relações de poder estabelecidas na esfera do trabalho doméstico, foi uma importante ferramenta para o debate dos

⁵² Neste contexto, toma-se o conceito de representação desenvolvido pelo teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1997). Para ele, representação é uma parte essencial dos processos de significação elaborados por membros de uma cultura. Por isso, envolve o uso da linguagem, dos signos e das imagens, os quais concebem significados específicos, conectados a visões de mundo.

conflitos presentes na sociedade brasileira, envolvendo, principalmente, questões de desigualdade social.

Ao servirem de espaço para a divulgação de discussões que podem ajudar a potencializar a reflexão sobre temáticas sociais, as tirinhas criadas por Triscila Oliveira e Leandro Assis fizeram enorme sucesso no *Instagram* nos anos de 2020 e 2021, permitindo que os usuários desta rede social, com alcance à narrativa, tivessem acesso a comportamentos outros em relação às dinâmicas trabalhistas envolvendo as domésticas, como também, outros grupos sociais minoritários, igualmente prejudicados pela pandemia.

À vista disso e levando em consideração os objetivos desta pesquisa, na sequência será tratado o modo como foi feito uso das mídias digitais — mais especificamente o *Instagram* — ao longo do período pandêmico, bem como investigado o efeito que essa mídia pode ter tido na vida da população brasileira para a discussão de temáticas sociais. Com isso, pretende-se compreender como o consumo de conteúdos político-sociais, veiculados em ambiente digital, como a série de quadrinhos *Confinada* (2020), pôde contribuir para o processo de reflexão do público leitor sobre a condição de indivíduos vulneráveis, como as domésticas, durante a pandemia de Covid-19 no Brasil.

2.3. Quadrinhos e o meio digital: ampliando as possibilidades de comunic(ação) político-social

Com a chegada da Covid-19, a maioria da população mundial se viu isolada em suas residências, tendo que alterar profundamente os seus costumes, habituando-se a novos estilos de vida. Diante da impossibilidade de sair de casa para encontrar amigos e familiares, muitos cidadãos enxergaram na *internet* e no uso das tecnologias digitais uma maneira de manter o contato com o mundo “exterior”. Artistas reuniram milhares de pessoas em *lives*, modas foram lançadas, discussões e debates foram levantados e uma grande parcela da população foi mobilizada diante de temas sociais. Assim a vida passou a acontecer, em grande parte, na sua forma on-line⁵³.

No Brasil, não foi diferente. De acordo com dados divulgados pela Anatel (2019), o uso das mídias sociais disparou nos anos de 2020 e 2021 no país: em julho de 2019 havia 32,7

⁵³ Segundo uma pesquisa realizada pela Statista, plataforma alemã especializada em coleta e visualização de dados, no ano de 2020, mais de 50% das pessoas no mundo — ou seja, mais ou menos 3.81 bilhões de indivíduos — estavam conectadas às redes sociais diariamente. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33332/1/UsomC3ADdiasSociais.pdf>>. Acesso em: 24 de out, 2023.

milhões de pessoas conectadas às mídias digitais e no mesmo período do ano seguinte, quando se deu início à pandemia no país, o número aumentou para 34,2 milhões — sendo cerca de 99% desse público usuários de telefones celulares (CETIC, 2019).

O *Instagram*, como uma mídia digital popular de 2 bilhões de usuários que possibilita o compartilhamento de fotos e vídeos, configurou-se, neste período, como um “ecossistema digital”⁵⁴ (Latour, 1991) relevante para a sociedade. Segundo uma pesquisa realizada pelo Cuponation (2020), esta rede social teve um crescimento no número de usuários de 230% nos dois anos pandêmicos, liderando o uso das plataformas digitais com quase 50% de consumidores das ferramentas — seguido do WhatsApp, YouTube e Facebook.

Com dispositivos específicos, como os anúncios e um buscador aprimorado, os quais permitem que os usuários dessa interface tenham buscas mais rápidas e relacionadas aos seus interesses — geradas de acordo com as interações com seguidores, *hashtags* e localidades —, o *Instagram* conectou os indivíduos a redes digitais, permitindo as mais variadas formas de interatividade, afetando ainda mais a maneira como as pessoas vinham se relacionando e se informando.

Se antes as mídias digitais já haviam transformado o modo como os sujeitos consumiam informações, estabelecendo novas potencialidades de comunicação, as quais facilitaram o acesso a conteúdo de nichos específicos (Silva; Miranda, 2016 *apud* Araujo, 2022, p. 33), durante a crise pandêmica, com uma dependência maior das redes sociais para se relacionar com o exterior, foi possível explorar ainda mais os diferentes recursos e as possibilidades do ambiente digital.

Assim, ao longo da pandemia, o *Instagram* pôde promover espaços de visibilidade para determinados discursos e contribuir para que temáticas que apresentavam pouco ou nenhum reconhecimento, mas que eram relevantes para o período, conquistassem um lugar de maior destaque. Muitos usuários aproveitaram a rede para compartilhar seus posicionamentos sobre a condução da crise sanitária e econômica que atingia todo o mundo, bem como para trazer perspectivas e acolhimento em relação a temas diversos, como gênero, diversidade, raça, desigualdade social, vacinação, religião, identidades, entre outros (Gervazoni; Liberansk, 2021, on-line).

⁵⁴ Compreende-se por “ecossistema digital”, segundo Latour (1991), o modo como as mídias digitais se conectam entre si, permitindo diversos tipos de interação entre os sujeitos, de modo que suas formas de pensar e agir, ligadas às formações discursivas, acabem se manifestando.

Produções artísticas diversas, denominadas *Net art*⁵⁵, com conteúdo político-social, começaram, desse modo, a serem compostas para a divulgação no *Instagram* e outras plataformas digitais, como formas de dissenso e reivindicação, aproximando-se da dimensão política cotidiana vivenciada pela população no momento da pandemia. Em 2020, por exemplo, a artista brasileira Giselle Beiguelman se dedicou à criação do chamado *Coronário* (Figura 1), o qual explorou, digitalmente, o surgimento do novo léxico que refletia o cenário da época, evidenciando o rastreamento digital das preocupações iniciais dos indivíduos para com a pandemia. Em uma espécie de “nuvem de *tags*”, apresentam-se termos mensurados pelo índice de tendências de busca do Google, entre os meses de março e abril de 2020.



Figura 1: *Coronário* (2020), de Giselle Beiguelman. *Net art* disponível on-line no site do Instituto Moreira Salles. Fonte: <https://coronario.ims.com.br/>. Acesso em: 25 de out, 2023.

Algumas mostras digitais também fizeram sucesso durante o período, como as que foram desenvolvidas pelos estudantes da Universidade de Brasília (UnB): *Inst.ante* e a *(in)tangível*. Ambas podem ser acessadas pelo *Instagram* (@*materia_sensivel* e @*instante_expo*) e buscam refletir sobre questões sociopolíticas que envolveram o período de isolamento e a prática artística remota⁵⁶.

Com seu *enorme* potencial de difusão, as mídias digitais, como o *Instagram*, funcionaram, portanto, como um recurso significativo para a disseminação de temáticas sociais, uma vez que ampliaram as possibilidades de discussão e fizeram com que discursos com esse teor, ao serem mediados por essas tecnologias, se aproximassem de um universo mais participativo (Piva; Martins, 2020, p. 272). Isso possibilitou que conexões e oportunidades para

⁵⁵ “*Net art*” é uma expressão utilizada para designar a arte contemporânea produzida “para” e “pela” *internet*. Uma de suas principais características estéticas envolve a interatividade, de modo que o material em questão seja modificado em função da participação de quem está conectado ao ambiente digital (Nunes, 2022).

⁵⁶ *Do drive-thru ao Instagram: arte cria novas formas de exposição na pandemia*. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/exposicao/do-drive-thru-ao-instagram-arte-cria-novas-formas-de-exposicao-na-pandemia?v2=true>>. Acesso em: 25 de out, 2023.

o engajamento fossem estabelecidas, potencializando o alcance de conteúdos e discursos sociopolíticos e culturais, os quais impulsionaram o ativismo digital; isto é:

[...] um conjunto de estratégias e ações mobilizadoras que têm como preceito o engajamento em causas políticas e/ou sociais no ambiente on-line, com a potencialidade de ampliar a participação individual e coletiva fora da cibercultura (Valenzuela, 2014 *apud* Piva; Martins, 2020, p. 272).

A história em quadrinhos *Confinada* (2020), analisada neste trabalho de pesquisa, foi produzida pelos autores Triscila Oliveira e Leandro Assis durante o período mais intenso da pandemia, entre os meses de abril de 2020 e 2021. Inicialmente⁵⁷ veiculada por meio da página do ilustrador no *Instagram* (@leandro_assis_ilustra), a narrativa gráfica buscou chamar a atenção dos leitores para a relação estabelecida entre as trabalhadoras domésticas e os seus padrões ao longo da pandemia, de modo que se abordou uma temática social pouco discutida no formato de quadrinhos, levando diversas questões sociopolíticas e culturais relevantes do momento pandêmico para a plataforma digital em questão.

Nesse sentido, para a investigação que se pretende fazer neste estudo, a respeito da situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, representada em *Confinada* (2020), cabe investigar os atributos das histórias em quadrinhos veiculadas em ambiente on-line, como o *Instagram*, os quais caracterizam esse gênero “artístico-literário” como um artifício de comunicação eficiente, principalmente para a discussão de aspectos sociais, políticos e culturais, como os que permearam o contexto pandêmico no Brasil e que foram abordados pelas tirinhas de Triscila Oliveira e Leandro Assis.

2.3.1. Webcomics como artifício de comunicação e engajamento político-social

As histórias em quadrinhos em geral, publicadas, normalmente, em jornais e revistas, podem ser identificadas como um gênero “híbrido”, por se configurarem em um sistema narrativo de imagens fixas aliadas às linguagens escritas (Eisner, 2008; McCloud, 2005). Ambos os códigos, verbais e não-verbais, podem ser apreendidos e analisados separadamente, contudo, dentro da leitura dos quadrinhos, eles se apresentam como elementos complementares. Desse modo, segundo Mikkonen (2012), pesquisador finlandês, as histórias em quadrinhos

⁵⁷ Após a conclusão da *webcomic* em 2021, iniciou-se um financiamento coletivo pela editora Todavia com o objetivo de publicar a versão impressa de *Confinada* (2020). Batendo o recorde da plataforma em quantidade de apoiadores (7.859 pessoas), arrecadou-se um total de R\$ 611.445,00 — quase nove vezes a meta original de R\$ 69 mil. Dado o alto volume de livros produzidos graças ao apoio, 600 exemplares foram doados para 100 bibliotecas comunitárias de todo o país. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2021/10/26/hq-a-ser-publicada-pela-todavia-bate-recorde-de-apoiadores-no-catarse>>. Acesso em: 29 de out, 2023.

podem apresentar estratégias importantes de organização da narrativa, a depender da perspectiva dos autores-artistas e seus objetivos para com o material.

Assim, embora apresentem diferenças, a depender do enredo e do idioma em que são produzidas, estas produções artísticas manifestam elementos estruturais característicos: as artes visuais gráficas, os balões de fala, os retângulos das legendas, as linhas cinéticas e as onomatopeias (Pigozzi, 2013, p.16).

Diante dessas competências que constituem as histórias em quadrinhos, é notável, portanto, a sua importância como ferramenta informativa para sociedade, já que o gênero apresenta uma “[...] linguagem diferenciada dos outros recursos informacionais, possuindo vários mecanismos comunicativos de significativa riqueza [...]” (Pigozzi, 2013, p.16). Tal característica potencializa “[...] a sua capacidade para o registro de informações, para diversas formas de expressão e comunicação, em relação aos demais instrumentos de ação, comunicação e de luta pelo poder nas diversas esferas da sociedade” (Pigozzi, 2013, p.17).

Por esse motivo, as linguagens que compõem as histórias em quadrinhos constituem um veículo privilegiado para a propagação de mensagens críticas e questionamentos a respeito da organização social e cultural na contemporaneidade. Com a capacidade de transmitir conteúdos culturais, ideológicos e psicológicos (Vergueiro, 1985 *apud* Pigozzi, 2013), elas possibilitam o registro de visões específicas sobre acontecimentos socioculturais e econômicos, manifestando um papel de relevância na indústria cultural de comunicação de massas.

Esse processo pode ser dado, por exemplo, na elaboração e divulgação de narrativas e personagens que valorizem grupos identitários outros, que não aqueles representantes das classes sociais hegemônicas. A partir disso, encontra-se uma maneira de dialogar com vivências e contextos histórico-sociais marcados por opressões e discriminações de diversas naturezas, explorando outros pontos de vista.

Para McCloud (2005), quadrinista estadunidense, os traços das ilustrações, nesse caso, aliados à materialidade verbal dos quadrinhos, facilitam a criação de um vínculo de empatia entre o leitor e as personagens, pois funcionam como um espaço para diversas representações, possibilitando que se enxergue um pouco de si mesmo no outro ali retratado. Isso influenciaria, de alguma forma, portanto, as diferentes formações sociais dos sujeitos e o modo como se relacionam com o mundo (Pigozzi, 2013, p. 16).

Outro recurso linguístico característico e frequentemente utilizado por autores de histórias em quadrinhos para a composição de narrativas que levantam debates sociopolíticos é a ironia. Empregada como um princípio estruturador de um dado texto ou discurso, a ironia,

com seus diversos mecanismos, pode ser utilizada como forma de “argumentação indireta contra algum alvo”, assumindo, assim, uma função crítica, seja para estabelecer um “[...] perfil de vítima [ou] para assinalar polos de abertura” (Brait, 1996, p. 57).

Neste sentido, segundo a pesquisadora brasileira Beth Brait (1996), deve-se levar em consideração o fato de que essa figura de linguagem não será, necessariamente, usada para tornar o enredo dos quadrinhos cômico ou engraçado — ainda que possa provocar riso nos leitores. A ironia, na verdade, pode ser compreendida como:

[...] um discurso que através de mecanismos dialógicos oferece-se basicamente como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como instauração de polêmica ou mesmo como estratégia defensiva (Brait, 1996, p. 58)⁵⁸.

Na contemporaneidade, com a redução dos espaços nos jornais e revistas para as tirinhas, junto às possibilidades promovidas pela *internet*, os autores de produções artísticas como os quadrinhos encontraram no ambiente digital oportunidades diferentes para atingirem seu público e divulguem seus discursos, principalmente aqueles de cunho político-social:

Os quadrinhos são uma linguagem formada por diversos elementos e, no ambiente digital, todos eles podem ser incrementados: os balões podem ser interativos, personagens e cenários podem ser animados e até a própria estrutura de leitura em páginas pode ser quebrada, afinal, página é um conceito do impresso. Se um artista apenas pensar que sua página, ao invés de um arquivo estático, puder ser um GIF animado, por exemplo, já vai mudar radicalmente seu escopo de elementos visuais. Tem muitos quadrinhos assim por aí e são geniais (Costa, 2018 *apud* Ruggiero, 2021).

As chamadas *webcomics* — histórias em quadrinhos cuja publicação é veiculada exclusivamente pela *internet* — surgem, então, no processo de redução dos espaços na imprensa tradicional para os quadrinhos, como uma forma de publicação independente, mas, também, pela demanda social — de autores e leitores — por outros espaços para a publicação e consumo dessas narrativas. Alcançando um grande reconhecimento na sociedade contemporânea, esses trabalhos têm se manifestado como um meio de comunicação e mediação social importantes, ao serem utilizados como:

[...] mecanismos didáticos para ensinar e disseminar crenças, valores e comportamentos dentro de um espaço social, influenciando relações sociais ao

⁵⁸ Em *Confinada* (2020), por exemplo, o conjunto do texto não parece apontar exatamente para a comicidade, seja ela ligada às condutas das personagens ou às situações vivenciadas por estas. Ao contrário disso, se o riso vem à tona, é devido à tragicidade ou à revolta instauradas a partir de algum desconforto provocado pela narrativa. Como aponta Brait (1996): “[...] isso permite pensar as relações existentes entre humor e ironia, já que a dimensão irônica é muito mais trágica que cômica” (p. 58).

imprimir destaque para certas questões de relevância para o convívio em sociedade (Eisner, 2008 *apud* Oliveira; Bezerra, 2021, p.7).

No *Instagram*, rede social em que o foco é o visual, atribuído pelo compartilhamento de imagens e vídeos, as *webcomics* ganharam notoriedade. O modelo de postagem da plataforma, que pode se dar em uma publicação de um único quadrado de 1080x1080 px, mas, também, de até dez quadros sequenciais em um mesmo *post*, parece ter valorizado os recursos da linguagem dos quadrinhos. O conceito de “seguir” outros usuários para acompanhar suas postagens, permite que quem veja a tela do *Instagram*, interaja com a imagem quadro a quadro, visualizando a narrativa ali construída. Assim, a partir da estrutura sequencial adotada nesta interface, é possível estabelecer que um *post* para a rede social seja referente à organização de uma tirinha ou de um capítulo de uma história em quadrinhos que pode ser continuada nas postagens seguintes (Ruggiero, 2021, p. 28).

Dessa forma, as histórias em quadrinhos, que tradicionalmente seriam veiculadas em meios impressos⁵⁹, ao se propagarem em espaços como o *Instagram*, utilizam-se de recursos digitais para disseminar ideias que, muitas vezes, podem ser destinados a valorizarem a experiência social de grupos socialmente vulneráveis — algo que não é comum acontecer nas grandes mídias corporativas, como a televisão, o rádio e os jornais impressos —, além de exaltarem processos alternativos de conhecimento. Ou seja, práticas artísticas são postas em evidência em novos e abrangentes espaços, o que impulsiona o entendimento dos leitores acerca do sujeito no mundo atual, sensibilizando-o social e politicamente.

Algumas *webcomics* como *Black Friday* (2017), de Robson Moura; *Oséias* (2019), de Jhonatan Marques; *Afroboy – O menino robô* (2021), de Daiandreson Victor e *Levemente Insana* (2022), de Bennê Oliveira, têm sido divulgadas no *Instagram* como forma de debater questões políticas do cotidiano contemporâneo, que atingem, principalmente, a população negra, pobre e periférica do Brasil.

⁵⁹ Neste sentido, entende-se haver um movimento relacionado ao conceito de “convergência midiática”, elaborado por Jenkins (2009). Segundo o pesquisador estadunidense, esse processo designa a tendência que os meios de comunicação assumiram ao se adaptarem ao ambiente digital.



Figura 2: *Oséias* (2019), de Jhonatan Marques. Webcomic disponível on-line no *Instagram* do autor. Fonte: <https://www.instagram.com/meusolhossaocastanhos/>. Acesso em: 26 de out, 2023

Essas narrativas, portanto, ao serem propagadas em espaços como as redes sociais digitais, podem influenciar os sujeitos que consomem esse conteúdo *on-line* a mudarem suas atitudes e comportamentos. Esse fenômeno acontece porque o ambiente digital e as operações midiáticas envolvidas se conectam ao interior das práticas de funcionamento da organização social e permitem que os sujeitos (re)pensem novos modos de se constituir e de se relacionar com o outro (Sgorla, 2009). Por meio disso, são exploradas novas formas de ativismo, promovendo-se espaços de resistência e visibilidade, o que contribui para a disseminação de discursos pouco (re)conhecidos no tecido social, produzidos por certos grupos — uma vantagem que o digital oferece em contraposição com grandes mídias corporativas.

Esse processo pode ser percebido, por exemplo, em *Confinada* (2020), em que há a construção e divulgação de uma narrativa que valoriza as vivências de grupos identitários mais vulneráveis, não somente daqueles representados pelas classes sociais hegemônicas. A partir disso, parece se encontrar uma maneira de dialogar com contextos histórico-sociais outros, marcados por opressões e discriminações de diversas naturezas, explorando outros pontos de vista e servindo de espaços de enunciação para discursos de crítica social e de resistência.

Na sequência, serão explorados os aspectos da composição da história em quadrinhos em questão, bem como características do enredo, de modo que sejam delimitados os lugares de enunciação em que os sujeitos de formação desse discurso, que é marcado sócio-histórico-

ideologicamente, se encontram. Assim, espera-se compreender melhor o funcionamento da narrativa como ferramenta de disseminação e reflexão de temáticas sociais.

2.3.2. *Confinada* (2020): crítica social no ambiente digital

Escrita por Triscila Oliveira e ilustrada por Leandro Assis⁶⁰, *Confinada* (2020) surgiu um pouco depois do início da pandemia de Covid-19 no Brasil, quando os autores-artistas decidiram pausar a *webcomic Os Santos* (2019)⁶¹, publicada semanalmente no *Instagram* (@leandro_assis_ilustra). Segundo eles, de acordo com o planejamento feito para esta história, não seria possível encaixar o contexto da pandemia na narrativa.

Dessa maneira, para não deixarem de realizar publicações regulares de suas tirinhas e como forma de dialogarem com o público sobre problemáticas sociais que afetam a sociedade brasileira, criaram a série de quadrinhos *Confinada* (2020), como um *spin-off*⁶² de *Os Santos* (2019) — trazendo um novo e potente enredo, ao fomentar importantes reflexões de ordem social, política e cultural envolvendo a crise pandêmica, em que a sobrinha das personagens principais que davam título à série anterior era uma das protagonistas.

Nos quadrinhos publicados semanalmente de 11 de abril de 2020 a 1º de abril de 2021 na página oficial do *Instagram* de um dos autores (@leandro_assis_ilustra), totalizando-se setenta tiras, é apresentada, então, por meio de registros em pintura de aquarela acabada com nanquim, marcados por cores fortes — além de uma linguagem verbal “ácida”, mas bem-humorada —, a história de duas mulheres com realidades muito diferentes e formas praticamente opostas de enfrentamento da pandemia.

⁶⁰ A parceria dos autores de *Confinada* (2020) começou após Triscila Oliveira, escritora, ativista e público leitor de *Os Santos* (2019), interagir no *Instagram* com Leandro Assis, roteirista e quadrinista, depois de se identificar com uma situação retratada na história em quadrinhos, uma vez que fora representado algo que ela vivera recorrentemente enquanto ex-trabalhadora doméstica. A tira em questão, chamada “Manteiga”, contava a história de uma doméstica que, apesar de acordar 4 horas mais cedo que a patroa para chegar a tempo no trabalho, ainda recebera uma bronca desta, que achava que a funcionária deveria chegar ainda mais cedo para que a manteiga não fosse servida dura no café da manhã. Com isso, Triscila e Leandro se tornaram amigos e ela passou a ser roteirista da *webcomic*, até que criassem, juntos, *Confinada* (2020).

⁶¹ Antes chamada *Os Bolsominions — Uma tira de ódio* (2019), como forma de satirizar os eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro ao retratar situações de intolerâncias e desigualdades, a *webcomic Os Santos* (2019) mudou seu nome, pois observou-se a necessidade de debater questões político-sociais para além desse grupo hegemônico da sociedade. Assim, a série de quadrinhos foi renomeada e começou a abordar a vida de duas famílias: a de brancos ricos da Zona Sul do Rio de Janeiro e a de suas empregadas domésticas, mulheres negras da periferia.

⁶² Nos meios de comunicação, o termo em inglês “*spin-off*” é utilizado para nomear obras derivadas de outras já existentes.

Fran Clemente é uma influenciadora digital⁶³ milionária que mora sozinha em uma cobertura no Rio de Janeiro e tem três domésticas trabalhando em sua casa. Quando a pandemia do novo coronavírus se inicia no país, seguida por um período extenso de isolamento, apenas uma das três funcionárias, Ju, aceita passar a quarentena com a patroa, como forma de garantir o seu sustento e o de sua família durante esse período — já que a empregadora se recusara a pagar integralmente o salário a quem não estivesse, de fato, executando as tarefas domésticas de sua residência. Assim, enquanto a narrativa explora as relações de poder, as desigualdades e as discriminações inscritas na difícil convivência das duas personagens *confinadas*, é traçado um panorama do quanto os brasileiros foram afetados de formas distintas pela pandemia.

A história, de maneira geral, é permeada, portanto, pelo contexto sócio-histórico e cultural do período pandêmico no Brasil, tomando como plano de fundo a situação das trabalhadoras domésticas em oposição a de mulheres brancas ricas, cujo trabalho digital é remunerado por patrocinadores, mas, também, abordando diversas outras questões sobre o período, como a precarização dos serviços exercidos por grupos minoritarizados à classe hegemônica; o discurso antivacina propagado por grupos negacionistas; a má gestão da crise pelo governo Bolsonaro e as atitudes coletivamente pejorativas de seus eleitores — como a disseminação de *fake news* e a falta de medidas de proteção contra a contaminação pela Covid-19, tais como o distanciamento social, o uso adequado de máscara, entre outros.

Nesse sentido, nota-se um claro atravessamento da narrativa pelo momento de significativa polarização política da época. De um lado, apoiadores de Jair Bolsonaro, representados por Fran Clemente, seus amigos e família, não se mostravam muito preocupados com a disseminação do novo coronavírus e o impacto da pandemia na vida da população; do outro, opositores do governo, representado por Ju e sua comunidade, os quais se mostravam mais apreensivos com a situação e, por isso, buscavam saber mais sobre a doença, acatando as medidas possíveis de proteção e tendo maior intenção de se vacinarem quando um imunizante estivesse disponível⁶⁴.

Com isso, as protagonistas e os núcleos de personagens com os quais elas convivem na ficção — Fran Clemente com um grupo de pessoas brancas e ricas, enquanto Ju, com um conjunto de pessoas negras, pobres e periféricas — parecem ser elaborados em cima de

⁶³ Nesse sentido, entende-se que *Confinada* (2020) também se trata de uma história dentro da história, já que a personagem fictícia de Fran Clemente comenta as próprias experiências ao longo da pandemia para os que seriam os seguidores de sua conta pessoal no *Instagram*.

⁶⁴ *Estudo mostra como polarização afeta comportamento em meio à pandemia*. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4881941-estudo-mostra-como-polarizacao-afeta-comportamento-em-meio-a-pandemia.html>>. Acesso em: 29 de out, 2023.

estereótipos que representam essa dicotomia sociopolítica e cultural vivenciada no Brasil, principalmente durante o período da pandemia no país. Esse cenário parece conotar um enredo sobre “luta de classes”, bem como entre o “bem” e o “mal”, fazendo transparecer, desse modo, as formações discursivas dos autores, preocupados em se posicionarem ativamente contra o governo vigente na época, frente às injustiças sofridas pela população mais vulnerável, como as domésticas — grupo social, inclusive, ao qual Triscila Oliveira já fez parte; com isso, delimitando o seu lugar de enunciação no discurso dos quadrinhos, o qual é marcado sócio-histórico-ideologicamente. Assim, buscaram fazer uso das redes sociais para um trabalho colaborativo de transformação, em que exploraram a ferramenta do *Instagram* para disseminar suas ideias.

Como um movimento contra-hegemônico, portanto, *Confinada* (2020) se apresenta em uma prática artística-literária de resistência aos discursos dominantes, de modo a retratar as violências interseccionais de gênero, raça e classe representadas nas formas (desiguais) de enfrentamento da pandemia:

De um lado, uma mulher branca, rica, bem-sucedida profissionalmente, herdeira de uma grande fortuna familiar e, portanto, colhendo os devidos louros da tão reverberada “meritocracia”; de outro, uma mulher negra, pobre, sem carreira nem chance de “escalada profissional”, obrigada a um confinamento longe de seus familiares, representando milhões de trabalhadoras domésticas que madrugam ou residem nas casas das classes média e alta brasileiras e ali trabalham sem cessar, permanecendo em sua maioria subvalorizadas e superexploradas (Piva; Martins, 2020, p. 262).

Dessarte, embora a história de Fran Clemente e Ju trate da representação de uma narrativa ficcional específica, ambientada no Rio de Janeiro, e enfatize a vivência de apenas dois dentre os vários sujeitos e grupos sociais que integram a sociedade brasileira e foram afetados de alguma maneira pela pandemia, é possível refletir como episódios reais, iguais aos retratados na ficção, foram vividos no Brasil durante a crise pandêmica. Muitas mulheres, por exemplo, podem não ter conseguido deixar o trabalho nas casas daqueles que desfrutaram do privilégio do isolamento, porque não tinham outra opção a não ser permanecer nesta realidade.

O fato de a história em quadrinhos *Confinada* (2020) ser veiculada periodicamente em ambiente digital, em uma das redes sociais mais populares do mundo, o *Instagram*, contribuiu, certamente, portanto, para que os discursos da narrativa obtivessem um alcance significativo — seja de um público que é apreciador de histórias em quadrinhos no geral ou de pessoas engajadas em pautas sociais, os quais começaram a acompanhar a história durante a pandemia.

Até o momento de escrita deste trabalho, a página onde a *webcomic* foi publicada apresenta 716 mil seguidores⁶⁵. No entanto, no período em que a série era postada semanalmente, o perfil de Leandro Assis (@leandro_assis_ilustra) chegou a obter 755 mil seguidores, com centenas de milhares de curtidas, bem como comentários, feitos pelos apreciadores das tirinhas a cada nova publicação (Piva; Martins, 2020, p. 271).

Diante desses números, Triscila Oliveira, coautora de *Confinada* (2020), afirma a importância do seu trabalho e do colega, bem como a relevância de poder difundir debates com teor ativista durante a pandemia; no entanto, ela ressalta que ainda é impossível mensurar o valor dessa prática ao certo, uma vez que os consumidores desse conteúdo ainda se tratam de uma porcentagem muito pequena de pessoas que a série de quadrinhos alcança:

Essa “potência” do nosso trabalho só veremos no futuro, quando transcendermos a bolha das redes sociais e conseguirmos dialogar com o público que ainda não nos acompanha, este que, apesar de sentir na pele as dinâmicas sociais, não têm acesso à informação para compreender (Oliveira, 2020, on-line).

De qualquer forma, diante das reflexões aqui levantadas, pode-se afirmar que o ambiente digital é, de fato, um dos principais aliados para a disseminação de discursos de ordem política, social e cultural com potencial transformador. É nesse sentido, em especial, que *Confinada* (2020) parece ter contribuído para fomentar discussões sobre temáticas sociais e o contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, principalmente sobre o ponto de vista dos mais vulneráveis e afetados pela crise.

Adiante, serão detalhados os métodos e procedimentos deste trabalho, de modo a ser realizada uma análise discursiva sobre nove recortes selecionados de *Confinada* (2020), distribuídos em três eixos temáticos: “vidas infames”; “como se fosse da família” e “Os Bolsominions” — os quais remetem a certas regularidades do dizer, apontando efeitos de sentido, presentes na articulação entre materialidade linguística e imagética dos quadrinhos, que estão relacionados à condição das trabalhadoras domésticas na pandemia de Covid-19 no Brasil, bem como às relações de poder que circunscrevem essa dinâmica social.

Assim, espera-se refletir como esta narrativa gráfica ficcional surgiu na cultura digital contemporânea como um convite para um olhar mais crítico sobre o período pandêmico, escancarando as desigualdades sociais e as discriminações de gênero, raça e classe vivenciadas majoritariamente pela população negra, pobre e periférica — representada na história em quadrinhos pelas trabalhadoras domésticas.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra/>. Acesso em: 28 de out, 2023.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS E PROCEDIMENTAIS

A pesquisa em questão remete à análise de uma narrativa de ficção, criada ao longo da pandemia de Covid-19 no Brasil e veiculada pelo *Instagram* nos anos de 2020 e 2021, que aborda representações da realidade vivenciada pelas trabalhadoras domésticas durante esse período, em contraposição àquela vivida pela patroa *influencer*: a *webcomic Confinada* (2020). A partir da história, são levantadas reflexões em torno de temáticas que remetem às relações entre as domésticas e os seus patrões; aos cuidados necessários para evitar a contaminação pela doença; às desigualdades sociais evidenciadas e intensificadas pela crise pandêmica; à polaridade política da época no país, entre outras.

Trata-se, portanto, de um estudo de caso, em que se visa analisar e descrever uma situação em particular, a qual corresponde a um fenômeno contemporâneo que se encontra dentro de um contexto real (Stark; Torrance, 2005): a criação de uma história em quadrinhos com o foco em temáticas sociais e disseminada em rede social. Tomando-se, ainda, o dispositivo da Análise do Discurso de linha francesa, bem como os estudos foucaultianos do discurso, busca-se a análise da materialidade linguística e imagética, na sua relação com o contexto histórico social em que os sujeitos enunciadore se inserem, fazendo uso, também, do aporte da etnografia digital para a investigação das comunidades e culturas criadas por meio do “ciberespaço” social em que a *webcomic* é veiculada.

Pelo fato de o trabalho integrar o núcleo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* de Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, reforça-se o caráter interdisciplinar da pesquisa (Pombo, 2004), uma vez que o seu desenvolvimento teórico e analítico confronta os limites dos territórios de conhecimento entre Linguagem, Mídia e Artes, bem como exige o concurso de múltiplas e diferentes perspectivas além destas, como a da Filosofia, a da Sociologia e a da História.

Os procedimentos de análise se deram a partir da leitura da narrativa e do acompanhamento das interações do público com a história, compondo-se, então, um *corpus* sobre o enredo da *webcomic* para a análise discursiva, baseado em regularidades temáticas, que se utilizam de elementos expressivos e composicionais linguísticos para se expressarem, bem como foi feito um estudo sobre as experiências que emergem na comunicação mediada pela *internet*, a partir da observação do comportamento dos leitores da história em quadrinhos, manifesto em comentários deixados nas publicações da tira.

Assim, a coleta de dados, realizada de forma on-line na página oficial do ilustrador da história em quadrinhos no *Instagram* (@leandro_assis_ilustra), resultou na seleção de nove recortes discursivos, classificados em três eixos temáticos: “vidas infames”; “como se fosse da família” e “Os Bolsominions”. Isto é, foram eleitos fragmentos do *corpus* para análise discursiva, considerando relações semânticas ligadas ao modo como é retratada na história em quadrinhos a situação das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, a saber: à relação da condição dessas profissionais neste período com as discriminações de gênero, raça e classe, articuladas à memória social do período histórico colonial escravocrata, e a maneira como a ironia e a sátira são utilizadas para a discussão de problemáticas sociais.

Ademais, de acordo com o objeto e as problematizações da pesquisa, como também a interface da comunidade digital em que a *webcomic* foi escolhida para ser inicialmente veiculada — o *Instagram* —, foram selecionados comentários realizados nas publicações da história em quadrinhos por pessoas que acompanhavam a narrativa na época da sua publicação. Desse modo, busca-se fomentar a discussão a respeito das práticas sociais da *internet* e o modo como o ambiente digital pode funcionar para a discussão e disseminação de pautas sociais. À frente, serão detalhados tais procedimentos de análise e os aspectos metodológicos da pesquisa.

3.1. A etnografia digital

O uso da etnografia digital como método para esta pesquisa se deu pela observação e levantamento de dados on-line, como também pelo estudo das relações nos espaços virtuais, levando em conta o fato de a *internet*, na contemporaneidade, atuar como interface cotidiana na vida das pessoas e como o lugar de encontro que permite “[...] a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade” (Mercado, 2012, p. 169) — ainda mais, ao longo da crise pandêmica. Nesse sentido, realizou-se uma problematização sobre o uso do espaço digital pelos autores de *Confinada* (2020), Triscila Oliveira e Leandro Assis, para a disseminação inicial da história em quadrinhos, como também, sobre o comportamento do público leitor das tirinhas, exposto nas inúmeras interações materializadas em comentários e curtidas.

Como a etnografia digital incorpora técnicas de etnografia para o estudo de comunidades e culturas emergentes no meio digital (Vergara, 2020), compreendeu-se a demanda de uma imersão profunda da pesquisadora para o trabalho de campo no ambiente a ser pesquisado. Desse modo, com base no acompanhamento da página no *Instagram* (@leandro_assis_ilustra) onde a *webcomic Confinada* (2020) foi publicada, realizado desde o

período inicial das postagens dos quadrinhos, que ocorreu na fase mais crítica da pandemia (de abril de 2020 a abril de 2021), até os anos seguintes (2022 e 2023), quando a pesquisa passou a ser desenvolvida, foi possível obter os dados necessários para a análise de cunho discursivo pretendida, bem como para o estudo das comunidades e culturas criadas em ambiente digital, como a rede social *Instagram*, que podem prover a disseminação e o debate de conteúdos com temáticas sociopolíticas.

As postagens de *Confinada* (2020) ocorreram semanalmente, de 11 de abril de 2020 a 1º de abril de 2021, no *Instagram* do ilustrador da história em quadrinhos, Leandro Assis (@leandro_assis_ilustra). Constituída de 70 tirinhas, a narrativa mobilizou milhares de pessoas ao longo da pandemia — e depois dela —, de modo que foi possível notar um engajamento positivo do público nas discussões levantadas pela *webcomic*, mas, também, a reprodução de críticas aos artistas-autores por pessoas que discordam daquilo que é retratado por eles, principalmente, devido ao posicionamento político de esquerda tomado pelos criadores da história em quadrinhos e fortemente declarado por eles ao longo da narrativa. Diante disso, é apresentada nesta pesquisa a amostra de seis comentários que refletem esse contexto e o modo como os sujeitos se apropriam das mídias digitais para se posicionarem politicamente, construindo comunidades e novos espaços de sociabilização para a discussão de diversas pautas.

Em um primeiro momento, observa-se, nos comentários das publicações, uma série de pessoas que se identificaram com a condição enfrentada por Ju e suas colegas domésticas durante a pandemia, seja por empatia ou por se reconhecerem nesta situação. Sujeitos que, como elas, possuem uma trajetória de exclusão social, marcada pela desigualdade e discriminação, deixavam seus relatos, como forma de manifestarem suas memórias, indignações e desejos por um futuro melhor.

Na tirinha intitulada “Fim de semana” (Figura 3), publicada em 18 de janeiro de 2021, por exemplo, Ju aparece com sua filha, que declara a vontade de ter a mãe sempre por perto e que, para alcançar esse desejo, pretende mudar a condição socioeconômica que acompanha a família por gerações, por meio dos estudos e a conquista de um bom emprego: “*Eu vou estudar, ter um bom emprego. Vou ganhar dinheiro. E você nunca mais vai ter que morar longe de mim*” (Confinada, 2020, on-line). Com isso, verificam-se comentários na postagem de indivíduos que se conectaram com a situação representada na narrativa e resolvem deixar o seu depoimento (Figuras 4 e 5):



Figura 3: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). **N. 48: Fim de semana.** Instagram, 18 jan, 2021. Fonte: https://www.instagram.com/p/CKNEfQLJ04F/?img_index=7. Acesso em: 10 de nov, 2023.

Comentário 1:

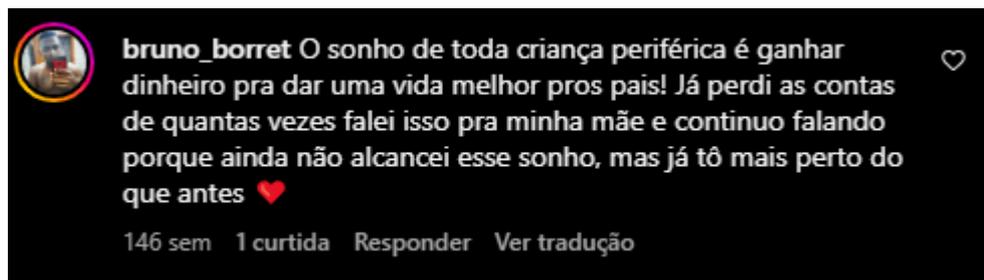


Figura 4: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Fim de semana”, de *Confinada* (2020). Fonte: https://www.instagram.com/p/CKNEfQLJ04F/?img_index=7. Acesso em: 10 de nov, 2023.

Comentário 2:

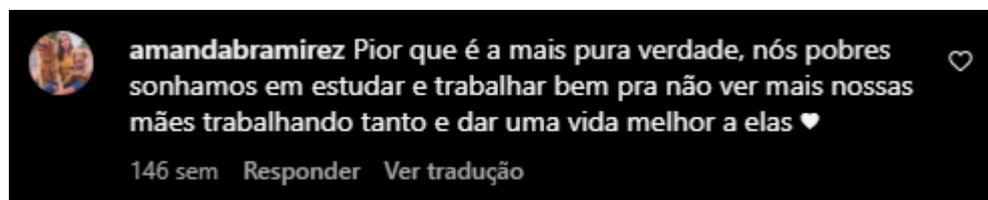


Figura 5: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Fim de semana”, de *Confinada* (2020). Fonte: https://www.instagram.com/p/CKNEfQLJ04F/?img_index=7. Acesso em: 10 de nov, 2023.

Em outros momentos, como indicado anteriormente, é possível notar discordâncias do público leitor de *Confinada* (2020) com o enredo da *webcomic*, uma vez que assimilam outros efeitos de sentido daquilo que é retratado nos quadrinhos. Assim, alguns deles se posicionam a

favor dos patrões e parecem ignorar o impacto das desigualdades no país, bem como as injustiças sofridas pelas domésticas e pela população pobre e periférica do Brasil. Na tirinha “O apartamento da madame” (Figura 6), publicada em 29 de outubro de 2020, Fran Clemente está em isolamento em seu quarto por se contaminar pela Covid-19 em uma festa dada em sua casa. Ju, confinada aos outros cômodos da casa e incentivada pela amiga Dinah, resolve aproveitar a “ausência” da patroa e usufruir de espaços que ela está pouco habituada a ocupar no local de trabalho, como o sofá da sala, a TV e a piscina. Diante desse cenário, alguns comentários sobre o quadrinho chamaram a atenção (Figuras 7 e 8):



Figura 6: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 31: **O apartamento da madame**. Instagram, 29 out, 2020. Fonte: https://www.instagram.com/p/CG8DCz9pNCM/?img_index=6. Acesso em: 10 de nov, 2023.

Comentário 3:

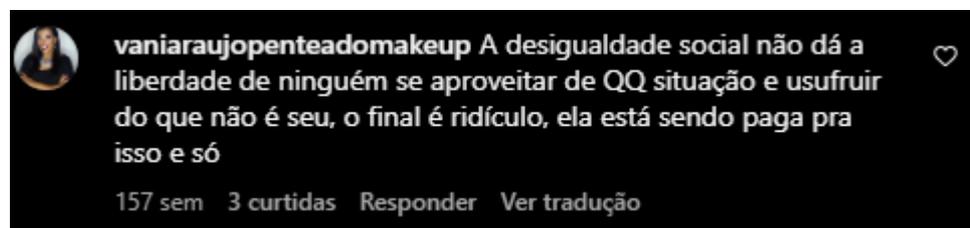


Figura 7: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “O apartamento da madame”, de *Confinada* (2020). Fonte: https://www.instagram.com/p/CG8DCz9pNCM/?img_index=6. Acesso em: 10 de nov, 2023.

Comentário 4:

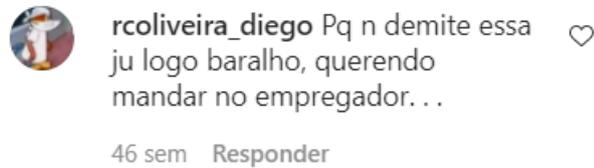


Figura 8: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “O apartamento da madame”, de *Confinada* (2020). Fonte: https://www.instagram.com/p/CG8DCz9pNCM/?img_index=6. Acesso em: 17 de set, 2022.

Além de comentários desse tipo, algumas críticas são direcionadas a Triscila Oliveira e Leandro Assis, devido ao claro posicionamento político, partidário e ideológico da dupla, que se autodeclara de espectro de esquerda, assumindo nos quadrinhos uma postura anti-bolsonarista e pró-governo Lula — especialmente por causa da polarização política do momento no Brasil, dada à postura irresponsável do ex-presidente Jair Bolsonaro frente à pandemia de Covid-19. Em “Louca obsessão” (Figura 9), por exemplo, tirinha publicada em 19 de março de 2021, Fran Clemente aparece conversando com sua prima Manu, que tem nas paredes do seu apartamento posters com imagens dos antigos presidentes do Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Ao final do quadrinho, Lula surge na televisão, aconselhando os cidadãos a aderirem às companhias de vacinação contra o coronavírus, deixando de lado aquilo que Bolsonaro ou o Ministro da Saúde da época pudessem sugerir para o “controle” da doença, como o consumo de remédios sem eficácia comprovada. Assim, alguns leitores se manifestaram nos comentários da tira (Figuras 8 e 9):



Figura 9: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 67: *Louca obsessão*. Instagram, 29 out, 2020. Fonte: https://www.instagram.com/p/CMnZ7cDJnDH/?img_index=1. Acesso em: 17 de set, 2022.

Comentário 5:

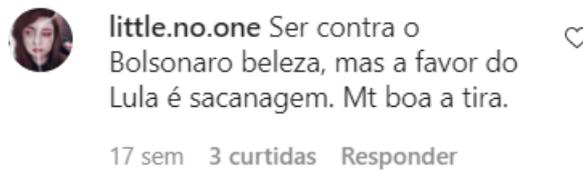


Figura 10: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Louca obsessão”, de *Confinada* (2020).
 Fonte: https://www.instagram.com/p/CMnZ7cDJnDH/?img_index=1. Acesso em: 17 de set, 2022.

Comentário 6:

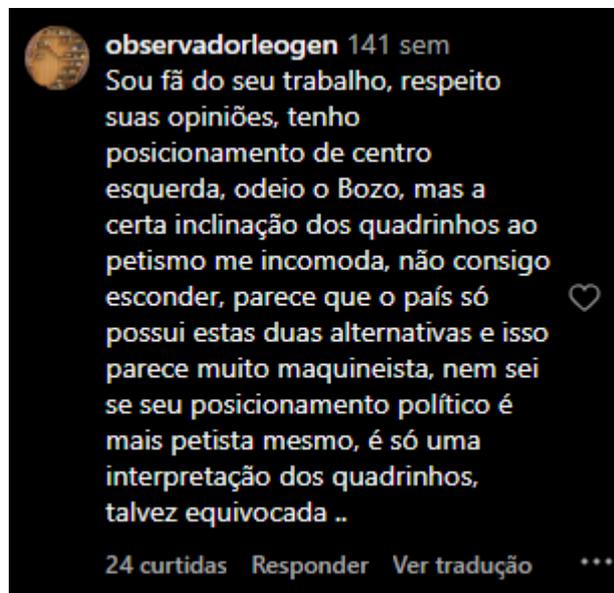


Figura 11: Comentário disponível on-line na publicação da tirinha “Louca obsessão”, de *Confinada* (2020).
 Fonte: https://www.instagram.com/p/CMnZ7cDJnDH/?img_index=1. Acesso em: 17 de set, 2022.

Em face do que foi exposto, portanto, a respeito do uso da rede social *Instagram* e de suas funcionalidades de interação pelo público leitor de *Confinada* (2020), compreende-se a relevância significativa do ambiente digital e das mídias sociais para os processos de comunicação e subjetivação na contemporaneidade, de maneira que esses espaços se constituem como esferas sociais, sendo povoados por indivíduos que buscam produzir sentidos compartilhados em rede, ao passo que estabelecem vínculos, podendo existir enquanto seres sociais que partilham sentimentos de pertença a uma comunidade (Ramos; Freitas, 2017, p. 11).

Com a ocupação desse ciberespaço pela audiência da *webcomic*, novos contextos para o debate de questões sociais, políticas e culturais foram promovidos. Assim, ao contar com os comentários de sujeitos que se identificaram com a narrativa, mas, também, ao provocar aqueles que estão distantes destas discussões e da realidade representada em *Confinada* (2020),

entende-se que as formações sociais podem ser (re)configuradas pela realidade digital, a qual se apresenta plural e heterogênea.

3.2. A Análise do Discurso de linha francesa e os estudos foucaultianos do discurso

Considerando a abordagem etnográfica, método que se configurou como necessário para a seleção e coleta de dados no *Instagram* — o qual veiculou a *webcomic Confinada* (2020) (@leandro_assis_ilustra) —, e que caracterizou o movimento de participação da pesquisadora na rede social mencionada, apresenta-se nessa pesquisa a análise discursiva de uma história em quadrinhos difundida em ambiente digital. A partir da eleição de nove recortes discursivos para compor o *corpus* de análise, classificados em três eixos temáticos (“vidas infames”; “como se fosse da família” e “Os Bolsominions”), são investigados os efeitos de sentido que estão articulados à narrativa e às temáticas envolvendo o trabalho doméstico durante a pandemia de Covid-19 no Brasil; os impactos sociais da crise pandêmica na vida da população brasileira; a polarização política da época, bem como os cuidados necessários, mas muitas vezes negligenciados, para evitar a contaminação pelo coronavírus.

Em relação ao dispositivo analítico, portanto, toma-se a Análise do Discurso de linha francesa e os estudos foucaultianos do discurso por julgá-los necessários para o exercício de interpretação de natureza qualitativa sobre os recortes retirados da *webcomic Confinada* (2020), publicada na rede social *Instagram* nos anos de 2020 e 2021 — o auge da pandemia no Brasil.

No que diz respeito aos procedimentos essenciais para o trabalho interpretativo-analítico desse trabalho, os quais foram buscados na Análise do Discurso, compreende-se a manifestação de uma ligação fundamental entre os dispositivos teóricos e analíticos para a análise dos discursos, como aponta Michel Pêcheux na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* (2008). O filósofo francês explica que é a partir da articulação entre a história e a linguagem que se torna possível realizar uma análise interpretativa dos efeitos de sentido presentes na materialidade discursiva, a qual se apresenta por traços linguísticos. A partir disso, o autor remete ao conceito de “acontecimento discursivo”, o qual, segundo Gregolin (2006), pesquisadora brasileira, indica o surgimento de enunciados historicamente marcados que se relacionam entre si, produzindo determinados efeitos de sentido:

Isso significa que a análise de discursos investiga o campo dos enunciados a fim de entender acontecimentos discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de certos sentidos em nossa cultura. O acontecimento é pensado como a emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido (Gregolin, 2006, p. 27).

Em razão do “acontecimento” remeter, portanto, a um momento sócio-histórico e cultural, ele está relacionado à ideia de “interdiscurso”, incorporada aos estudos do discurso como forma de caracterizar aquilo que é exterior à materialidade discursiva. Dessa forma, como explica Sargentini (2006), professora e pesquisadora brasileira, é possível que ele seja definido como um espaço ideológico e caracterizado pelo entrelaçamento de diferentes discursos, onde “formações discursivas” se manifestam em função das relações sociais tidas com o Outro, compondo, então, a memória discursiva⁶⁶ do sujeito enunciador.

A concepção de formação discursiva, por sua vez, pode ser descrita, a partir de Pêcheux (1990), como um produto dos lugares sociais assumidos pelos sujeitos; portanto, representariam as formações ideológicas manifestas pela linguagem. Para Foucault (2008), as formações discursivas determinariam aquilo que apenas poderia ser dito em dada época e espaço social, tendo lugar e realização próprios a condições de produção específicas e historicamente definidas (Fernandes, 2021, p. 40). Trata-se, portanto, para Foucault (2008):

[...] de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (Foucault, 2008, p. 31).

Com isso, ao levar em consideração a posição do sujeito no discurso, como integrante desse fenômeno dialógico, observa-se um “assujeitamento” deste ao campo de normas pré-existentes na sociedade — as quais podem ser internalizadas e “escapar” de algum controle, fazendo-se emergir no campo do inconsciente e pela materialidade linguística. Subjugado a certos mecanismos de controle e exclusão, o sujeito assume, desse modo, formações discursivas, inserindo-se em determinada “ordem”, que controla o uso e a disseminação de certos discursos.

Na análise da narrativa da história em quadrinhos *Confinada* (2020), é dado enfoque às representações identitárias dos enunciadores, que emergem pela materialidade linguística e imagética⁶⁷, levando-se em conta o contexto de produção da *webcomic* — a pandemia de Covid-

⁶⁶ Para Fernandes (2021), a memória discursiva é uma condição para o funcionamento do discurso, uma vez que este exprime uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos, constituindo-se um corpo-sócio-histórico-cultural. Trata-se, portanto, de acontecimentos exteriores e anteriores à materialidade linguística e de uma interdiscursividade que intervêm na sua construção.

⁶⁷ Na Análise do Discurso, o trabalho com a materialidade imagética pode ser compreendido a partir do conceito de intericonicidade, desenvolvido por Courtine (2013) e discutido, também, por Souza (2018). A autora explica que a noção de intericonicidade supõe a conexão entre imagens, remetendo à ideia de memória discursiva; isto é, implica-se que “[...] não existem discursos que não sejam interpretáveis sem referência a uma tal memória [...]”. Com a imagem seria o mesmo: “[...] existe um ‘sempre já’ da imagem” (Courtine, 2013, p. 40-41 *apud* Souza, 2018, p. 22).

19 no Brasil — e o espaço onde ela foi divulgada: o *Instagram*, uma rede social de grande alcance. São analisados, portanto, os processos de subjetivação que se revelam na história em questão e que remetem às formações discursivas dos criadores dos quadrinhos, Triscila Oliveira e Leandro Assis, os quais apresentam uma percepção particular sobre a condição das trabalhadoras domésticas no Brasil e ao longo da crise pandêmica, sobre as desigualdades existentes no país, bem como sobre o papel social das autoridades públicas e das classes hegemônicas.

Compreende-se que essa visão é delimitada pelo contexto histórico-social dos autores, o qual determina os lugares — sociais, étnicos, culturais, econômicos e históricos — que esses sujeitos ocupam ou podem ocupar no discurso, indicando as relações de poder — hegemônicas ou subalternizadas — que se estabelecem na sociedade e as quais eles estão inseridos.

Triscila é uma mulher negra, periférica e assina o roteiro de histórias de grande circulação pelo Brasil (*Os Santos*, 2019; *Confinada*, 2020), possuindo um histórico relacionado ao serviço doméstico remunerado: além de ser ex-trabalhadora doméstica, veio de uma família onde sua mãe e suas tias também precisaram exercer a profissão como forma de garantir o sustento. Leandro, por sua vez, é um homem branco de classe média alta, graduado, com especializações no exterior e trabalhos recentes para a televisão (*A Mulher Invisível*, 2011; *Magnífica 70*, 2015). A parceria dos dois aconteceu após o roteirista já ter viralizado a *webcomic Os Santos* (2019) — antes chamada de *Os Bolsominions* — atingindo a marca de 450 mil seguidores em seu perfil do *Instagram* em pouco mais de um mês.

À vista disso, nessa análise de caráter discursivo, são considerados tais espaços discursivos e ideológicos ocupados pelos sujeitos enunciadorees da história em quadrinhos *Confinada* (2020), de modo a serem interpretadas as representações que emergem nas tirinhas pelos autores sobre as vivências das domésticas, o contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, entre outras temáticas relacionadas a essa conjuntura.

3.3. Trabalhando com a análise de recortes discursivos da *webcomic Confinada* (2020)

Para essa pesquisa qualitativa de cunho interpretativo, foram selecionados nove recortes da *webcomic Confinada* (2020), retirados da página do *Instagram* onde a história em quadrinhos foi inicialmente publicada: o perfil pessoal de Leandro Assis (@leandro_assis_ilustra), um dos autores da ficção. Cada um desses fragmentos foi classificado em um dos três eixos temáticos, que representam regularidades discursivas, as quais se sobressaem na conjuntura em que a narrativa foi criada e se articulam às formações sociais e ideológicas dos sujeitos enunciadorees

da *webcomic*; ou seja, os autores-artistas Triscila Oliveria e Leandro Assis. São eles: “vidas infames”, “como se fosse da família” e “Os Bolsominions”.

Assim, serão apontados, por meio da análise discursiva, efeitos de sentido presentes na narrativa ficcional criada para o ambiente digital ao longo da pandemia de Covid-19 no Brasil, considerando-se a relação das condições de produção dos recortes com a materialidade linguística e imagética presente na história em quadrinhos *Confinada* (2020). Por meio dessa relação, é possível vislumbrar algumas das representações identitárias que constituem os sujeitos enunciadorees desse discurso e que impactam a maneira como eles se posicionam socio-politicamente, bem como reflete-se sobre o modo como os quadrinhos, visibilizados pelo ambiente digital, funcionam como uma ferramenta para o debate de pautas sociais, por meio das representações que fazem do ambiente doméstico e dos sujeitos que o constituem, no contexto pandêmico.

3.3.1. Eixo 1: vidas infames

O primeiro eixo temático a ser explorado na análise foi intitulado de “vidas infames”, em referência ao artigo escrito pelo filósofo francês Michel Foucault (2003), chamado “A vida dos homens infames”. Nele, o autor utiliza o termo “infame” para designar as pessoas “não-famosas” e à margem da sociedade, cujas histórias de vida são tidas como insignificantes e, por isso, não possuem valor algum ou sequer lugar na história oficial.

Essa infâmia, segundo o teórico, seria “[...] estrita, aquela que, não sendo misturada nem de escândalo ambíguo nem de uma surda admiração, não compõe com nenhuma espécie de glória” (Foucault, 2003, p. 210). Nesse sentido, portanto, são infames aqueles que “[...] não existem senão através de algumas palavras terríveis que foram destinadas a torná-los indignos, para sempre, da memória dos homens” (Foucault, 2003, p. 208).

No contexto em que foi criada e veiculada a *webcomic Confinada* (2020), ao longo da pandemia de Covid-19 no Brasil, como mencionado no capítulo anterior, a vulnerabilidade social aumentou, levando aqueles que já lidavam com a desigualdade social e sofriam com a fome, o desemprego, a precarização do trabalho, a falta de saneamento básico e de acesso à saúde de qualidade, a condições ainda mais fragilizadas. Com isso, grupos sociais, desprotegidos e restritos à margem da sociedade brasileira — como negros, pobres, moradores da periferia, trabalhadores “braçais”, entre outros — dispuseram de uma existência reduzida à indiferença alheia, sendo, assim, invisíveis aos olhos do poder público e da sociedade em geral, bem como classificados como inferiores — cujas vidas tinham menos relevância.

Enquanto uma parte da população, privilegiada pelo seu gênero, sua raça ou sua condição econômica, conseguia fazer o isolamento social necessário neste período, milhares de motoboys continuavam a entregar comida nas portas das residências; cabeleireiras e manicures abriam os seus salões para cuidar da aparência de seus clientes; trabalhadoras domésticas limpavam as casas de seus patrões, cozinhavam para eles e cuidavam de suas roupas. Ainda que o confinamento fosse uma prática incentivada pelos órgãos de saúde mundiais durante a pandemia, no Brasil, as ruas foram tomadas por trabalhadores que, negligenciados pelo governo de seus direitos, precisaram sair e ir atrás do seu ganha-pão.

Nesta conjuntura, compreende-se, portanto, que a classe hegemônica — ou seja, majoritariamente, brancos burgueses de classe média e alta — obtiveram mais oportunidades estruturais de preservar suas vidas — podendo realizar o isolamento —, enquanto pessoas em estado de vulnerabilidade social, possuíam existências facilmente descartáveis e, por isso, vidas infames — lembradas apenas pelas manchetes de jornais que noticiavam tragédias e o alto número de mortes. A falta de estruturação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento da crise pandêmica, que intensificou os problemas estruturais do país, desvendou, desse modo, um Estado que faz uso da necrobiopolítica (Bento, 2021) de fazer viver e deixar morrer.

Nos recortes analisados abaixo, será possível observar a construção, de maneira crítica, de representações de situações nas quais trabalhadoras domésticas e outros grupos sociais marginalizados tiveram suas existências inferiorizadas, em detrimento das necessidades e os caprichos de outrem.

Recorte 1:





Figura 12: ASSIS, Leandro (@leandro_assis_ilustra). N. 10: **Amor à Vida**. Instagram, 25 abril, 2020. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBDOWq_JW0i/?hl=pt>.

Em “Amor à Vida” (Figura 12), tirinha nº 10 de *Confinada* (2020), Fran Clemente, influenciadora digital e co-protagonista da história, aparece, no que seriam os stories da rede social *Instagram*, explicando aos seus seguidores, aparentemente zangados, a presença de Ju, trabalhadora doméstica e protagonista da história, em sua casa durante a pandemia (*Tem um pessoal me criticando, xingando. Só porque no meu último story, no fundo, aparece uma funcionária minha*).

Perante a câmera do celular, a influenciadora surge no primeiro quadrinho com uma feição descontente, exercendo uma prática comum em seu meio profissional, em que influenciadores digitais costumam utilizar seus perfis em redes sociais para justificarem suas ações, criticadas por seguidores. Diante do retrato dessa situação, parece haver uma tentativa, por parte dos enunciadores do discurso, de se refletir, metalinguisticamente, a plasticidade presente na cultura do ambiente digital, uma vez que muitos dos influenciadores, que trabalham nesse meio, acabam atuando conforme as respostas e o engajamento de seu público, adaptando-se às condições contextuais — o que, muitas vezes, esconde seus reais valores e propósitos.

Ao expressar sua mea-culpa, Fran Clemente revela a reação negativa de seus seguidores, os quais se mostraram desapontados em relação às atitudes irresponsáveis que ela estava tomando naquele momento — mantendo a doméstica em casa, em uma espécie de “confinamento forçado” —, enquanto a funcionária deveria estar se protegendo e fazendo isolamento como o resto da população. A escolha de palavras “politicamente corretas” (*uma funcionária minha*), colocadas para a elocução da influenciadora, parece demonstrar, desse modo, uma estratégia desta de minimizar a situação de exploração, ao passo que ela estaria reconhecendo a posição profissional da doméstica que está em sua casa.

No entanto, essa situação traz à tona a questão da memória discursiva que constitui a história do povo brasileiro, uma vez que rememora as condições nas quais sujeitos como Ju — mulher, negra e periférica — foram colocados, não somente na pandemia, mas ao longo da história, como, por exemplo, no período colonial escravocrata. Controlados como mercadorias, esses indivíduos eram mantidos isolados e subordinados às vontades dos seus senhores, tendo que servir aos desejos da classe dominante, ignorando suas próprias necessidades individuais e coletivas.

É possível notar que, a partir disso, Fran Clemente manifesta certo descontentamento, por parecer acreditar não estar fazendo nada de errado; ou seja, nada que a sociedade pudesse recriminar, uma vez que esta última aceita a posse da “funcionária doméstica” mesmo em tempos de isolamento social. Com isso, ela ainda busca um jeito de contornar a situação e agradar os seus seguidores. Por isso, alega: *A Ju não tem família no Rio. E preferiu fazer a quarentena comigo.*

Além de reproduzir uma fala *mentirosa* — já que Ju, assim como outras trabalhadoras domésticas, tinha uma família (mãe e filha) e não teve outra opção a não ser se manter na casa da patroa, uma vez que isso se fazia necessário para que ela recebesse o seu salário —, Fran Clemente seguiu proferindo uma sequência de pensamentos e atitudes discriminatórios em relação à doméstica e ao grupo social ao qual ela faz parte: pessoas pobres e mais vulneráveis às condições impostas pela pandemia.

A partir da fala “*Melhor aqui que na favela, né?*”, presente no segundo quadrinho, percebe-se, por exemplo, a representação da noção preconceituosa e estereotipada que a classe média e alta da sociedade brasileira tem em relação à favela e, conseqüentemente, aos indivíduos que ali moram. Indicando, por meio do advérbio de comparação “melhor”, que não haveria ambiente mais agradável e seguro para estar do que o seu apartamento na Zona Sul do Rio de Janeiro, nota-se como há a tentativa de se transparecer, por meio da personagem de Fran

Clemente, o pensamento hegemônico da classe dominante, que tem como referencial o padrão sociocultural europeu-ocidental para aquilo que é “bom”, “correto” e “agradável”. O fato de Ju aparecer no fundo da imagem, em segundo plano, parece enunciar que, ainda que a residência de Fran possa ser um bom lugar para se estar, não é algo que a doméstica possa desfrutar livremente, já que ela tem permissão para ocupar certos espaços da casa somente para prestar os serviços domésticos.

Em seguida, com os dizeres “*Essa gente não respeita o confinamento*”, designa-se à personagem branca e rica da história em quadrinhos outra fala discriminatória para com os moradores da favela. A partir dela, expõe-se como a doméstica que trabalha em sua residência não seria capaz de respeitar as regras de confinamento instituídas durante a pandemia. Pelo uso do sintagma nominal “*essa gente*”, é possível observar que a influenciadora não se inclui no grupo do qual fala nessa afirmação, indicando o menosprezo e o desrespeito que sujeitos como Fran podem tratar pessoas que não apresentam o mesmo *status* social, econômico e cultural que ela. Essa fala aparenta demonstrar uma incoerência que se presentifica na sociedade: o fato de parecer que a escolha de acatar ao confinamento pertence apenas aos trabalhadores tidos como “essenciais” durante o período pandêmico e, não, às classes mais altas, as quais, na verdade, não renunciaram seus privilégios e a zona de conforto atrelada à sua classe social, contribuindo para o risco de contaminação e morte de outros indivíduos, que exerciam serviços para eles.

No caso, a influenciadora se refere, particularmente, à Ju e, de modo geral, a todos os sujeitos desfavorecidos, o que parece demonstrar o senso de superioridade que sujeitos como Fran julgam ter em relação às demais pessoas, que não fazem parte da elite brasileira, nem são protegidas pelo poder hegemônico. Esse sentimento de superioridade traz à tona, no discurso atrelado à Fran, o princípio do necrobiopoder (Bento, 2018); ou seja, alguns indivíduos têm vidas que devem ser preservadas, enquanto outros, cujas vidas são “banais”, não importam. Na atual conjuntura mundial, isso parece ressoar, de modo antagônico ao que às classes dominantes podem pensar, a memória discursiva de que “vidas negras importam” também.

Os artistas-autores da *webcomic Confinada* (2020), bem como enunciadore dos discursos manifestos na ficção, Triscila Oliveira e Leandro Assis, ao assumirem certas formações discursivas, parecem buscar, a partir das falas de Fran Clemente e dos posicionamento da personagem, construir, portanto, um retrato negativo daqueles que possuem privilégios, principalmente de classe e raça, e ignoram as vivências, bem como as necessidades de sujeitos com realidades diferentes das deles, os quais sofrem com a desigualdade e a discriminação social.

Assim, por meio de mais uma fala da personagem de Fran, expõe-se o porquê da desconfiança para com esses indivíduos. Apropriando-se de um discurso de senso-comum, bastante (re)produzido ao longo da pandemia, a influenciadora se justifica: “*Muitos largam o emprego pra pegar o fundo emergencial e ir tomar uma cachaça na rua!*”. Nota-se, desse modo, neste contexto, como é buscado pela ficção um retrato da conjuntura pandêmica a partir de um ponto de vista exclusivo: aquele em que pessoas brancas e ricas, amparadas pelo pacto da branquitude (Bento, 2022), estabelece(ra)m como ordem social legítima. Contudo, apesar de haver uma crítica sobre essa questão, a narrativa acaba contribuindo para o reforço de um imaginário estabilizado das pessoas que precisam do auxílio do poder público para sobreviverem.

A partir da primeira parte da tira em questão, observa-se, portanto, como a influenciadora digital nega a existência dos seus privilégios, que, no caso, estão sendo exercidos pelo “direito” de ficar em casa, e deixa de se responsabilizar, de alguma forma, pelas desigualdades e discriminações que estruturam sua presença na sociedade e *permitem* que situações como essa aconteçam.

Em paralelo ao cenário em que Fran se comunica com os seus seguidores, no terceiro quadrinho da tirinha, é revelada uma outra ótica da situação: Dinah, uma colega de Ju — também pobre, doméstica e negra — relata as dificuldades que sua família tem enfrentado diante da pandemia. Ela explica que as coisas estão difíceis, pois o seu marido foi demitido e eles tiveram que fazer o possível para se manter financeiramente (*Como tão as coisas por aí, Dinah?/ Ah, Ju! Péssimo, né?/ O Lino foi demitido. A grana ficou curta. A gente teve que ir se virar*).

Neste contexto, observa-se, principalmente pela construção da materialidade imagética, uma sequência em que se evidencia as vivências dos sujeitos — representados por pessoas negras, trabalhadoras e moradoras da periferia — precarizados e mais expostos aos riscos de contaminação. Essa perspectiva coloca em evidência a fragilidade e a invisibilidade daqueles que estão à margem da sociedade e que, na situação de crise da pandemia de Covid-19 no Brasil, foram ainda mais negligenciados pelas instituições e o poder público, bem como inferiorizados por classes sociais hegemônicas, as quais a personagem de Fran, por exemplo, pertence. Esses sujeitos foram condenados à morte, fosse pela falta de acesso à saúde de qualidade, vagas em

hospitais, oxigênio e vacinas, ou mesmo pela insegurança alimentar ocasionada pela má gestão econômica e sanitária do então governo federal⁶⁸.

Dessa forma, no quarto quadrinho da história, apresenta-se, por meio da composição de imagens (uma mulher negra trabalhando como manicure e um homem negro como entregador de aplicativo⁶⁹ — ocupações precarizadas, com pouca ou nenhuma regularização trabalhista — interagindo com pessoas fazendo mal uso da máscara de proteção e até possivelmente contaminadas pela Covid-19), bem como pelo depoimento de Dinah (*“E aí, pô, a gente acabou se expondo, né?”*), apresenta-se o que *realmente* aconteceu com a maioria da população brasileira durante a pandemia. Com a diminuição da fonte de renda, o desemprego e o desamparo do Estado, em nome da sobrevivência, não houve outra opção senão a sujeição a trabalhos precarizados, colocando-se em situações de risco.

As relações de poder, neste contexto, ficam ainda mais evidentes, uma vez que é escancarada pela narrativa a dinâmica de submissão da classe trabalhadora, pobre e periférica à classe hegemônica. No retrato dos sujeitos que frequentaram salões de beleza durante a pandemia ou daqueles que recebiam comida na porta de casa, entregues por *motoboys* de aplicativo, é possível observar a despreocupação com que exercem seus papéis sociais, assegurados por uma hierarquia bem estabelecida e pautada na indiferença, bem como na falta de cuidados para com a saúde e a vida do outro.

Como se mostra na sequência dos quadrinhos quatro, cinco e seis (*E aquela coisa. Casa pequena. Um monte de gente/ Nós não sentimos nada. Mas a minha sogra ficou mal. Teve falta de ar/ Aí foi o de sempre. Não conseguimos hospital/ Foi muito rápido/ E nem sabemos se foi Covid*), foi necessário que muitas pessoas enfrentassem a possibilidade de contaminação por Covid-19, indo à rua a trabalho, de modo que garantissem que suas famílias tivessem acesso a necessidades sociais básicas, como a alimentação. Infelizmente, junto à deficiência hospitalar, causada pela negligência estatal com a doença, esse cenário acabou resultando na morte de muitas delas e de quem convivia próximo deles. Nota-se que essa questão é pontuada de forma implícita nos quadrinhos, uma vez que se omite o termo “morte”, apenas trazido à tona pela

⁶⁸ Segundo o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, divulgado em 2022 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), a pandemia agravou a fome no Brasil, que tem 14 milhões de brasileiros a mais em insegurança alimentar grave, em comparação com 2020. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

⁶⁹ De acordo com dados divulgados pelo IBGE (2022), o número de pessoas ocupadas cresceu 9,9% entre o segundo trimestre de 2021 e o de 2022. No entanto, essa fato ocorreu em um mercado de trabalho precarizado, já que o grupo com a maior expansão foi o de trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados (17,9%). Disponível em: < <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1631> >. Acesso em: 01 maio, 2023.

imagem construída de um enterro no cemitério e da abertura de mais uma cova, a qual parece remeter às milhares que foram abertas pelas mortes causadas pelo coronavírus⁷⁰.

A personagem Dinah, por fim, conclui a conversa por meio de uma fala que rememora a condição desigual e discriminatória na qual vive o seu grupo social e, de modo geral, as populações subalternas na qual ela identifica com o adjetivo “pobre”: *Só o que a gente sabe é que pobre morre à toa/ É bala perdida, dengue, Covid...* Trazendo a locução adverbial “à toa”, seguida de uma “lista” de situações às quais as pessoas desfavorecidas são colocadas em risco (*É bala perdida, dengue, Covid...*), aparenta-se a tentativa de expor como a vida de pessoas, como Dinah, é desvalorizada, uma vez que precisam conviver com a violência e a opressão diária, sendo colocadas em perigo o tempo todo, por falta de segurança e acesso à saúde.

Depois, ao afirmar, no sétimo e oitavo quadrinho, *“E se a gente tem que arriscar a vida trabalhando/ Pelo menos a gente também vai se divertir/ Porque tudo pode acabar num piscar de olhos pra gente”*, a colega de Ju parece fazer uma espécie de reivindicação, produzindo um discurso de resistência aos modos de exclusão legitimados pelo poder hegemônico, que coloca os trabalhadores em uma posição submissa, sem direito a descanso ou diversão.

Neste trecho da tirinha, é interessante observar como a textualidade verbal aparece, de modo até pouco natural, explicando, didaticamente, o que acontece na realidade da população que, como Ju e Dinah, é negra e periférica. O discurso, elaborado dessa maneira, parece querer justificar as decisões assumidas pela personagem de romper com o isolamento, bem como trazem à tona as formações discursivas que disputam espaço na enunciação e que estão aqui articuladas nesse discurso: a(s) dos criadores dos quadrinhos, a das domésticas que eles tentam representar, bem como da classe média alta, caracterizada pela personagem Fran.

Desse modo, como um recurso metalinguístico, uma vez que Fran é influenciadora digital e utiliza a rede social como forma de obter lucro, aparenta-se ser essa a formação discursiva acatada no discurso produzido em *Confinada* (2020), justamente no e para o *Instagram*, por onde os autores fazem sua crítica chegar ao público — grupo que pode ser composto por domésticas e pessoas mais desfavorecidas, mas, também pelas classes mais privilegiadas que puderam acompanhar de casa e pelas redes sociais as intercorrências da Covid-19.

⁷⁰ Ainda assim, ironicamente, o ex-presidente Jair Bolsonaro dizia não saber o número de mortes, já que, segundo ele, não era “coveiro”. A cena ilustrada na *webcomic* parece trazer à tona, portanto, essa memória discursiva, que remete ao discurso proferido por Bolsonaro em abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 dez, 2023.

Na oitava imagem, onde é mostrado um grupo de pessoas, aparentemente moradoras da periferia, descontraídas em uma reunião, é possível observar, segundo a perspectiva dos enunciadores, como esse grupo parece ter buscado maneiras de driblar os efeitos das encruzilhadas de opressão sofridas no dia a dia. Mesmo ao desconsiderar a recomendação de não aglomerar durante a pandemia, eles parecem fazê-lo de modo a recuperar sua participação social, não atrelada ao trabalho e à servidão, como também de aproveitar a vida, uma vez que parecem conscientes da falta de perspectivas da sua classe para o futuro (*Pelo menos a gente também vai se divertir/ Porque tudo pode acabar num piscar de olhos pra gente*).

Observa-se, nesse momento, certa contradição nas escolhas assumidas para as personagens, que tomam atitudes e vivenciam momentos, confirmando as suposições e os julgamentos feitos por Fran (*Essa gente não respeita o confinamento*).

Ao final, Fran Clemente reaparece na tirinha, reafirmando os julgamentos feitos sobre Ju e o grupo social ao qual ela pertence. Mais uma vez, ao proferir que “*Pobre não tem amor à vida, né?*”, ela reforça sua concepção estereotipada sobre esses sujeitos e parece ignorar as condições *reais* as quais eles foram submetidos a viver — antes, durante e após a pandemia.

Neste sentido, compreende-se que a tirinha “Amor à Vida” (2020) (Figura 12) passa por uma construção narrativa que busca fazer um recorte dos pontos de vista das duas protagonistas da história em quadrinhos, colocando em evidência os contrastes vividos nesse período e as relações de poder que se encontravam, talvez, eclipsadas, mas que com a pandemia vieram à tona mais claramente e se puseram em jogo, revelando o que tem ficado às sombras nas relações sociais, como os privilégios, os preconceitos e as injustiças e, nesse caso, a própria vida.

Nota-se como é desenvolvido pelos autores um enredo em que, para a personagem de Fran Clemente, que vivia no conforto do seu privilégio, construído como mulher branca e rica, permanecer em isolamento ao longo da pandemia parecia uma tarefa possível e cômoda. Assim, com o retrato da percepção da influenciadora sobre a situação, demonstra-se como os autores-artistas da *webcomic* interpretaram o modo como a classe social hegemônica levou em conta a realidade pandêmica e, principalmente, as vivências das pessoas que precisavam sair de casa para trabalhar, correndo riscos de vida.

O cenário imagético constituído na tirinha contribui para essa perspectiva e para a construção que se fez das personagens e dos grupos sociais aos quais elas representam identitariamente — algo que demarca os seus papéis sociais na narrativa e no contexto histórico-cultural externo à história. Além das falas preconceituosas e estereotipadas proferidas pela influenciadora Fran Clemente, por exemplo, a co-protagonista também é retratada com feições

fortes e marcadas, quase vilanescas, e está ambientada em situações de luxo e conforto. Esse semblante, expressando emoções, também aparece nas outras personagens de “Amor à Vida” (2020) (Figura 12), como Ju, Dinah e seus familiares, que são integrados a cenas comuns do cotidiano periférico e a ambientes desconfortantes — ocupados durante a pandemia ou não —, bem como desenhados com traços mais leves. Desse modo, parece se delimitar o lugar de subalternidade destinado a elas.

É exposta, dessa forma, pelos efeitos de sentido presentes na materialidade linguística e imagética de *Confinada* (2020), um retrato da desigualdade social e do imaginário preconceituoso criado sobre a população mais vulnerável durante a crise pandêmica vivida no Brasil. Com a análise deste primeiro recorte, compreendem-se os dilemas vivenciados pelos sujeitos mais afetados ao longo desse período, bem como se reflete sobre as relações de poder vigentes, as quais contribuem para a manifestação de discriminações e violências, além da manutenção dos privilégios de classes socialmente hegemônicas, os quais reduzem a vida de grupos minoritarizados à indiferença, à invisibilidade e à infâmia.

Recorte 2:





Figura 13: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). **N. 14: Costelinha.** Instagram, 01 julho, 2020.
 Fonte: < https://www.instagram.com/p/CCHvCzeJYy6/?img_index=1>.

Na tirinha nº 14 de *Confinada* (2020), denominada “Costelinha” (2020) (Figura 13), a personagem de Fran Clemente surge conversando à distância com sua tia, no que aparenta ser uma chamada de vídeo pelo computador — uma atividade comum ao longo da pandemia. Elas falam sobre a internação de seu tio, Gil, que foi contaminado pela Covid-19 e passara dias na UTI, entre a vida e a morte (*Então, tia. Mamãe me contou. Que susto!/Pois é, querida! [...] Foi tudo tão rápido. Em poucos dias o Gil foi pro hospital. Achei que ele não ia aguentar. Doze dias na UTI*).

No diálogo, a tia de Fran relata todo o ocorrido e tenta se justificar à sobrinha, demonstrando que eles, particularmente, não eram culpados pelo tio ter sido infectado pela doença: “*E a gente tava sendo rigoroso na quarentena!*”. No entanto, logo, ela mesma se contradiz, revelando que houve um almoço em sua casa para o aniversário de Gil, em que receberam “apenas” dois convidados, além de terem a presença de Benê, a doméstica que trabalhava em sua residência e quem preparou a comida (*Só teve um dia. Aniversário do Gil. Ele queria comer a costelinha com tutu da Benê. Fizemos um almoço. Veio a Camila e o marido. E só!*).

Neste momento da narrativa, observa-se uma possível crítica por parte dos autores da *webcomic*, os sujeitos enunciadore de este discurso, a grupos que se aglomeravam em encontros e festas durante a pandemia — o que rememora fatos ocorridos e noticiados pela mídia brasileira na época, relacionados, principalmente, à postura da classe média e alta, em que se situam jogadores de futebol e cantor(as) famoso(as), diante da crise pandêmica. As personagens dos tios de Fran Clemente e os seus convidados, que contam com serviço doméstico terceirizado em sua residência e são ilustrados em vestes elegantes, usando joias e com penteados no cabelo, parecem remeter a esse grupo social de forma negativa, uma vez que são retratados a partir de estereótipos associados a ele.

Assim, como os demais indivíduos que burlaram o isolamento recomendado na época para evitar a disseminação do coronavírus, foi construído um enredo em que as personagens da família de Fran acreditavam não ser um problema ver alguns amigos, afinal, acostumados com os benefícios sócio-históricos e culturais ligados à sua classe, os quais os protegiam, eles poderiam se isentar de julgamentos e punições — e caso houvesse risco de algo parecido, eles ainda poderiam agir tranquilamente, pois podem escapar de complicações, graças aos seus privilégios de gênero, raça e classe.

A partir do relato da tia, Fran questiona, portanto, se teriam sido os convidados que transmitiram a doença a Gil (*Será que um deles passou pro tio?*) e a tia, rapidamente, nega, culpabilizando, na verdade, a trabalhadora doméstica, Benê, pelo ocorrido, já que esta havia saído do confinamento com os patrões para ajudar a filha, indo à favela, e também acabara ficando doente (*Não! Eles tavam fazendo quarentena direito. Nem tiveram nada. Não foram eles. Mas sei quem foi: a Benê. Ela tava de quarentena com a gente. Mas a filha foi despejada, e a Benê foi ajudar a menina a se mudar pra casa dela. Sabe como é favela. Todo mundo entulhado. Ela trouxe o Covid pra gente*”).

Com isso, nota-se, a partir dos efeitos de sentido que emergem da materialidade linguística incorporada na fala da tia, uma mulher branca e rica, que sem hesitação age em defesa de seus colegas — arranjando motivos para culpar uma mulher negra e trabalhadora pelo adoecimento do marido —, a manifestação de uma crítica nos quadrinhos ao pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022). Por meio do posicionamento da personagem, diante da busca por responsáveis pela propagação do coronavírus em sua casa, observa-se o funcionamento de uma dinâmica difundida culturalmente e inscrita na subjetividade do coletivo, em que o herdeiro dos privilégios de raça e classe (a tia), se identifica com outros herdeiros (seus colegas), de modo a considerar seus benefícios sociais e, assim, servir o seu grupo, protegendo-o e fortalecendo-o por meio de um acordo tácito; um contrato subjetivo não verbalizado.

Desse modo, para explicar seu ponto de vista, a mulher acusa a doméstica que trabalha em sua residência, Benê, ao alegar que ela seria a culpada por transmitir a Covid-19 ao seu marido, bem como deprecia o grupo social ao qual ela faz parte, proferindo um discurso preconceituoso sobre a sua funcionária e toda a população que mora na favela (*Sabe como é na favela. Todo mundo entulhado*). A personagem criada para o papel da tia de Fran Clemente assume, assim, mais um estereótipo vinculado à classe hegemônica, uma vez que propaga falas discriminatórias de senso-comum, atacando minorias e tornando ainda mais infames as vivências destas.

Ainda, deve-se levar em conta o uso do adjetivo “*entulhado*”, utilizado para qualificar o modo como os moradores da favela vivem, o qual remonta à arquitetura periférica, em que as moradias são pequenas, bem próximas umas às outras, bem como atravessadas por escadarias e vielas. Além disso, o termo qualifica, geralmente, o lixo — uma vez que este é entulhado. Dessa forma, as pessoas da favela parecem ser referidas como um “lixo humano”, de modo que suas vidas são completamente ignoradas e descartáveis — a se ter de exemplo a própria morte de Benê, que não é comentada com pesar pelos patrões, os quais apenas se preocupam com o grande infortúnio de ter que treinar a nova funcionária (*Empregada nova. Tem que ensinar tudo! Um saco*).

As imagens dos quadrinhos três, quatro e cinco de “Costelinha” (2020) (Figura 13), por sua vez, em que aparecem Camila, o marido, Gil e a tia de Fran à mesa conversando e a doméstica Benê cozinhando, bem como servindo contente e aparentemente saudável o prato principal, são elaboradas de modo a desmentir a tia. Paralelamente às falas exibidas nestas tiras, observa-se, na materialidade imagética, onomatopeias (*cof cof*), as quais se referem à tosse dos convidados do almoço em que Gil e Benê parecem ter contraído o coronavírus — um dos sintomas associados à Covid-19, que a anfitriã do almoço ignora ao declarar que eles não demonstraram motivos para desconfiança (*Eles tavam fazendo quarentena direito. Nem tiveram nada. Não foram eles*).

Assim, parece tentar se criar no leitor das tiras um efeito de sentido que remete ao sentimento de revolta, diante da injustiça sofrida por Benê, já que não havia sido ela quem transmitira o vírus ao patrão e, mesmo assim, ainda é quem acaba sofrendo a pior consequência, que valeu sua vida, dada a irresponsabilidade dos patrões — algo que remete a um cenário comum na sociedade contemporânea brasileira, em que sujeitos como a doméstica são culpados e penalizados por atitudes que não cometeram, como roubos dentro das residências em que trabalham, consumo de alimentos e espaços da casa considerados de uso dos patrões, entre outros.

O desfecho da tira nº 14 é apresentado quando Gil e Benê são retratados em camas de hospital e a partir do relato da tia de Fran. No quadrinho seis, o público leitor fica sabendo que o tio da influenciadora, que parece ter sido cuidado pelo sistema particular de saúde (*não economizamos no tratamento*), sobreviveu ao vírus, enquanto a doméstica, que aparenta ter recorrido ao Sistema Unificado de Saúde (SUS), não: “*E foi tudo tão rápido. Em poucos dias o Gil foi para o hospital. Achei que ele não ia aguentar. Doze dias na UTI! Claro, não*

economizamos no tratamento. Duas semanas depois ele se recuperou. Graças a Deus! A Benê não teve a mesma sorte”.

Neste caso, observa-se, especificamente no quadro seis, o modo como os dois quartos de hospital são ilustrados: acima, está Gil, em posição prona⁷¹, intubado na UTI. O ambiente foi desenhado com cores claras e com uma marcação suave nos traços, apesar de remeter a uma cena de tensão. Abaixo, por outro lado, ao retratar a situação vivenciada por Benê, que se encontra acamada em um quarto comum, superlotado, escolhe-se uma paleta mais escura e traços mais pesados. Todas as escolhas realizadas para essa ambientação, por parte dos autores-artistas, parecem, desse modo, denotar um ponto de vista crítico sobre o modo como foi conduzido, por parte do poder público, o enfrentamento da crise pandêmica no Brasil.

Ao longo deste período havia, no entanto, um amplo debate sobre a privatização do SUS, pois alguns partidos e grupos sociais, principalmente do espectro de direita, acreditavam ser essa a solução para a melhoria nas falhas dos sistemas públicos de saúde do país — os quais não davam conta da alta demanda de pacientes. Pela perspectiva negativa em que é abordado o cenário em que Benê se encontra, portanto, pode se interpretar um discurso que corrobora com a visão negativa sobre o SUS, a favor da privatização — apesar de se poder atribuir também outros efeitos de sentido, como a reflexão sobre essa questão, em busca de impulsionar uma cobrança sobre as autoridades.

No último quadrinho da tira, é possível observar uma representação sobre o modo como a classe dominante — retratada pelas personagens de Fran, seus tios e os colegas destes — aparenta, segundo os enunciadores desse discurso, lidar com a vida, mas, também, com a morte de grupos minoritarizados, como a personagem Benê. Com a fala final de Fran (“*Mas graças a Deus o pior já passou, né tia? Agora é vida que segue*”) e a imagem da filha da doméstica chorando a morte da mãe sozinha em sua casa, observa-se como a personagem da trabalhadora doméstica é reduzida pelos sujeitos brancos e ricos à indiferença, algo que já era parte do seu viver como uma mulher infame, mas que acontece, também, em um momento delicado, quando esta acaba morrendo — após precisar continuar exercendo sua função ao longo da pandemia e acabar contaminada pela Covid-19 devido à irresponsabilidade dos patrões.

Esse acontecimento, em especial, parece remeter ao caso da primeira vítima fatal de Covid-19 do Rio de Janeiro, em que uma trabalhadora doméstica de 63 anos morreu após ser

⁷¹ O termo “prona” ou “pronação” foi amplamente utilizado na conjuntura da pandemia de Covid-19 no Brasil, uma vez que se mostrava como uma importante ferramenta no tratamento da infecção, já que ajudava os pacientes a respirarem melhor. Disponível em: <<https://www.frrb.com.br/2020/04/29/o-que-significa-pronar-o-paciente/>>. Acesso em: 30 nov, 2023.

infectada pela patroa que, retornando de uma viagem à Itália e contaminada pelo coronavírus, não liberou a funcionária para fazer isolamento em sua própria residência.

Com a existência de Benê caindo no esquecimento dos patrões, a figura construída sobre a classe dominante parece se referir ao fato de que esta parte da sociedade apenas se importa com a preservação de suas próprias vidas, ignorando que outros grupos sociais — como o da doméstica Benê — tenham vivências tão valiosas quanto às suas, com a convivência da família e de amigos no conforto de uma boa casa. Toda essa conjuntura, desse modo, aparenta aludir à memória discursiva do período colonial escravocrata, em que escravizados domésticos eram tratados como produto e as suas existências eram limitadas às necessidades do senhor.

Nos quadrinhos sete e oito, essa perspectiva parece ser reafirmada, quando a tia de Fran Clemente é ilustrada recebendo uma xícara de café de uma nova trabalhadora doméstica (*Seu café, dona Lúcia*) — um cenário que aparenta demonstrar como Benê era compreendida como uma mercadoria e, ao faltar com seus serviços, podia apenas ser trocada por outra pessoa que realizasse as tarefas da casa e os caprichos dos patrões.

No entanto, como se observa pela materialidade presente nas tiras em questão, não parece ser fácil agradá-los, devido as suas tantas vaidades e cerimônias colonial-escravocratas, que podem, de algum modo, colocá-los em um ponto alto na hierarquia social. Lúcia implica com o modo como a funcionária realiza o seu serviço (*Nunca traz a xícara na mão! Não é elegante. Usa uma bandeijinha, tá?*) e, após chamar a atenção da moça, comenta os maus modos desta com a sobrinha, a qual concorda com a tia: *Empregada nova. Tem que ensinar tudo! Um saco*; para o que Fran responde “*Hahaha. Sei como é*”.

Por meio da análise e interpretação dos efeitos de sentido presentes na materialidade linguística e imagética de “Costelinha” (2020) (Figura 13), compreende-se, portanto, que é realizada uma representação da discriminação social e do funcionamento das relações de poder que permeiam a sociedade brasileira contemporânea, de maneira histórica e cultural, mas, especificamente, no contexto da pandemia de Covid-19 no país. Com a narrativa das personagens de Benê, trabalhadora doméstica, e da família de Fran Clemente, foi possível interpretar o modo como a vida de grupos minoritarizados são vistas como infames pela classe dominante — segundo o olhar crítico dos quadrinistas —, de maneira que ficam limitadas à indiferença, à exclusão e ao esquecimento.

Recorte 3:



Figura 14: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 22: A festa (Parte 1). Instagram, 27 agosto, 2020. Fonte:

Na tira “A festa (Parte 1)” (2020) (Figura 14), as personagens de Fran Clemente e Ju aparecem na cozinha discutindo devido à festa que a influenciadora digital decidiu realizar em sua casa, em meio à quarentena causada pela pandemia de Covid-19. Na ocasião, era altamente recomendado pelos órgãos de saúde que não houvesse aglomerações, fosse em lugares públicos ou privados, como forma de conter a disseminação do vírus. Por isso, a trabalhadora doméstica Ju, ilustrada com feição de irritação, recusa-se a trabalhar nesta condição, uma vez que buscava realizar o confinamento corretamente, mesmo na casa da patroa. Assim, ela contesta o seu direito de permanecer isolada, ainda que fosse realizar alguns serviços durante a festa — o que

leva ao descontentamento de Fran, que acredita ser exagerado o posicionamento da funcionária: *Levo a bebida, uns aperitivos e só! Depois volto pro meu quarto e não saio mais!/Você tá exagerando, Ju!.*

Ju, logo questiona, furiosamente, a patroa, chamando a atenção desta para a situação, que nada parece com um ato de isolamento, já que as duas estariam rodeadas de pessoas que ignoravam as medidas de prevenção ao coronavírus, algo que as deixariam suscetíveis à infecção pela doença (*Exagerando?! Você pediu pra eu ficar de quarentena contigo! O que tá rolando aqui não é quarentena! Tem um bando de playboy na sala E sem máscara!”*).

Mais uma vez, portanto, nota-se que a composição do enredo parece ter sido elaborada de modo a olhar criticamente para aqueles sujeitos, ligados, principalmente, à classe média e alta do país, que se aglomeraram em festas e encontros ao longo da pandemia — fato que parece ficar evidente pelo uso do adjetivo “playboy”, comumente utilizado para designar indivíduos, geralmente jovens, que ostentam riqueza, mesmo não aparentando ter ocupação profissional bem definida. Com isso, aparenta-se haver uma alusão à memória discursiva dos eventos noticiados pela mídia brasileira na época sobre eventos clandestinos realizados neste período.

Na sequência, a partir do terceiro quadrinho, nota-se, pela materialidade linguística, Fran Clemente, durante a festa, queixando-se para os seus colegas da atitude de Ju, de modo a desenhá-la como uma profissional ruim, por não obedecer, sem questionar, às ordens de sua patroa — algo que a influenciadora parece esperar, dada a construção de sua personagem, a qual possui privilégios de raça e classe, pertencendo a um grupo social que exerce poder e controle sobre minorias: *Vocês não tão entendendo! Foi um motim! Ela bateu o pé. Disse que era do jeito dela, ou ela ia embora! Fazer o que? Concordei, né? Então vocês já sabem... Quem quiser mais alguma coisa, tem que ir se servir na cozinha.* A palavra “motim”, utilizada na fala de Fran, parece corroborar para esse sentido, já que o enunciado leva a entender que a influenciadora digital considera a “desobediência” de sua funcionária uma espécie de revolta contra sua autoridade.

Este posicionamento, representado pelos artistas-autores na imagem de Fran Clemente, parece rememorar o comportamento de senhores de engenho, que em uma sociedade colonial-escravocrata altamente hierarquizada, agiam com soberania em favor dos próprios benefícios, desconsiderando as necessidades vitais do sujeitos escravizados. Para a influenciadora, que compartilha dos privilégios dos seus antepassados, submeter-se às “vontades” — e não aos direitos — da doméstica Ju — que na narrativa ocupa um lugar na memória social semelhante

aos escravizados domésticos —, parece ser como perder sua superioridade e se deixar vencer pela transgressão social.

Enquanto a influenciadora fala, as imagens que compõem os quadrinhos parecem reforçar o senso de despreocupação do seu grupo social para com o que estava acontecendo no Brasil e no mundo: a pandemia, com seu alto número de infectados e mortes. Pessoas brindam, dão risada, fechando os olhos, até em sinal de deboche, para a condição sanitária global.

A fala de outro personagem, um dos convidados da festa, chama atenção, uma vez que aparenta ser elaborada de modo a demonstrar como todos da classe social de Fran pensam como ela: *Que absurdo! A gente paga o salário e ainda tem que ouvir desaforo! Essa gente tá cada vez mais abusada.* Ao opinar sobre o ocorrido, o homem, assim como a influenciadora, parece reivindicar os seus direitos, “conquistados” como homem branco e rico. Com isso, ele relata uma outra situação, ocorrida com um prestador de serviço, o porteiro do prédio de Fran, disseminando, junto à mulher que o acompanha, preconceitos e xenofobia, o que pode ser notado pelo uso dos adjetivos “paraíba” e “cabeça-chata” — termos pejorativos utilizados para ofender os cidadãos do nordeste do Brasil, por causa de sua aparência física (*Hoje mesmo, chegando aqui, o paraíba da tua portaria quis me barrar! Fui logo esculachando, pra ele saber o lugar dele/ O cabeça-chata deve ter subido no primeiro pau-de-arara de volta pra terra dele!*).

A perspectiva de que sujeitos como os que participam do círculo social de Fran, uma mulher branca e rica, possuem uma visão discriminatória para com pessoas de classes diferentes das deles, pode ser notada pelo uso das palavras “o lugar dele” e “de volta pra terra dele”, as quais remetem a um ponto de vista segregacionista e hierárquico, em que cada um deve ter o seu lugar e não se pode misturar, como em um *apartheid*. A personagem de Fran, no entanto, apesar de fazer parte desse grupo social, parece desaprovar, em uma atitude rara de consciência, o nível em que os comentários dos colegas chegaram e, enquanto eles riem, ela comenta: *Ai, que horror!*

Em paralelo ao relato dos convidados da influenciadora, observa-se, pela construção da materialidade imagética, o porteiro nordestino riscando o carro do homem — uma atitude que aparenta denotar o desejo dos enunciadores de veicular um discurso de vingança das minorias contra a classe dominante. Esse cenário pode impulsionar uma reflexão sobre movimentos de resistência diante de situações de injustiça, mas, por outro lado, validar um imaginário discriminatório contra grupos minoritarizados sobre vandalismo — uma realidade vivenciada

por manifestantes sociais, que têm suas pautas invalidadas por conta da depredação de patrimônios públicos e particulares.

Ao final de “A festa (Parte 1)” (2020) (Figura 14), os colegas de Fran Clemente têm suas ilustrações ampliadas, as quais mostram seus fluídos corporais saindo de suas bocas enquanto riem, de modo que são disseminadas partículas que podem estar infectadas pelo Covid-19 na festa. Demonstra-se, portanto, um ponto de vista que favorece Ju, uma vez que a doméstica “previu” o que poderia acontecer, caso a patroa não respeitasse as medidas de isolamento, bem como veicula-se um discurso que reforça a importância das medidas de proteção, que deveriam ser rigorosas na época, em oposição ao discurso do presidente da República na época.

Nesse sentido, compreende-se, pela análise e interpretação do terceiro recorte, a elaboração de um enredo em que, mais uma vez, discute-se sobre os papéis sociais dos sujeitos da classe dominante e o modo como eles atribuem valor à vida das minorias, representadas pela trabalhadora doméstica Ju e o porteiro, em um contexto sócio-histórico geral, mas, também, específico, como o da pandemia.

Os efeitos de sentido produzidos pelos enunciados dos quadrinhos do eixo temático em questão (“vidas infames”) possibilitam questionar verdades únicas e estabilizadas, estruturadas com base no pensamento hegemônico que classifica, limita e exclui indivíduos que fogem desse padrão. Com uma narrativa em que se é exposta a realidade de trabalhadoras domésticas e de todo o grupo social ao qual elas representam — sujeitos periféricos, empobrecidos e oprimidos pela má gestão da pandemia no Brasil — contribui-se para a reivindicação dos seus lugares na ordem do discurso, de modo que sua cultura e seus direitos sejam mais respeitados e acolhidos.

Com isso, interpreta-se o modo como os sujeitos enunciadore de *Confinada* (2020), seus criadores Triscila Oliveira e Leandro Assis, reforçam, por meio da narrativa ficcional, representações identitárias que remontam às condições sócio-históricas e culturais das mulheres negras, que foram condicionadas a posições subalternizadas e a ocupações precarizadas de trabalho, como de amas-de-leite, mucamas, cozinheiras, cuidadoras, manicures, babás, entre muitas outras — um histórico que naturalizou os modos de submissão e a subserviência desses sujeitos. Além disso, nota-se um discurso também panfletário, em que se desenham personagens da classe dominante quase como vilões, reforçando uma perspectiva maniqueísta da sociedade e dos comportamentos humanos.

3.3.2. Eixo 2: “como se fosse da família”

Por todo o Brasil, milhares de trabalhadoras domésticas se fazem presentes nas rotinas de famílias diversas, exercendo tarefas que contribuem para o cuidado e a manutenção das residências. A partir da convivência estabelecida entre as funcionárias e os seus patrões, compartilha-se, desse modo, a intimidade e outras particularidades da vida privada, o que contribui para a criação de vínculos, muitas vezes, afetivos — os quais podem extrapolar a situação profissional, intensificando as más condições de trabalho de uma classe já precarizada, sem reconhecimento e a garantia de direitos trabalhistas.

Ligado à memória social e, assim, discursiva, do trabalho doméstico como um elemento estruturante do país, este contexto remete, especialmente, ao vínculo dessa ocupação com a história da escravidão no Brasil, bem como com a colonialidade. Assim, como explicado ao longo do desenvolvimento teórico, as estruturas, as dinâmicas sociais e as formas de servidão do período colonial escravocrata — associadas à figura da mãe-preta, das amas-de-leite e das mucamas — reverberam na sociedade brasileira contemporânea, auxiliando na promoção de relações de poder complexas entre as trabalhadoras domésticas e os seus patrões.

Durante a pandemia de Covid-19, diante da necessidade do isolamento social para o controle da disseminação do vírus, esse cenário tomou uma dimensão diferente — contudo, ainda influenciada pelas heranças coloniais, as quais foram potencializadas pelo sistema capitalista. Muitas domésticas precisaram se manter no trabalho, confinadas com os patrões, que não dispensaram os serviços domésticos terceirizados e, muito menos, apoiaram a quarentena remunerada, de modo que as funcionárias tivessem estabilidade financeira, mesmo afastadas de sua função.

Nesse sentido, o segundo eixo temático a ser analisado foi nomeado de “como se fosse da família”, em referência a um famoso discurso reproduzido nas casas ao redor do Brasil, onde trabalham domésticas e se acredita haver uma relação quase-familiar entre elas e seus contratantes — distanciando-se, com frequência, do vínculo profissional. Com isso, pretende-se interpretar os efeitos de sentido presentes em *Confinada* (2020), por meio da materialidade linguística e imagética, de modo a investigar o funcionamento complexo das relações trabalhistas, afetivas e históricas que permeiam o trabalho doméstico no Brasil, especialmente, ao longo da crise pandêmica no país.

Recorte 4:



Figura 15: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 13: Amigas. Instagram, 29 junho, 2020.
 Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCHvCzeJYy6/?img_index=1>.

Na tira “Amigas” (2020) (Figura 15), a décima terceira publicação de *Confinada* (2020) no *Instagram*, observa-se, nos três primeiros quadrinhos, a representação de uma postagem na rede social mencionada, em que é mostrado um vídeo onde uma trabalhadora doméstica dança contente ao lado dos seus patrões. No conteúdo, aparece a representação de duas pessoas brancas, um homem e uma mulher, com roupas de ginástica, junto a uma doméstica, negra, vestida com um uniforme característico da profissão, fingindo estarem ocupados em seus afazeres, até dar início a uma música e todos, prontamente, começarem a dançar. Esse cenário é demonstrado pela materialidade imagética, a qual apresenta o *layout* do *Instagram*, com seus

ícones de curtidas, comentários, compartilhamento e número de visualizações; o desenho de notas musicais, bem como das personagens em movimento.

O discurso reproduzido chama atenção, uma vez que se trata de uma cena comum ao longo da pandemia, em que as pessoas, confinadas em suas casas, buscavam atividades que as distraíssem do isolamento social: o compartilhamento e a exagerada exposição de suas vidas privadas. Neste contexto, portanto, influenciadores digitais exploravam cada vez mais formas de usar o ambiente on-line para compartilharem suas rotinas e se aproximarem de seu público, já que o distanciamento impedia que eles produzissem outros tipos de conteúdos. Foi nesse momento, por exemplo, que a rede social *TikTok* cresceu, viralizando coreografias — as quais logo também migraram para o *Instagram*.

Em *Confinada* (2020), essa prática aparenta ser trazida de modo a contextualizar a presença das trabalhadoras domésticas nestes ambientes onde alguns sujeitos, privilegiados pela possibilidade de se manterem em casa, protegendo-se do coronavírus, buscavam se divertir durante a quarentena. As personagens envolvidas neste episódio são desenhadas de modo a parecer que se trata de uma atividade casual e rotineira no cotidiano delas, como se fossem amigos ou familiares, e não pessoas em uma relação profissional. A própria analogia ao que seria um *flashmob* — uma atividade da cultura norte-americana, em que pessoas se reúnem repentina e instantaneamente para dançar — aparenta entregar que se trata de um cenário todo montado, inclusive, no que se trata da relação entre os participantes.

Apesar de parecer haver um apelo dos patrões em demonstrarem aos seus seguidores que há um relacionamento amigável e, de certo modo, horizontal, alguns elementos entregam a hierarquia bem estabelecida entre a trabalhadora doméstica e os seus contratantes, a começar pelo uniforme. Utilizado para diferenciar a funcionária dos demais residentes da casa, este item de vestuário, culturalmente usado por essas profissionais, parece delimitar também os seus lugares sociais, demarcados pelas estruturas sociopolíticas e históricas do período colonial escravocrata no Brasil.

Além disso, o fato de os empregadores estarem com bebidas na mão e descontraídos, enquanto a doméstica limpa a casa, também aparenta denotar um sentido de que eles não fazem parte do mesmo grupo social, ainda que tentem confirmar, por meio da interação informal, o imaginário de que “todos são iguais” — conforme manda a Constituição.

Quem acompanha esse conteúdo, ilustrado pelo quadrinho, é Fran Clemente, que logo tenta convencer Ju a fazer o mesmo ao seu lado: *Divertido, né? A ideia é fazer igual. Pra mostrar que somos amigas. Que você gosta de fazer quarentena comigo. E aí? O que você*

acha?. Como influenciadora digital, a personagem parece querer apenas entrar nas *trends* e viralizar na rede social como as suas colegas de profissão — a qual conquistou 321.453 visualizações em sua publicação —, fetichizando e fingindo, assim, uma relação que ela não tem com a funcionária, em nome da boa imagem que ela pode transmitir aos seus seguidores (*Pra mostrar que somos amigas. Que você gosta de fazer quarentena comigo*).

Essa situação rememora diversos casos debatidos e noticiados em nível nacional sobre a cultura dos influenciadores digitais, os quais buscam a fama e a aceitação externa a qualquer custo, muitas vezes, contradizendo os seus próprios valores e ultrapassando limites éticos. Fran, apesar de estar compartilhando a quarentena com Ju, o faz porque depende dos seus serviços domésticos e não quis abrir mão do seu conforto para cuidar da limpeza da própria casa, de suas roupas ou fazer sua comida. Elas não são amigas próximas e os artistas-autores parecem querer reforçar essa relação no enunciado, transmitindo-a através da fala de Ju — quem é retratada como um sujeito consciente de seu papel social.

Assim, a doméstica é representada bastante contrariada nos quadrinhos seguintes à proposta da patroa, com feições de braveza e irritação. Aparenta-se que, para que a ideia em defesa das trabalhadoras domésticas nesse cenário fosse viabilizada na narrativa, criou-se um cenário hipotético, em que Ju, com bastante raiva, imagina-se falando o que realmente gostaria de expressar para Fran — o que traz à tona as relações de poder que envolvem o trabalho doméstico, em que sujeitos como Ju acabam submissos aos caprichos como os da influenciadora: *Eu acho que... nós não somos amigas coisa nenhuma! Você paga bem! E eu não preciso da grana! Mas tu não vai me humilhar! Então pode enfiar esse teu celular no cu!*. Em seguida, em uma representação no presente da ficção, a “realidade” é mostrada e a doméstica diz algo que talvez não a prejudique: *“Eu acho que... Eu prefiro não fazer vídeo nenhum.”*

Neste caso, é possível observar o que parece ser um discurso de resistência, em que os sujeitos enunciadore — especialmente Triscila Oliveira, que já fora doméstica —, aparentemente, mostram raiva e rancor diante da situação vivenciada por Ju, que tem de lidar com as dificuldades do seu emprego, as quais incluem a mesquinhez de sua patroa, a qual incorpora suas heranças e privilégios garantidos desde o período colonial.

Fran Clemente ainda questiona a funcionária (*Por que não? Vai ser tão divertido!*), a qual, por fim, rebate com ironia, parecendo chamar atenção para os lugares sociais em que cada uma se situa e pelos motivos os quais não são amigas, mas empregada e empregadora: Ju precisa cuidar das tarefas domésticas da casa, enquanto Fran pode ficar à toa e se preocupar com

algumas “banalidades” com as quais seu trabalho de influenciadora está relacionado (*Mas eu tenho que limpar o chão, lavar suas calcinhas e fazer o jantar. Agora, se você lavar suas calcinhas, talvez...*).

Diante da invertida da funcionária, a influenciadora digital acaba desistindo da ideia (*Esquece. Deixa o vídeo pra lá*) e as duas se viram as costas, maldizendo uma da outra em pensamento (*Sem noção!/Metida*). As qualificações utilizadas pelas personagens parecem ter sido usadas pelos enunciadores do discurso — ou seja, os autores de *Confinada* (2020) —, como forma de explorar os lugares sociais destas. A doméstica, por exemplo, assume uma posição contestadora, na qual é contrária a ideia de que deve estar disponível para servir a todos os pedidos da patroa — aparenta-se julgar, desse modo, o fato de a classe dominante “não tem noção” da realidade. Por outro lado, parecem se fazer valer da imagem da influenciadora como alguém que acredita que seja obrigação dos seus funcionários executar todos os seus caprichos e quem não os fizer, não está cumprindo com suas obrigações como funcionária, sendo, portanto, “metida” — uma pessoa que finge ser o que não é; que se vangloria de qualidades que não possui.

A partir da análise do primeiro recorte do eixo temático “como se fosse da família”, entende-se, portanto, que Triscila Oliveira e Leandro Assis buscaram representar na ficção um cenário comum na sociedade brasileira contemporânea, o qual assumiu uma nova dinâmica ao longo da pandemia da Covid-19 no país: a complexa relação trabalhista, histórica e afetiva entre as trabalhadoras domésticas e os seus empregadores. O enunciado, que trouxe à tona efeitos de sentido diversos — os quais estão presentes tanto na materialidade imagética, quanto linguística, da *webcomic Confinada* (2020) — parece transmitir a preocupação, por parte dos autores, de demonstrar que o trabalho doméstico remunerado carrega, até os dias atuais, heranças do período colonial escravocrata. Por meio da construção do enredo e de seus personagens, foi exposta uma perspectiva de que os patrões, geralmente brancos e ricos, acreditam na subserviência de seus empregados, ignorando o respeito à individualidade de seus funcionários, bem como os seus desejos como pessoa.

Ainda, observou-se, com base no contexto de produção deste discurso, o modo como são interpretadas, por parte dos enunciadores, as dinâmicas trabalhistas em que estão envolvidas as domésticas. Na narrativa, parece ser retratado, por exemplo, como é baixo o reconhecimento profissional da categoria, bem como representado o fator de que se confundem, regularmente, os relacionamentos de trabalho com o lado pessoal e afetivo — um outro fenômeno herdado do colonialismo pela classe dominante, a qual guarda na memória social a idealização de serviços

como figuras maternas que, no entanto, não compartilham dos mesmos privilégios que seus filhos brancos e são mantidas na base da hierarquia social.

Recorte 5:



Figura 16: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 36: **Passado 1**. Instagram, 27 novembro, 2020. Fonte: < <https://www.instagram.com/p/CIGsXVCpTKq/>>.

Em “Passado 1” (2020) (Figura 16), o público leitor da *webcomic Confinada* (2020) é convidado para visitar o passado de Fran Clemente. Entediada em sua casa ao longo do isolamento social, a influenciadora digital resolve revisitar fotos antigas e acaba encontrando uma recordação um tanto quanto inusitada para quem vinha acompanhando a narrativa e a

construção da personagem: uma fotografia, em que uma versão jovem de Fran posa ao lado de uma colega negra. Logo, a história por trás da foto é esclarecida, quando as memórias da influenciadora são exploradas e, assim, retratadas nos quadrinhos.

Em 1998, como mostra os desenhos de Leandro Assis e o roteiro de Triscila Oliveira, a mãe de Fran aparece em cena, entrando no quarto da personagem que, na época, era apenas uma adolescente, com a filha da doméstica que trabalhava na casa da família, Daiane, que passaria o dia ali. A mulher pergunta à Fran se ela se lembra da garota e pede que faça companhia a ela (*Lembra da Daiane, Fran? A filha da Madalena? Ela vai passar o dia aqui hoje. Faz alguma coisa com ela*).

Esse cenário traz à tona a memória discursiva de uma prática comum na sociedade brasileira, seja ela atual ou no passado: o fato de os filhos de domésticas acompanharem suas mães no trabalho. Com dificuldades para encontrarem vagas em escolas ou creches gratuitas e em tempo integral, essas mulheres, há muito tempo — quando não conseguem deixar suas crianças sob os cuidados de alguma vizinha ou, até mesmo, sozinhas —, acostumaram-se a levá-las para o serviço.

Nos quadrinhos, os patrões parecem receber com simpatia a filha de sua funcionária, convidando-a para ocupar determinados espaços da casa — como o quarto de Fran — bem como para compartilhar momentos de lazer com a família. Contudo, existem outros cenários, em que o cuidado e o acolhimento oferecido às crianças que acompanham suas mães domésticas no trabalho é escasso, se não inexistente, como foi o caso do menino Miguel.

Apesar da cena elaborada para a narrativa não remeter ao período da pandemia de Covid-19 no Brasil, é possível relacioná-la com este momento da história e o triste caso de Miguel, que, aos 5 anos, morreu após cair do 9º andar de um prédio de luxo na cidade de Recife. O trágico episódio aconteceu após a mãe do garoto, que seguia cumprindo suas funções como doméstica durante a crise pandêmica, precisar levar o filho ao trabalho e, em dado momento, pedir a patroa que olhasse a criança, enquanto ela saía com o cachorro da família para passear. A empregadora dispensou os cuidados com o menino, contribuindo para esse acidente fatal.

No desenrolar da tirinha, Fran convida Daiane, então, para ir à praia, oferecendo à ela o seu próprio biquíni (*Bora pra praia?! Eu não trouxe biquíni/ Eu te empresto*). Chegando lá, as meninas se encontram com alguns amigos de Fran e ela logo apresenta sua companhia: *E aí, Fran!/ Fala, Edu! Diego! Essa é a filha da minha empregada*. A última frase dita pela então futura influenciadora (*Essa é a filha da minha empregada*) parece ter sido utilizada no enunciado como forma de estabelecer claramente a hierarquia que havia ali entre os jovens, de

modo que a personagem de Fran — uma garota branca e rica — fosse colocada no mesmo patamar que os seus amigos, os quais pertenciam à mesma classe social que ela, enquanto Daiane é inserida numa classe inferiorizada — observa-se, por exemplo, que o pronome possessivo “minha” indica que a trabalhadora também poderia ter laços e obrigações de trabalho com a adolescente Fran.

A personagem, desse modo, chama Daiane para surfar (*Você sabe pegar onda?/ Sei! Eu pego direto!/ Quer ir lá então?*), o que leva ao desencadeamento de uma série de comentários desrespeitosos, preconceituosos e violentos dos amigos de Fran contra a sua convidada. Ao observarem a garota entrar no mar, eles desacreditam de sua habilidade com a prancha, emprestada de Fran, proferindo, assim, diversas falas discriminatórias: *Não devia emprestar tua prancha, Fran. Preto não se entende com o mar/ Ó lá! Melhor que você! Hahahaha/ Ih! Vai tomar caixote!/ Não falei?! Lugar de macaca é na floresta!*

Esse comportamento intolerante e hostil, exercido pelas personagens masculinas, brancas e ricas do quadrinho “Passado 1” (2020) (Figura 16) — as quais expõem publicamente sua perspectiva preconceituosa para com sujeitos como Daiane, uma garota negra e periférica — parecem remeter à conduta de grupos extremistas de direita, muitos dos quais, inclusive, ocupam cargos públicos no Brasil e, em frente às câmeras ou no plenário, emitem expressões racistas, sexistas e classistas.

Os garotos da tira aparentam, portanto, serem desenhados de modo a representarem todo um grupo social — formado, principalmente, por homens, brancos, de classe média e alta — que se mostra insatisfeito em ver alguém como Daiane ocupar um espaço que eles estão acostumados a dominar. Para mostrar que o mar não seria o lugar da garota, um deles se expõe em uma fala segregacionista, chamando a colega de Fran de “macaca” (*Lugar de macaca é na floresta!*) — um adjetivo racista comumente utilizado para insultar pessoas negras. Ademais, com a fala “*Preto não se entende com o mar*”, essa ideia também é trazida à tona, ao mesmo tempo em que se resgata uma memória dos tempos em que, pelo tráfico negreiro, pessoas escravizadas eram trazidas à força para o Brasil em embarcações marítimas precárias, as quais ocasionavam, muitas vezes, sua morte.

Ao ouvir todas aquelas injúrias dirigidas à Daiane, Fran Clemente age em defesa da sua convidada, agredindo o seu colega ao dar-lhe um tapa no rosto — o que se pode notar pela materialidade imagética e linguística da onomatopeia (“*plaf!*”) —, bem como o xingamento “*babaca!*”. Nesta cena, portanto, a personagem de Fran é representada de modo a assumir um papel contraditório, uma vez que demonstra afeição e acolhe às causas raciais vivenciadas por

Daiane — que surge sorrindo ao lado da ruiva —, deixando de se juntar a Edu e Diego — o que talvez fosse o mais esperado, dado seu histórico atual apresentado no enredo dos quadrinhos.

Essas contradições da personalidade da personagem vão ser exploradas, ainda, na sequência, quando Daiane aparece chorando e Fran diz: *Não fica assim. Você é preta mas até que é bonita*. A fala da jovem branca e rica, neste momento, surge como uma ruptura na intimidade que as duas garotas estavam vivenciando — em que Fran aparenta reconhecer as dores de Daiane —, parecendo ser colocada na narrativa de modo que os sujeitos enunciadore desse discursos pudessem exprimir seu posicionamento político, construindo uma imagem negativa de Fran, quem reproduz os preconceitos de raça de sua classe, já que usa a adversativa “mas” para completar a fala, como se o fato de ser negra correspondesse a uma “essência” de feiura; ou seja, uma ruptura do padrão de beleza esperado — o branco.

Nos últimos dois quadrinhos, essa ideia parece ser reforçada, quando Fran se encontra com outra amiga, uma garota loira e branca, e conta sobre o ocorrido. A garota, então, exprime: *Ela usou o teu biquíni?! Que nojo! Ela mora na favela! Imagina a imundice! A quantidade de bactéria! Eca!!*. O posicionamento da amiga faz com que Fran decida jogar a peça de roupa no lixo, o que aparenta manifestar uma posição de concordância e, até, de submissão para com a opinião da colega, de modo que o imaginário preconceituoso sobre pessoas negras e periféricas é reforçado e introjetado na persona de Fran, atribuindo a esses sujeitos a característica da falta de higiene, além da feiura anteriormente mencionada.

A materialidade trazida para o enunciado, em que é apontada uma possível falta de higiene por quem é morador da favela, bem como a possibilidade da transmissão de doenças (*Imagina a imundice! A quantidade de bactéria! Eca!!*), parece remontar à memória do período colonial escravocrata, em que os servos domésticos eram considerados ameaças para a integridade física e moral das famílias para as quais trabalhavam. Acreditava-se, ser possível, pelo nível de pobreza, transmitir-se enfermidades e maus costumes.

Neste sentido, na 36ª tirinha de *Confinada* (2020) publicada no *Instagram*, “Passado 1” (2020) (Figura 16), compreende-se a construção de um enredo que busca trabalhar com as contradições vivenciadas pela personagem de Fran Clemente, abordando-se, assim, um momento do seu passado em que ela parece apresentar consciência social, mas, ainda, carregar estereótipos e preconceitos de raça e classe. Por meio da narrativa, observa-se, desse modo, a criação de um laço afetivo com a filha da doméstica que trabalha na casa de Fran, Daiane, o qual se confunde aos interesses de classe da personagem — estes que são, há todo momento,

rememorados e resgatados por aqueles à sua volta, que reivindicam os seus lugares na hierarquia social diante da figura de Daiane.

Ao mesmo tempo que Fran Clemente se mostra disposta a enfrentar os amigos em defesa de sua nova colega, ela é subserviente ao discurso discriminatório promovido por aqueles que, iguais a ela, fazem parte da classe dominante. Aparenta-se explorar no enredo do quadrinho, portanto, a premissa do discurso “como se fosse da família”, aplicado à relação das trabalhadoras domésticas com seus patrões, já que o relacionamento entre Fran e Daiane carrega a mesma complexidade afetiva e social desta dinâmica.

Curiosamente, ao buscar-se abordar o passado da então influenciadora digital, em uma possível tentativa de mostrar a construção da personagem como um sujeito alheio às desigualdades sociais e de seus privilégios, explorou-se as nuances de Fran Clemente, fugindo um tanto, com isso, da visão maniqueísta até então explorada sobre as personagens pelos autores-artistas de *Confinada* (2020).

Recorte 6:





Figura 17: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 37: **Passado 2**. Instagram, 27 novembro, 2020. Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CIYkvi2pXLG/>>.

A tira “Passado 2” (2020) (Figura 17) se trata de uma sequência do recorte anterior, em que se busca trabalhar com outros fatos ocorridos no passado de Fran Clemente. Dessa vez, no entanto, é mostrada uma lembrança da infância da influenciadora digital, na qual ela comemora o Natal com seus familiares — algo que pode ser interpretado pela materialidade imagética presente nos três primeiros quadrinhos, onde é possível observar a figura de um homem vestido de Papai Noel, entregando presentes para as crianças, bem como de uma árvore de Natal.

O ano, segundo o que retrata a narrativa, é de 1992 e, a partir da construção das falas das personagens nos balões dos quadrinhos, nota-se alguém da família da garotinha contando uma história aos demais presentes, os quais estão reunidos em torno de uma mesa farta e bem decorada, a qual parece remeter à ceia de Natal: *Vocês têm que ouvir essa! Minha prima de São Paulo. Quatrocentona. Deu um jantar todo chique na casa dela. Prato principal: leitão assado. Minha prima disse pra menina que ia servir o leitão: “na hora, coloca a maçã na boca”. E ela não teve dúvida. Fez exatamente o que a patroa mandou!*

Assim, na imagem do quarto quadrinho, observa-se, pela relação entre a materialidade linguística e imagética, o retrato da cena narrada pelo familiar de Fran: a trabalhadora doméstica que serviria o leitão assado surge com a maçã em sua própria boca. Ao receber o comando “na hora, coloca a maçã na boca”, a funcionária entendera que era para ela mesma colocar a fruta e o fez, virando motivo de chacota entre aqueles que compartilham a história (*Ah não!!/ Juro por Deus! / Imagina a vergonha da minha prima!*).

Este cenário parece trazer à tona as situações de humilhação às quais as trabalhadoras domésticas são assujeitadas diariamente nas residências de famílias ricas no Brasil. Diante de relações de poder desiguais entre essas profissionais e os seus patrões, as quais disciplinam e controlam os corpos, bem como a *psique* dessas mulheres, elas acabam sendo subjugadas a humilhações e assédios — sejam eles físicos ou verbais.

Na história em quadrinhos, o enunciado aparenta ser elaborado de modo a representar negativamente essas circunstâncias, ao passo que as personagens brancas e ricas zombam de uma situação na qual a doméstica, ao que parece, acostumada a se submeter aos caprichos dos seus empregadores, julga natural a possibilidade de servir o jantar com uma maçã na boca. Para os espectadores da história, o acontecimento parece servir como um espetáculo, no qual a personagem da trabalhadora doméstica figura o “bobo da corte”⁷². Ainda que vê-la humilhada não fosse a intenção inicial de sua patroa (*Imagina a vergonha da minha prima!*), parece haver um contentamento daqueles que ouvem a história ao imaginar a funcionária nesta condição.

A expressão “quatrocentona”, utilizado na narrativa, é geralmente usada, informalmente, para se referir àqueles que descendem de uma linhagem familiar muito antiga e geralmente nobre. Desse modo, o termo parece denotar, ainda, o cenário quase aristocrata ao qual a doméstica foi submetida a trabalhar, reforçando o seu lugar social subalternizado e vulnerável a humilhações.

Com isso, pode-se observar que a personagem que conta o ocorrido para a família parece ter sido inserida na história pelos enunciadorees para reforçar a representação da classe dominante, expressando seus preconceitos de raça. Ao produzir a fala “*E nem precisa dizer que a anta era negra, né?*”, no quarto quadrinho, usa-se o adjetivo “anta” — termo utilizado para ofender pessoas sobre sua estupidez ou pouca inteligência — para se referir à profissional, relacionando-se essa “qualidade” à cor de sua pele, o que parece denotar a posição discriminatória de homens brancos e ricos sobre o nível de inteligência de pessoas negras.

Em seguida, a mesma personagem, porta-voz da história, continua a falar sobre a funcionária de sua prima, proferindo mais comentários racistas: *Essa mesma gênica já tomou banho de água sanitária! Quer dizer... Nem o negro quer ser negro! Raça infeliz!*. O trecho, aparenta, desse modo, relacionar o ato de usar água sanitária para branquear roupas com uma possível vontade do negro de se embranquecer (*Quer dizer... Nem o negro quer ser negro!*) — uma prática já utilizada por sujeitos que não aceitavam as condições sociais ligadas à sua raça e, por isso, desejavam mudar a cor da pele, acreditando, assim, que alcançariam mais privilégios e poder. Ainda, o uso irônico do termo “gênica” parece ser empregado na narrativa de modo a contrapor-se à imagem real que a classe dominante aparenta ter da doméstica — de que ela, na verdade, é ignorante e “burra”.

⁷² O bobo da corte era uma figura presente nas cortes reais e encarregada de divertir o rei e a rainha, fazendo-os rir com encenações, piadas e malabarismos. Para tanto, muitas vezes, submetia-se a humilhações.

Após todas as falas violentas e discriminatórias, os adultos presentes na cena riem — apesar de uma das mulheres reagir e problematizar superficialmente as colocações feitas (*Que horror!*). Enquanto isso, Fran, em sua versão criança, pergunta à mãe: *O Papai Noel traz presente pra quem é negro?*; no que um dos adultos responde: *Pelo o que eu conheço do Papai Noel aqui, negro não recebe nem bom dia!* — referindo-se ao outro homem, que falava até então e expunha sua visão racista sobre o comportamento da trabalhadora doméstica de sua prima.

Mais uma vez, portanto, observa-se como as personagens apresentadas como os familiares de Fran Clemente parecem ser criadas pelos autores-artistas de *Confinada* (2020), a partir de diversas características e falas estereotipadas, como forma de denunciar as atitudes da classe dominante, que não enxerga as desigualdades sociais existentes no país e age de forma violenta contra a população minoritarizada. Nesse caso, como o foco da narrativa é a relação dos empregadores com as trabalhadoras domésticas, acaba-se usando essas personagens para explorar o lado intolerante e hostil daqueles que detêm o poder social hegemônico — sujeitos, geralmente, homens, brancos e ricos.

Diante da cena que acabara de presenciar, a garotinha Fran vai até a cozinha e procura por uma das domésticas que trabalha em sua casa — a qual aparenta ter passado a noite de Natal preparando o jantar para a família dos patrões e depois fez a sua própria ceia, excluída em um cômodo pequeno, destinado aos serviços domésticos, na companhia de outra funcionária. Esse episódio parece aludir à memória discursiva das vivências de tantas trabalhadoras domésticas que deixam de comemorar feriados e festas importantes com seus próprios familiares para poderem trabalhar e servir seus empregadores.

Ao encontrar a doméstica, a pequena Fran, que carrega uma boneca consigo, diz à funcionária: *Madá, eu sei que o Papai Noel não dá presente pra vocês. E eu ganhei muita coisa. Então leva pra Daiane. Ela vai gostar.* Com isso, Madá recebe a garotinha com um abraço e responde: *Querida! A Daiane vai amar!*.

Com essa atitude da criança, nota-se, primeiramente, uma relação desta com a funcionária da família que parece remeter à memória discursiva do período colonial escravocrata e ao relacionamento entre amas-de-leite e os filhos do senhor. O modo como é representada a demonstração de carinho de Fran por Madá pode levar à interpretação — considerando as condições de produção deste discurso — de uma possível relação afetiva entre as duas, em que elas apresentam afeição uma pela outra — o que se pode notar pelo registro do abraço, bem como pelo uso do vocativo “*querida*” —, mas, ao mesmo tempo, precisam

reconhecer suas diferenças delimitadas pelas dinâmicas de poder que permeiam esse laço e estabelecem hierarquias entre as personagens.

Ainda que a pequena Fran considere Madá “como alguém que fosse da sua família”, expressando afeição e consideração pela doméstica — algo que acontecia entre as amas-de-leite e os filhos dos senhores, uma vez que estas “criadas” performavam um papel maternal para estas crianças —, as desigualdades de classe e de raça firmam um distanciamento e lugares sociais bem delimitados entre as duas, pois, com o passar do tempo, a criança vai introjetando os valores simbólicos que lhe são transmitidos pelas pessoas próximas.

Ademais, é possível observar, novamente, uma aparente preocupação dos criadores de *Confinada* (2020) em trabalhar com mais profundidade a personagem de Fran Clemente, de modo que são trazidas nuances de sua personalidade. Na infância, a futura influenciadora digital é representada como um sujeito inocente que, apesar de ser criada em um ambiente onde os adultos à sua volta não apresentam consciência social — e, ainda, usam dos seus privilégios de gênero, raça e classe para humilhar e hostilizar aqueles que prestam serviços à família e que são, geralmente, mulheres, negros e pobres —, consegue agir com benevolência e humildade.

Aparenta-se, portanto, registrar, por meio da narrativa da *webcomic*, uma ideia de que os sujeitos não nascem com preconceitos raciais ou de classe, mas, que são atravessados por estes discursos, os quais fazem parte de uma estrutura e um constructo social.

3.3.3. Eixo 3: Os Bolsominions

No ano de 2020, junto à pandemia de Covid-19, os brasileiros vivenciavam, na conjuntura social e política, um clima que se assemelhava àquele experimentado pela população durante as eleições de 2018 no país. Diante à crise sanitária e econômica mundial, no Brasil, dois polos partidários e ideológicos renovavam conflitos antigos, enquanto travavam novas batalhas, principalmente, sobre a gestão do período pandêmico.

Após a vitória de Jair Messias Bolsonaro em 2018, o cenário sociopolítico brasileiro se manteve dividido entre aqueles que apoiavam o político e os que haviam tentado o possível para que ele não assumisse o cargo de chefe de estado. Desse modo, quando os brasileiros foram confrontados pela pandemia do novo coronavírus, dois anos depois, já havia uma fratura quase irreparável que dividia o país em dois lados.

A postura irresponsável do então presidente neste momento levou a uma alta rejeição do seu governo, fazendo com que a polarização resultada das eleições se intensificasse ainda mais e os discursos sobre esse tema ocupassem a mídia tradicional e independente, como as

plataformas digitais. Notícias de diversas naturezas, envolvendo as falas despreocupadas, mentirosas e debochadas de Bolsonaro sobre a pandemia, por exemplo, eram divulgadas diariamente, alimentando a insatisfação da população.

Com isso, *panelaços*⁷³ — realizados das janelas e quintais das residências em horários dos principais jornais da TV aberta ou durante pronunciamentos do ex-presidente —, começaram a tomar conta do país, acompanhados de palavras de ordem, as quais protestavam “fora, Bolsonaro!”.

Os cidadãos indignados com a postura negligente do ex-chefe de Estado ao longo deste período buscaram protestar pelos seus direitos, contrariando-se às atitudes tomadas pelo governo federal, que ignorou a gravidade da situação, contribuindo para a disseminação do vírus e um alto número de mortes pela doença no país.

Em contrapartida, havia aqueles que buscavam demonstrar apoio aos posicionamentos de Bolsonaro diante da crise, reforçando as ideias negacionistas do ex-presidente; espalhando *fake news* e mensagens antivacina; fomentando o antipetismo da época; desencorajando a população a realizar as medidas de segurança contra a Covid-19, entre outras ações. Os chamados “Bolsominions”⁷⁴ eram reconhecidos, neste sentido, como sujeitos ignorantes à gravidade da pandemia, intolerantes para com as minorias sociais, bem como violentos em suas atitudes.

O isolamento social, neste contexto, tornou-se, então, objeto de divisões sociais e políticas, de modo que muitos dos eleitores de Jair Bolsonaro associavam a prática da quarentena e outras medidas emergenciais e de segurança — como o uso de máscaras e álcool em gel — ao comunismo e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Esse efeito, como apontado anteriormente, parece ter sido dado pela polarização política firmada desde as eleições de 2018.

O cenário, portanto, era, de um lado, um presidente e seus apoiadores negacionistas, com discurso anticiência e, do outro, aqueles favoráveis às orientações e protocolos mínimos de proteção frente à pandemia de Covid-19, os quais não necessariamente estavam ligados a um partido político, mas que possuíam um apelo por causas sociais e econômicas, bem como questões ideológicas, que não se relacionavam às condutas do até então chefe de Estado.

Levando em conta estas questões, o terceiro eixo temático analisado é intitulado de “Os Bolsominions”, em referência, primeiramente, à uma perspectiva negativa sobre a classe de

⁷³ Entende-se por “panelaço” um ato de manifestação popular e coletiva, em que se propõe um protesto por meio da execução de um grande ruído gerado por utensílios metálicos — geralmente, panelas.

⁷⁴ “Bolsominion” é um termo pejorativo utilizado por opositores do governo do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, para se referir aos seus apoiadores.

sujeitos que apoiava Bolsonaro, mas, também, à *webcomic* homônima criada por Triscila Oliveira e Leandro de Assis, posteriormente nomeada de *Os Santos* (2019), em que os autores-artistas da história em quadrinhos buscavam trabalhar com uma narrativa crítica sobre aqueles que expressavam apoio político ao ex-presidente do Brasil.

Em *Confinada* (2020), dado o contexto histórico e social de produção deste discurso, nota-se uma preocupação em abordar questões referentes ao cenário político da época. Desse modo, pretende-se interpretar os efeitos de sentido da *webcomic*, a partir da materialidade linguística e imagética presentes nos quadrinhos, com o objetivo de investigar e refletir sobre a polarização política e social na conjuntura pandêmica, o retrato dessa condição na ficção, bem como seu impacto na vida da população.

Recorte 7:



Figura 18: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). **N. 49: Deus nos livre.** Instagram, 22 janeiro, 2021. Fonte: < https://www.instagram.com/p/CKXGEXBJLQ/?img_index=1>.

Na tira “Deus nos livre” (2021) (Figura 18), o núcleo de personagens da *webcomic Os Santos* (2019), também criada por Triscila Oliveira e Leandro Assis, aparece em *Confinada* (2020), contribuindo para o enredo da ficção com problemáticas que não necessariamente envolvem questões sobre o trabalho doméstico, mas que exploram o comportamento social no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. São apresentadas, portanto, representações de sujeitos com papéis diferentes das protagonistas, Fran e Ju, os quais também compõem o corpo social e contribuem para a interpretação do crítico cenário que afligiu o país.

Como introdução para a trama que se apresenta nesta tirinha, em um primeiro momento, é mostrado um recorte em que Fran Clemente troca mensagens de celular com sua mãe, que atualiza a filha sobre o estado de saúde dos pais, que parecem ter sido contaminados pelo coronavírus — algo que pode ser interpretado pelo fato de a personagem estar usando máscara de proteção, bem como pela descrição dos sintomas e cuidados tomados: *Nós estamos bem, filha. Eu estou sem olfato. Seu pai um pouco cansado. Não desgruda do oxímetro. Rs. E qq coisa, o helicóptero tá a postos.*

Neste primeiro quadrinho, chama-se a atenção, primeiramente, para enquadramento dado às personagens que aparecem na ilustração: à frente, as patroas surgem acomodadas em seus sofás, enquanto, ao fundo, domésticas realizam tarefas de limpeza da casa. Essa disposição, associada à materialidade imagética, parece remeter à posição hierárquica na qual as trabalhadoras domésticas estão assujeitadas aos seus patrões, ocupando lugares sociais inferiores, associados às desigualdades de raça, classe e de gênero.

A frase “*E qq coisa, o helicóptero tá a postos*”, contribui para a encenação desta realidade social vivenciada pelas personagens, uma vez que aparenta enunciar o *status* da família de Fran; ou seja, eles possuem tanto dinheiro que, caso haja uma emergência médica, podem usufruir deste meio de transporte pouco popular. A representação desta situação parece remeter à condição de vida que a classe dominante dispõe por meio dos seus privilégios, mantidos às custas da exploração e precarização do trabalho de sujeitos, majoritariamente, à margem social — os quais não possuem luxos e são reféns de estruturas políticas públicas que, muitas vezes, não estão preocupadas com ou preparadas para oferecer qualidade de vida dessa parte da população.

Na troca de mensagens, a mãe de Fran aproveita para falar a respeito dos tios da influenciadora digital, demonstrando, assim, que ambos também foram infectados pela Covid-

19 (*A Liege e o Camilo é que não estão nada bem. Pelo menos a Manu paga plano de saúde deles... Se dependesse do picareta do Caíque...*). A partir da materialidade construída na sentença “*Pelo menos a Manu paga plano de saúde deles...*”, pode ser possível interpretar uma perspectiva crítica por parte dos enunciadores sobre o sistema de saúde público do Brasil, uma vez que a mãe de Fran se demonstra aliviada pelos familiares apresentarem plano particular de saúde — o que, neste ponto de vista, asseguraria cuidados médicos mais eficientes. Essa concepção, compartilhada textualmente nos quadrinhos, parece querer retratar a posição de privilégio das classes mais abastadas em relação à garantia de cuidados contra a contaminação pelo coronavírus, mas, de algum modo, também aparenta reforçar a posição tomada por grupos de direita no contexto da crise pandêmica, em que se julgava a eficiência do Sistema Unificado de Saúde (SUS), valorizando a privatização deste.

No segundo quadrinho, é retirado o foco da narrativa das duas personagens iniciais para apresentar o enredo principal da tira: o diálogo conflituoso entre Manu e o seu irmão, Caíque, ambos primos de Fran Clemente. Nele, é ilustrada a péssima reação de Manu diante da atitude do irmão, que decide tirar a máscara de proteção na rua, um lugar público e movimentado (*O que você tá fazendo, Caíque?/Respirando, Manu!*). Diante disso, a personagem repreende o irmão: *Coloca a máscara! Qual é o teu problema?! Nossos pais tão na UTI! O que mais precisa pra você acreditar que a pandemia é séria?!* Com isso, ele responde: *Ah! Vai começar! Nossos pais são velhos. Podiam ficar assim com uma gripe. Mas tão fazendo tratamento precoce.*

A partir desse comportamento, o personagem de Caíque parece representar a formação discursiva daqueles sujeitos que, durante a pandemia, negavam-se a acreditar na gravidade da situação e, assim, posicionavam-se contrários às medidas de proteção contra a Covid-19, fazendo mal uso dos recursos recomendados pelos órgãos de saúde para a prevenção e segurança da população, bem como questionando os efeitos positivo da vacina. Muitos deles, como o irmão de Manu aparenta performar, acatavam os discursos reproduzidos pelo até então presidente Jair Bolsonaro, como o de que se tratava apenas de uma “gripezinha” (*Podiam ficar assim com uma gripe*), bem como adotavam medidas aconselhadas pelo ex-chefe de Estado, como o uso de medicamentos sem comprovação científica de sua eficiência para prevenir o contágio pela doença (*Mas tão fazendo tratamento precoce*).

A resposta de Caíque fez com que Manu perdesse o controle da conversa e manifestasse toda sua revolta contra as atitudes do irmão: *AARRGH! Impossível ter uma conversa normal com você! Quando você começou a espalhar fake news, eu achei que você era só machista, homofóbico, racista. Mas era tanta mentira, que eu vi que você na verdade é um canalha! E*

agora você tá nessa do negacionismo. Espalhando as maiores loucuras sobre a vacina! Negando a ciência! E aí eu entendi... Você não é só intolerante e canalha! Você é burro! Muito burro!.

Neste momento da tirinha, mais especificamente nos quadrinhos cinco e seis, é apresentada pela materialidade imagética uma série de exemplos de *fake news* circuladas nas mídias digitais, as quais eram sustentadas por Bolsonaro e seus apoiadores. Em um dos quadros, por exemplo, a figura em desenho do ex-presidente chega a aparecer. Assim, observa-se, uma possível tentativa de se transmitir uma perspectiva negativa sobre o governo de Jair Bolsonaro, fosse de seu mandato antes ou durante a pandemia de Covid-19.

A fala encarregada à personagem de Manu, que parecia ter mais clareza a respeito da real situação vivenciada por todos no país e no mundo, explora muitas dimensões deste contexto relacionado à gestão do ex-governante do Brasil, trazendo, principalmente, discursos fomentados por aqueles que se opunham ao Bolsonaro. Ela aborda, por exemplo, questões de intolerância identitária (*Quando você começou a espalhar fake news, eu achei que você era só machista, homofóbico, racista*), como também, voltadas ao negacionismo e ao anticientificismo (*E agora você tá nessa do negacionismo. Espalhando as maiores loucuras sobre a vacina! Negando a ciência!*).

A partir da reação explosiva da irmã, Caíque exclama — enquanto reproduz com as mãos um gesto de arma de fogo, diversas vezes utilizado por Bolsonaro em campanhas e pronunciamentos públicos — palavras de deboche: *Eu sei qual é o teu problema, Manu! Mas é bom já ir se acostumando! É capitão até 2026! HAHAHA*. Nesta fala, nota-se um discurso muito propagado pelos eleitores do ex-presidente, os quais, torcendo pela reeleição do chefe de Estado, usavam o trocadilho “melhor *já ir se acostumando*”, em referência ao nome de Jair Bolsonaro. Por fim, no último quadrinho da tira, Manu surge no carro, com a mão no rosto, aparentando agir em sinal de inconformidade com tudo o que acabara de ouvir.

Com isso, compreende-se que o enredo trabalhado na tira “Deus nos livre” (2021) (Figura 18) parece buscar transmitir uma mensagem crítica e informativa, mas, ao mesmo tempo, panfletária, sobre o governo de Jair Bolsonaro, traçando uma representação sobre aqueles que seriam “os Bolsominions” — por meio do personagem de Caíque — e a oposição — inscrita na personagem de Manu.

Os discursos empregados nas falas das personagens, bem como suas características gestuais e de personalidade, aparentam se manifestar a partir de certos estereótipos, reforçando imaginários sobre os sujeitos envolvidos na conjuntura política da época no Brasil. Neste

sentido, é possível notar um recorte do que fora a polarização neste período, em que, de um lado, estavam os apoiadores de Bolsonaro — negacionistas quanto à dimensão da pandemia e aos cuidados necessários para a sua contenção — e, do outro, os opositores do governo, geralmente pessoas atentas às medidas de proteção, defensoras das vacinas e da proteção à vida da população.

Os sujeitos enunciadore de este discurso; ou seja, a escritora Triscila Oliveira e o cartunista Leandro Assis, fazem emergir de seus enunciados, por meio da materialidade linguística e imagética presentes em *Confinada* (2020), os seus posicionamentos político-ideológicos. Assim, entende-se que não são apenas retratados na narrativa cenários comuns da época em que a *webcomic* foi produzida — colocando em debate a influência da postura e má gestão do governo federal na vida da população —, mas, também, explorados os pontos de vista individuais dos criadores, os quais são influenciados por suas formações discursivas, sociais e ideológicas.

Recorte 8:





Figura 19: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 67: **Louca obsessão**. Instagram, 19 março, 2021. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMnZ7cDJnDH/?img_index=1>.

Em “Louca obsessão” (2021) (Figura 19), mais uma vez, as personagens de *Os Santos* (2019) aparecem na narrativa de *Confinada* (2020), levando os conflitos familiares da primeira história em quadrinhos para o contexto da pandemia de Covid-19, em que vivem Fran Clemente e Ju. Assim, no primeiro quadrinho da tira, a personagem Manu surge ao celular, em uma conversa com sua prima Fran, em que agradece a ajuda da influenciadora e a atualiza sobre a nova situação da família: *Fran, quero te agradecer por ter ajudado meus pais com o aluguel. Mas não precisa mais, viu?/ Tem certeza, Manu?/ Nós vamos entregar o apê deles. Mamãe saiu do hospital, mas tá precisando de cuidados. E sem o papai, né? Ela pode ficar aqui.*

Nos três primeiros quadrinhos da tira, a materialidade imagética apresentada chama a atenção por sua conotação política: enquanto Manu é ilustrada na sala de sua casa, falando ao telefone, ao fundo, é possível observar dois quadros na parede com as figuras de Dilma Rousseff e Luís Inácio Lula da Silva; este último, acompanhado da frase “Lula livre” — um discurso levantado por movimentos civis, os quais argumentavam pela inocência do atual presidente, condenado à prisão em 2017. Nota-se, neste sentido, uma aparente preocupação em associar à personagem de Manu a figura de políticos do espectro de esquerda — grupos geralmente preocupados com questões sociais e identitárias —, criando-se, assim, diante da postura bondosa e humilde da ruiva — que acolhe a mãe doente em casa e não fica com o dinheiro da prima —, uma imagem positiva sobre àqueles que se autodeclararam eleitores de políticos de esquerda no país.

Por outro lado, quando é mostrada a decoração da casa de Fran Clemente, no segundo quadrinho, observam-se dois quadros com frases em inglês, em que uma delas diz: “fuck what they think” [foda-se o que eles pensam]. Os dizeres registrados nos objetos, desse modo, associados à figura da influenciadora digital, parecem remeter à personalidade atribuída à personagem, bem como ao seu posicionamento político, o qual é quase inexistente ou

desvinculado de causas sociais relevantes, demonstrando, assim como os dizeres apontados na decoração, uma postura altamente individualista.

Na sequência da conversa entre as primas, Fran questiona onde o primo, Caíque, iria morar, já que a tia se mudaria para a casa de Manu (*Mas e o Caíque?*); no que a personagem responde, relatando, com desprezo, mais uma péssima atitude do irmão: *O Caíque que se dane, Fran! Ainda mais depois do que ele fez ontem! Ih! Quê que o Caíque aprontou dessa vez??/ Não tá sabendo?! Tem até vídeo rolando por aí. Caíque foi lá na Renata, tentar ver os filhos. Mas a Renata tem uma medida protetiva contra ele. Pelo menos ninguém se feriu. Mas depois dessa, desisto do Caíque. E acho que você também não deve se envolver. Ele não quer mudar. Então ele que se vira!*

Os quadrinhos seguintes apresentam uma organização narrativa que combina o texto verbal ao não-verbal, expondo-se momentos diferentes da história. Nas ilustrações e em alguns balões de fala, é possível observar o retrato do episódio vivido por Caíque e narrado por Manu à prima anteriormente. Trata-se de um vídeo que circulava pelas redes sociais (*Tem até vídeo rolando por aí*), em que um o homem (Caíque), tenta visitar os filhos e a ex-esposa, que tinha uma medida protetiva contra ele, fazendo de refém, com o uso de uma arma de fogo, uma mulher negra — que parece ser ilustrada como uma babá ou trabalhadora doméstica, dada suas vestes todas brancas, as quais rememoram os trajes comumente utilizados por essas profissionais. Na cena, há diversos policiais cercando Caíque e a pessoa que faz o vídeo comenta: *Ah lá o fuzuê! Vieira Souto, irmão! Tem um playboy full pistola! Aí deu ruim pra tia ali. Acho que é babá de algum rico. Tão pra mais de meia hora aí! Ó! Se o doido fosse preto e a refém branca, a polícia já tinha tombado o maluco!*

Ao ser atribuída à personagem de Caíque — um homem branco, rico e com posições políticas ligadas à extrema direita — esta conduta, que o coloca como um sujeito com princípios morais duvidosos, inclusive fazendo a funcionária de escudo humano, pode-se interpretar uma possível validação dos criadores da *webcomic* sobre o argumento de que pessoas como o irmão de Manu podem ser extremamente violentas e impiedosas — o que o leva a ser ilustrado como um grande vilão. A cena registrada na narrativa traz à tona, ainda, uma memória discursiva sobre as vivências de indivíduos que, assim como a moça feita de refém, são inferiorizados e tratados como objetos descartáveis, cujas vidas não valeriam nada.

Assim, percebe-se uma preocupação em representar na narrativa um enunciado que explore as violências as quais a classe trabalhadora é assujeitada a enfrentar, bem como expor os privilégios de gênero, raça e classe dos quais os homens brancos e ricos da zona Sul do Rio

de Janeiro (*Vieira Souto, irmão!*) se beneficiam. No trecho “*Ó! Se o doido fosse preto e a refém branca, a polícia já tinha tombado o maluco!*”, uma personagem representando a população que assiste o evento chama a atenção para uma reflexão crítica sobre pautas sociais, rememorando as situações nas quais homens negros foram mortos, às vezes “por engano”, pela polícia no Brasil e no mundo. Tem-se conhecimento, por exemplo, dos assassinatos que ocorreram no supermercado Carrefour, como também, o de George Floyd, que impulsionou as manifestações “Black Lives Matter”⁷⁵ nos Estados Unidos.

No fim da tirinha, Manu e Fran encerram a conversa e é mostrada uma cena da mãe de Manu de repouso em uma cama, vendo televisão (*Tá certa, Manu. Se cuida. E cuida da tia/ Obrigada, Fran. E pode deixar. Tô cuidando bem dela*). A mulher, irritada, pede que a filha desligue a TV (*Manu! Por favor! Desliga a TV! Não aguento mais ver esse sujeito!*), onde está sendo transmitido um pronunciamento de Lula. A partir do pedido da mãe, Manu responde: *Desligo não! Eu aguentei vocês falando do “capitão”! Aguentei vocês votando no “capitão”! E olha a m*rda que vocês fizeram! Agora aguenta! Quem sabe você aprende alguma coisa, mamãe!*

Com isso, identifica-se, pela materialidade linguística, em que é usada a expressão “capitão”, que Manu se referia a Bolsonaro. O termo é utilizado por apoiadores para se referirem ao político, ex-capitão militar. A prima de Fran Clemente, que possui ideologias políticas e sociais diferentes de sua família, aproveita, assim, o ambiente seguro de sua casa, bem como o descontentamento da mãe com a presença televisiva de Lula, para se expressar.

Com alguma ironia diante da situação em que a mãe depende de seus cuidados (*E pode deixar. Tô cuidando bem dela*), depois de ter aturado todos os desconfortos por ter uma família de “Bolsominions” (*Eu aguentei vocês falando do “capitão”! Aguentei vocês votando no “capitão”!*), ela confronta sua progenitora, obrigando-a a ficar imersa em seu mundo e lidar com a consequência de suas ações (*E olha a m*rda que vocês fizeram! Agora aguenta! Quem sabe você aprende alguma coisa, mamãe!*). Pode-se interpretar mais uma vez, portanto, uma associação de Manu ao posicionamento político de esquerda, principalmente, como grande apoiadora do Partido dos Trabalhadores (PT) e anti-bolsonarista.

Essa imagem sobre a personagem é reforçada pelo uso de mais elementos de decoração sutis, mas estereotipados, na cena, como os cartazes dos filmes “Que Horas Ela Volta” (2015) e “O Som ao Redor” (2012) — ligados a movimentos sociais de esquerda por suas temáticas

⁷⁵ O Black Lives Matter é um movimento social e ativista de nível internacional, originado na comunidade afro-americana dos Estados Unidos. A partir dele são elaboradas campanhas contra violências e discriminações sofridas pela população negra.

—, bem como pela estética do copo que a personagem segura no penúltimo quadrinho: um objeto desenhado com estrelas vermelhas, as quais remetem ao símbolo do PT.

No último quadrinho, o desenho de Lula, claro e límpido, aparece na *webcomic*, acompanhada de uma mensagem: *Não siga nenhuma decisão imbecil do presidente da República e do ministro da Saúde. Tome vacina!*. A aparição, junto às falas, do atual presidente parecem, assim, enfatizar a posição política dos criadores de *Confinada* (2020) em defesa do governo Lula e da vacina (*Tome vacina!*), uma vez que são expostas críticas ao ex-chefe de Estado, Jair Bolsonaro, bem como ao ministro da Saúde, os quais atrasaram a campanha de vacinação contra a Covid-19, gerindo pessimamente a crise sanitária no país — efeitos de sentido que são trazidos à tona pelo uso da expressão “*decisão imbecil*”.

“Louca obsessão” (2021) (Figura 19), desse modo, configura-se como uma tirinha bastante panfletária, em que os autores-artistas da história em quadrinho articulam suas ideologias políticas particulares, demonstrando apoio significativo a Luís Inácio Lula da Silva, quem, na época, buscava dialogar com a população brasileira sobre a pandemia, alertando sobre a gravidade da situação — algo que o presidente da época, não fazia. O teor do conteúdo enunciado, portanto, aparenta revelar um suporte positivo, enfático e influente à futura campanha eleitoral do candidato PT, que aconteceria em um ano.

Recorte 9:





Figura 20: ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). N. 69: **Mutaçao**. Instagram, 25 março, 2021. Fonte: < https://www.instagram.com/p/CM47ddIp2LW/?img_index=1>.

“Mutaçao” (2021) (Figura 20) é a 69ª tirinha de *Confinada* (2020) publicada no *Instagram*, dando início ao desfecho das personagens da história em quadrinhos. Nela, Feioso, (ex) namorado de Fran Clemente, regressa ao Brasil depois de passar quase um ano na Itália, preso pela pandemia do novo coronavírus.

Saindo do aeroporto, o personagem entra em um táxi e logo pergunta ao motorista “Posso tirar a máscara, amigo?” e este responde “Claro, doutor! No meu táxi ninguém tem que usar focinheira!”. A afirmação feita pela condutor, principalmente pelo uso do termo “focinheira” — um acessório de adestramento e controle de cães —, evoca uma memória particular sobre o período pandêmico, em que muitas pessoas se negaram a usar as máscaras de proteção, alegando que essa medida de proteção era irrelevante, deixando-as sufocadas e presas.

Na continuação, mais uma fala do motorista chama a atenção. Ao ser buscada uma justificativa para o posicionamento do trabalhador diante do pedido de seu passageiro, é enunciada uma explicação que circulou de forma ampla no contexto da pandemia: a polêmica “imunização de rebanho”, obtida por um grupo de pessoas que já haviam tido a doença e não por aqueles que fizeram uso da vacinação (*Eu já tive Covid, doutor! Não vou mais pegar nem passar pra ninguém!*). Apesar de ter sido comprovado cientificamente que a imunidade coletiva era eficaz apenas em casos em que a população estivesse vacinada, naquele período, ainda se acreditava que, caso houvesse a contaminação pelo coronavírus uma vez, não seria possível adoecer de novo. Esse discurso, característico de uma *fake news*, foi amplamente difundido em redes sociais por grupos políticos de extrema direita, como o do ex-presidente Jair Bolsonaro, como forma de justificar a desnecessidade de campanhas de vacinação urgentes, bem como a negligência com o uso das máscaras (*E obrigam a gente a usar máscara?! Palhaçada!*).

A partir disso, o motorista do táxi continua: *Eles querem o povo com medo, trancado em casa! Sabe por quê? Pra quebrar a economia! E depois colocar a culpa no capitão! Doutor, viu a última que inventaram? Diz que agora tem as variante. As mutações! Que mata mais. Transmite mais. Olha o nível da fake news, doutor! Pô! Eu dirijo táxi! No aeroporto! Pego nego de Manaus, nego gringo! Já era pra eu ter visto a tal variante por aí, né não, doutor? Eu sou prova viva que é tudo mentira! Pra ferrar o capitão Mas vão se dar mal! Vai ter mito até 2026!*

Com este extenso discurso, enunciado pela personagem em questão, é possível identificar diversos acontecimentos situados na conjuntura pandêmica no Brasil. Aparenta-se, primeiramente, haver a construção de uma narrativa que informe os leitores de *Confinada* (2020), sobre a propagação de pensamentos negacionistas e anticientificistas. Assim, parece ser construída uma imagem negativa sobre o taxista, como eleitor de Bolsonaro (*Mas vão se dar mal! Vai ter mito até 2026!*), explorando-se os discursos do ex-presidente e de seus apoiadores, como por exemplo, de que o isolamento social apenas serviria para prejudicar a economia (*Eles querem o povo com medo, trancado em casa! Sabe por quê? Pra quebrar a economia!*), bem como de que os estudos científicos sobre as novas variantes não passavam de exagero ou mentiras (*Doutor, viu a última que inventaram? Diz que agora tem as variante. As mutações! Que mata mais. Transmite mais. Olha o nível da fake news, doutor!*).

O enredo, neste momento, apresenta uma organização narrativa que combina, antagonicamente, o texto verbal ao não-verbal, provocando-se, assim, um sentido irônico à história. Ao passo que o motorista conversa com Feioso, defendendo o desuso das máscaras de proteção, bem como emitindo opiniões negacionistas sobre as mutações mais transmissíveis do coronavírus, é possível observar ilustrações das partículas do vírus saindo da boca do condutor, disseminando-se pelo carro. Essa representação parece, portanto, buscar desmentir as falas do taxista, servindo como meio informativo aos leitores da *webcomic*.

Nos últimos três quadrinhos, o foco passa a ser Feioso e a sua tentativa de reatar o relacionamento com Fran Clemente. No telefone com a influenciadora digital, o homem anuncia a sua chegada ao Brasil (*Fran! Advinha quem tá chegando*), no entanto, é surpreendido pelo desinteresse da até então namorada, que já tinha um novo caso amoroso (*Nem vem, Feioso. Eu disse que se você demorasse nem precisava voltar. Você demorou. E a fila andou*). Nisso, Feioso — ilustrado de maneira a demonstrar sua alteração, bem como sua nova contaminação pela Covid-19, dadas as partículas presentes no ar — xinga Fran, tentando justificar a sua

ausência ao longo desse ano (*Tomar no c*, Fran! Eu tava preso e...*); mas, a influenciadora desliga, deixando o ex-namorado falando sozinho.

Ao final de “Mutação” (2021) (Figura 20), a protagonista de *Confinada* (2020) aparece no colo de outro homem, que pergunta “*Quem era?*”, ao que ela responde “*Ninguém*”. Nesse sentido, é possível interpretar um julgamento por parte dos enunciadores sobre a conduta de Fran, que trocara de companheiro, sem muita empatia pelo outro, demonstrando a qualidade de suas relações: superficiais e voláteis. Parece ser destinada à personagem, ilustrada em trajes íntimos no colo do novo amante, portanto, uma representação generalizada de que a classe dominante não possui valor ético, sendo depravada e promíscua.

Observando-se, ainda, os dois personagens de perto no último quadrinho, notam-se partículas do coronavírus saindo pela boca do novo *affair* de Fran, o que parece reforçar o egoísmo e a falta de consciência da classe dominante — representada na figura do homem branco e rico — diante dos riscos da pandemia, já que a personagem contaminada, ainda saiu para ver a namorada, infectando a ela e a outras pessoas com quem cruzasse.

Nesta tirinha, portanto, os leitores de *Confinada* (2020) são confrontados com conteúdos diversos, sejam eles informativos ou problematizadores. Por meio do diálogo entre um prestador de serviço (o taxista) e um sujeito pertencente a um grupo social hegemônico (o Feioso), foram exploradas pautas relacionadas à polarização política, em que se desenhou o motorista como um típico “Bolsominion” — uma vez que ele acredita e espalha desinformações e *fake news* sobre a onda da Covid-19, bem como defende o “capitão” ou “mito”, Jair Bolsonaro —, demonstrando que existe um recorte de classe que reproduz o discurso negacionista na pandemia. Ainda, são debatidas questões que levam informação sobre os modos de transmissão do coronavírus e os meios de evitá-lo — usando máscara e cumprindo o isolamento social —, além de uma discussão problematizadora sobre os valores éticos de cidadãos como Feioso, Fran, seu namorado e o taxista.

Assim como nos outros recortes deste eixo temático, os criadores da *webcomic* deixam escapar efeitos de sentido que parecem evidenciar os seus posicionamentos políticos, o que torna o discurso político da história em quadrinhos panfletário e militante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos de 2020 e 2021, toda a sociedade se viu impactada de diferentes maneiras pela grave crise sanitária e econômica que atingiu o mundo. Com a pandemia do novo coronavírus, responsável pela infecção por Covid-19, hábitos de higiene foram mudados e milhares de

pessoas precisaram se isolar em suas residências para se protegerem do risco de contaminação — o que afetou culturas e costumes cotidianos; os cuidados com a saúde; as relações interpessoais; os momentos de lazer e o trabalho de toda a população.

Alguns países, como o Brasil, precisaram, ainda, enfrentar o agravamento de seus problemas estruturais, os quais intensificaram a desigualdade social, atingindo, mais violentamente, grupos sociais mais vulnerabilizados — como foi o caso das trabalhadoras domésticas.

Exposta a diversas inseguranças no ambiente de trabalho ao longo da pandemia, essa classe sofreu com a ampliação de sua desproteção social, que já era fragilizada. O tipo de serviço realizado no trabalho doméstico remunerado impedia o cumprimento do distanciamento social e a elevada informalidade, bem como a baixa regulamentação da profissão, dificultavam o acesso a direitos trabalhistas — os quais poderiam contribuir em caso de demissão ou afastamento por doença. Assim, as experiências vivenciadas pelas trabalhadoras domésticas durante a crise pandêmica foram permeadas por inúmeras dificuldades, as quais dialogam, principalmente, com discriminações raciais, de gênero e classe, rememorando diversas circunstâncias do período colonial escravocrata.

Neste sentido, como visto por meio da análise discursiva dos nove recortes extraídos da história em quadrinhos — classificados nos eixos temáticos “vidas infames”; “como se fosse da família” e “Os Bolsominions” — , a *webcomic Confinada* (2020), veiculada no *Instagram*, parece funcionar como um instrumento ativista em potencial, já que é construída uma narrativa que busca problematizar, por meio da representação ficcional da relação entre patrões e trabalhadoras domésticas, a realidade vivida por estas na pandemia de Covid-19 no Brasil, mas, também, em um contexto social mais amplo.

Ao serem abordadas questões sobre as discriminações sofridas por grupos minoritarizados; a desigualdade social no país; a possível afetividade entre as domésticas e os seus empregadores; a polarização política vivenciada no período pandêmico, bem como outras pautas de ordem político-social que dizem respeito a essa conjuntura, impulsionam-se questionamentos e diálogos, ao passo que são denunciados os privilégios da classe dominante, a brutalidade das instituições de poder — as quais ainda funcionam sob uma lógica colonial — além da gestão negligente da pandemia pelo governo federal de Jair Bolsonaro.

Ainda, se levado em conta o formato em que foi produzido esse produto midiático — pensado, primeiramente, para a veiculação em ambiente digital —, percebe-se a contribuição positiva desse meio para a expansão e a visibilização dos discursos produzidos sobre a condição

do trabalhado doméstico no Brasil, especialmente no período pandêmico, entre outros aspectos sociais, políticos e culturais do país. Com a possibilidade de acesso a esse conteúdo amplificada pelo *Instagram*, que com seus dispositivos, sistemas e interfaces específicos permitiu que conexões e oportunidades para o engajamento fossem estabelecidas, o público leitor da *webcomic* pôde, assim, estar mais próximo de discursos sociopolíticos, os quais impulsionaram o ativismo digital, ajudando esses sujeitos a ressignificarem seus valores, contribuindo para uma mudança de paradigma em que realidades sociais diversas sejam levadas em consideração.

Pelo estudo etnográfico no ambiente digital, em que foi possível analisar seis amostras de comentários realizados nas publicações de *Confinada* (2020) no *Instagram*, pôde-se compreender melhor o modo como os sujeitos têm se apropriado das redes sociais para se posicionarem politicamente. Ao ocuparem esse ciberespaço, novos contextos para o debate de questões sociais, políticas e culturais foram promovidos, constituindo-se esferas sociais, comunidades e novos espaços de sociabilização.

Confinada (2020), neste sentido, como uma história em quadrinhos feita para o meio digital, surge como uma forma alternativa de ativar processos de reflexão crítica, podendo produzir efeitos reais e sensíveis que contestam, de alguma maneira, as estruturas de poder, bem como a lógica colonial. Os artifícios de comunicação das *webcomics* contam com recursos linguísticos privilegiados para a propagação de mensagens críticas — como a ironia —, facilitando-se, assim, a abordagem de questões sobre a organização social na contemporaneidade, as quais envolvem pautas identitárias diversas, intrinsecamente ligadas a fatores raciais, de gênero, de classe e de resistência social.

Considera-se importante, no entanto, enfatizar que a perspectiva representada no enredo da história em quadrinhos perpassa os pontos de vista político-ideológicos particulares dos criadores de *Confinada* (2020), Triscila Oliveira e Leandro Assis. A narrativa aborda temáticas que são delimitadas pelo contexto histórico-social dos artistas-autores, o qual é delimitado pelos lugares sociais que estes sujeitos ocupam no discurso, indiciando as relações de poder que se estabelecem na sociedade e nas quais eles estão inseridos.

Neste sentido, é notória a abordagem panfletária utilizada na *webcomic*, em que, para a denúncia das desigualdades e discriminações que favorecem a desvalorização e a estigmatização do trabalho doméstico no Brasil, foi explorado o momento de polarização política da época, de modo que é deixado evidente o posicionamento político e partidário da dupla criadora. Assumindo uma postura anti-bolsonarista e pró-governo Lula, é bastante problematizada, por exemplo, a conduta irresponsável e negligente do ex-presidente Jair

Bolsonaro frente à pandemia de Covid-19. Com isso, é possível observar o caráter informativo do conteúdo da história em quadrinhos, que parece ter sido utilizada, também, como forma de esclarecer a população brasileira sobre os cuidados para evitar a contaminação pelo coronavírus — algo que não era feito pelo governo federal —, como também para alertar sobre a disseminação de *fake news*.

Desse modo, por meio da criação e da divulgação de narrativas como *Confinada* (2020), em ambiente digital como o *Instagram*, a sociedade pode passar a (re)conhecer, compartilhar e se solidarizar com as histórias e as memórias de sujeitos silenciados e excluídos não somente da história geral do Brasil, mas, também, daquele tida como cotidiana, restrita à vida privada e local. Acredita-se que, a partir desse enredo, em que é dado algum protagonismo às vivências das trabalhadoras domésticas, o poder dominante, que mantém a desigualdade e favorece a classe hegemônica, esteja sendo questionado e contestado.

A escrita desta pesquisa possibilitou, portanto, a (re)conexão com diversas vivências — muitas das quais perpassaram memórias pessoais e histórias de vida das mulheres da minha família. Como um ato de rememoração e preservação, compreendeu-se a realização deste trabalho também como um movimento contra o esquecimento iminente de narrativas particulares, experienciadas por sujeitos marginalizados.

Quem sabe, por intermédio de produções artístico-culturais e políticas como esta, trabalhadoras domésticas possam ser vistas pela sociedade com mais respeito, atenção e consideração. Espera-se, assim, que os diálogos propostos contribuam para a construção de um lugar social mais bem valorizado, em que direitos trabalhistas sejam conquistados, levando as domésticas a serem, de fato, reconhecidas como parte fundamental da classe trabalhadora e do processo de formação sociocultural do Brasil. Deseja-se, com isso, que mulheres, negros, moradores da periferia e pessoas pobres tenham suas culturas e identidades reconhecidas e respeitadas por uma sociedade mais empática e plural.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time. *Estudos Avançados*, 2020. p.111-126.

ADAILTON, F. Faxineira cai de prédio e polícia investiga suspeita de cárcere privado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 ago. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/08/faxineira-cai-de-predio-e-policia-investiga-suspeita-de-carcere-privado-na-ba.shtml>>. Acesso em: 07 set. 2021.

AGAMBEN, G. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua 1*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGÊNCIA SENADO. *Senadores contestam arquivamento de investigações indicadas pela CPI da Pandemia*. Senado Notícias. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/26/senadores-contestam-arquivamento-de-investigacoes-indicadas-pela-cpi-da-pandemia#:~:text=No%20relat%C3%B3rio%20final%2C%20a%20CPI,responsabilidade%3B%20e%20crimes%20contra%20a>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Edit. Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

ALMEIDA, S. R. G. O legado da rememoração. *ALEA*. Rio de Janeiro, vol. 15/1, p. 58-79, jan-jun 2013.

ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. 264 p. (Feminismos Plurais).

ANATEL. Acessos. Anatel, 2020. Brasília, 2020. Acesso em: 24 de out, 2023.

ANDRADE, E. R. de. *Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa*. 2008. Tese (Doutorado em doutorado em Linguística Aplicada) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

APPIAH, K. A. A identidade como problema. In: SALLUM JR., B.; SCHWARCZ, L. M.; VIDAL, D.; CATANI, A. (orgs.). *Identidades*. SP: Edusp, 2016.

ARAÚJO, H. V. de. *Quadrinhos como artifício de comunicação na plataforma digital do Instagram*. Monografia (Curso de Tecnologia em Design Gráfico). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2022.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. *Confinada*. Rio de Janeiro, 2020. Instagram: @leandro_assis_ilustra. Disponível em: https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra/?hl=pt-br. Acesso em 08 de mai. 2023.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 22: A festa (Parte 1)*. Instagram, 27 agosto, 2020. Fonte: https://www.instagram.com/p/CBD0wq_JW0i/?hl=pt>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 13: Amigas*. Instagram, 29 junho, 2020. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCHvCzeJYy6/?img_index=1>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. *Confinada*. Rio de Janeiro, 2020. Instagram: (@leandro_assis_ilustra). *N. 10: Amor à Vida*. Instagram, 25 abril, 2020. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CBD0wq_JW0i/?hl=pt>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 14: Costelinha*. Instagram, 01 julho, 2020. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCHvCzeJYy6/?img_index=1>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 49: Deus nos livre*. Instagram, 22 janeiro, 2021. Fonte: < https://www.instagram.com/p/CKXGEXBJLQ/?img_index=1>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 36: Passado 1*. Instagram, 27 novembro, 2020. Fonte: < <https://www.instagram.com/p/CIGsXVCpTKq/>>. B

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 37: Passado 2*. Instagram, 27 novembro, 2020. Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CIYkvI2pXLG/>>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 67: Louca obsessão*. Instagram, 19 março, 2021. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMnZ7cDJnDH/?img_index=1>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. (@leandro_assis_ilustra). *N. 69: Mutação*. Instagram, 25 março, 2021. Fonte: < https://www.instagram.com/p/CM47ddIp2LW/?img_index=1>.

ASSIS, L.; OLIVEIRA, T. *Os Santos*. Instagram, 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra/>. Acesso em: 29 de out, 2023.

BBC NEWS BRASIL. *A difícil realidade das domésticas em meio à crise da Covid-19*. YouTube (BBC News Brasil). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FMI00bwqWMc>>. Acesso em: 07 de out, 2023.

BEIGUELMAN, G. *Coronário*. Instituto Moreira Salles, 2020. Disponível em: <<https://coronario.ims.com.br/>>. Acesso em: 25 de out, 2023.

BENTO, B. Necrobiopoder: quem pode habitar o estado-nação?. *Cadernos Pagu*, 2018.

BENTO, C. *O pacto da branquitude*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BEZAQUEN, J. F.; MARTINS, P. H. Uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais. *Caderno de Ciências Sociais da UFRPE*, Recife, vol. II, n. 11, ago/dez, 2017.

BIBLIOTECA VIRTUAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Escravidão no Brasil*. s/ d. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/pdf/temasdiversosescravidaonobrasil.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2023. p. 3.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

BRASIL. *Painel Coronavírus*. Coronavírus Brasil. Disponível em: <covid.saude.gov.br>. Acesso em> 05 de out, 2023.

BRASIL. SENADO FEDERAL. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (Instituída pelos Requerimentos nos 1.371 e 1.372, de 2021). *Relatório Final*. Brasília, 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/10/relatorio-final-renan-calheiros-cpi.pdf>. Acesso em: 05 de out, 2023.

BOSCO, N. Estudo mostra como polarização afeta comportamento em meio à pandemia. *Correio Braziliense*, 2020. Disponível em: <

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4881941-estudo-mostra-como-polarizacao-afeta-comportamento-em-meio-a-pandemia.html>>. Acesso em: 29 de out, 2023.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. *Undoing gender*. Oxfordshire: Routledge, 2004.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. SP: Contexto, 2016, p. 21-57.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CORACINI, M. J. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobrevivência. *Cadernos de Estudos Culturais*. Campo Grande, MS, v. 2, set. 2010, p. 125-136.

CARTA-MANIFESTO pela vida de nossas mães. *Change.org*, 2020. Disponível em: <https://www.change.org/p/ao-poder-p%C3%BAblico-empregadores-e-empregadoras-dom%C3%A9sticas-e-diaristas-e-toda-sociedade-civil-quarentena-remunerada-imediata-pra-domesticas-e-diaristas?recruiter=1056504459&utm_source=share_petition&utm_>. Acesso em: 17 de out, 2023.

CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Pesquisa TIC Domicílios 2019. Cetic, 2019. Disponível em: . Acesso em: 24 de out, 2023.

COURTINE, J-J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

CRENSHAW, K. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. Tradução de Carol Correia. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margensinterseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contramulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CUPONATION. *Mídias sociais 2020* - número de usuários de redes sociais pelo mundo. Disponível em: <<https://www.cuponation.com.br/insights/redes-sociais-2020>>. Acesso em: 24 de out, 2023.

DEIAB, R. de A. *A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 296. 2006.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: *L'Autre Journal*, nº 1, 1990a.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990b, pp. 155-161.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEESE. O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas. *Estudos e pesquisas*. 2023.

EISNER, W. *Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos*. São Paulo: Devir, 2008.

FERNANDES, C.A. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Campinas: Editora Pontes, 2021.

FERREIRA, L. H. S. Trabalhadoras invisíveis? Uma análise sobre as empregadas domésticas em tempos de pandemia. *Latitude*, v.13, n.2, p. 185-205, ago./dez. 2019.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 203-222, 2003.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 234-407.

FOUCAULT, M. *Tecnologias de si*. Verve, n. 6, 1982/2011.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus, que já soma mais de quatro mil mortes em 2021*. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia*. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Covid-19 aumentou a pobreza, a fome e as desigualdades. 'Catástrofe geracional', afirma ONU*. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Disponível em: <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/covid-19-aumentou-a-pobreza-a-fome-e-as-desigualdades-catastrofe-geracional-afirma-a-onu/>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). *A pandemia agravou a desigualdade de renda e a pobreza no Brasil*. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=a-pandemia-agravou-a-desigualdade-de-renda-e-a-pobreza-no-brasil>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

G1. Caso Miguel: a queda de menino do 9º andar que levou à condenação da patroa da mãe dele por abandono de incapaz. **G1**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/01/caso-miguel-a-queda-de-menino-do-9o-andar-que-levou-a-condenacao-da-patroa-da-mae-dele-por-por-abandono-de-incapaz.ghtml>>. Acesso em: 24 de out, 2023.

GARCIA, R. *Brasil registra 4.211 mortes por Covid-19 em um único dia*. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/brasil-registra-4211-mortes-por-covid-19-em-um-unico-dia-24958490>>. Acesso em: 05 de out, 2023.

GERVAZONI, C.; LIBERANSK, N. *O posicionamento e o debate racional nas redes sociais crescem diante a ascensão do negacionismo*. Escola de Comunicação e Estratégias Digitais. Disponível em: <<http://facopp.unoeste.br/facopp/o-posicionamento-e-o-debate-racional-nas-redes-sociais-crescem-diante-a-ascensao-do-negacionismo/>>. Acesso em: 25 de out, 2023.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAGNANI, J. *Porque o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo*. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/12/por-que-o-coronavirus-mata-mais-as-pessoas-negras-e-pobres-no-brasil-e-no-mundo.ghtml>>. Acesso em: 07 de out, 2023.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever -interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz Editora, 2006. p. 19-34.

HAIDER, A. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. Tradução: Leo Vinicius Liberato. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage Publications. p. 14-15. 1997.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Âyiné: Belo Horizonte. 2020.

HOOKS, Bell. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciências Políticas, Brasília, n. 16, p. 193-210, abr. 2015.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD Covid-19: dados dos 4os trimestres de 2020*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD Contínua: dados dos 4os trimestres de 2021*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD Contínua*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IPEA. *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil*. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2021.

JENKINS, Henry. Venere no altar da convergência: um novo paradigma para entender a transformação midiática. In: JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. Tradução: Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 38.

LANDER, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: 2005.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1991.

LÉVY, P. *O Que é Virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LOPES, A.; SANTOS, S. *Da sociedade disciplinar à sociedade de controle*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. s.d. Disponível em: <<https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/images/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/index.htm>>. Acesso em 21 fevereiro, 2023.

LOPES, L. W. de S. L. *Pandemia da Covid-19: o governo de Jair Bolsonaro perante o direito à vida e à saúde*. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) — Políticas Públicas em Direitos Humanos, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2023, p.8.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Org. e ap. Heloisa Buarque de Hollanda. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 71-114, 2008.

MALLMANN, F. (@francisco.mallmann). *Novas Bandeiras*. Instagram, 7 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CIg4fdRl4eq/>>. Acesso em 31 out. 2022.

MATHIEU, E. *et al. Coronavirus Pandemic (COVID-19)*. OurWorldInData.org. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/coronavirus>>. Acesso em: 03 de out, 2023.

MARQUES, J. (@meusolhoscastanhos). *Oséias*. Instagram, 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/meusolhossaocastanhos>>. Acesso em: 26 de out, 2023.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. n-1 edições, 2018.

MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. 1. ed. São Paulo: M.Books do Brasil, 2005. p. 1-217.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017.

MIKKONEN, K. *Focalisation in Comics: from the specificities of the medium to conceptual reformulation*. *Scandinavian Journal of Comic Art (SJOCA)*. 2021.

MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia digital. *Revista Teias*. v. 13, n. 30, set./dez. 2012, p. 169-183.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Nota Técnica 004/2020* de 30 de janeiro de 2020 (atualização em 4 em 08 de maio de 2020). Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://mpt.mp.br/pgt/noticias/nota-tecnica-4-coronavirus-vale-essa.pdf>>. Acesso em: 17 de out, 2023.

MOREIRA, A. *Racial justice in Brazil. Struggles over equality in times of new constitutionalism*. 2013. 383 p. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Direito Constitucional). Faculdade de Direito da Universidade de Havard. Universidade de Havard. Cambridge, USA.

NASCIMENTO, B. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Org.: Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NORA, P. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NUNES, F. O. Web arte no Brasil em tempos pandêmicos. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 5-22, 2022.

OLIVEIRA, T. T. de S; BEZERRA, F. A. S. Análise crítica interseccional do discurso multimodal de representações do trabalho e dos/as trabalhadores/as na pandemia de Covid-19 em *webcomics*. *The specialist*. 2021.

OPAS. *Histórico da pandemia de Covid-19*. Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 03 de out, 2023.

OYEWÙMÍ, O. Conceptualizing gender: the Eurocentric foundations of feminist concepts and the challenge of African epistemologies. Jenda: *Journal of Culture and African Women Studies*, v.2, n. 1, 2002, p. 5.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In GADET, F. e HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PIGOZZI, D. *Os quadrinhos como fonte de informação para o estudo da realidade social: o pensamento anarquista e o autoritarismo em V de Vingança e Watchmen*. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINHEIRO, L.; TOKARSKI, C.; VASCONCELOS, Marcia. *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil*. Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica, n. 75).

PIVA, C. B.; MARTINS, A. F. Arte e resistência em tempos de pandemia: a série de quadrinhos Confinada, de Leandro Assis e Triscila Oliveira. *R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium*, Curitiba, v.7, n.2, p. 250 – 276, Jul.- Dez. 2020.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: *Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade*. Porto: Campo das Letras, 2004. p. 09-40.

PRISCO, L. Do drive-thru ao Instagram: arte cria novas formas de exposição na pandemia. *Metrópoles*, 2020. Disponível em: < Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/exposicao/do-drive-thru-ao-instagram-arte-cria-novas-formas-de-exposicao-na-pandemia?v2=true>>. Acesso em: 25 de out, 2023.

PUBLISHNEWS. HQ a ser publicada pela Todavia bate recorde de apoiadores no Catarse. *Publishnews*, 2021. Disponível em: < <https://www.publishnews.com.br/materias/2021/10/26/hq-a-ser-publicada-pela-todavia-bate-recorde-de-apoiadores-no-catarse>>. Acesso em: 29 de out, 2023.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In Edgardo Lander (Ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, 2005. p. 201-245.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: Boaventura de Souza Santos & Maria Paula Meneses (Eds.). *Epistemologias do Sul*. Cortez Editora, 2010. p. 84- 130.

RAMOS, J; FREITAS, E. T. Etnografia Digital. *Revista Antropolítica*, Niterói, n. 42, p. 8-15, 1 sem. 2017.

RARA, P. *Eu, empregada doméstica: a senzala é o quartinho da empregada*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (REDE PENSSAN). *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil: II VIGISAN – relatório final*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, Rede PENSSAN, 2022. (Análise, 1). E-book. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

ROCHA, L. O que são ondas da Covid-19 e porque o Brasil pode estar diante da terceira. *CNN Brasil*. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-sao-ondas-da-covid-19-e-por-que-o-brasil-pode-estar-diante-da-3/>>. Acesso em: 03 de out, 2023.

RONCADOR, S. Histórias paranoicas, criados perversos no imaginário literário da Belle Époque tropical. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 27, p. 127-40, jan./jun. 2007.

RUGGIERO, G. *Quadrinhos e internet: avaliação do desenvolvimento e transformações nas narrativas gráficas desenhadas na rede social Instagram*. Dissertação (Mestrado em Design e Cultura Visual). Universidade Europeia, 2023.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. 2ª edição, São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SARDENBERG, L. F.; BUOGO, S. Chefe da Organização Mundial da Saúde declara o fim da Covid-19 como uma emergência global. *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%Aancia-de-sa%C3%BAde>>. Acesso em 05 de out, 2023.

SANTOS, J. R. dos S. A inserção do negro e os seus dilemas. *Parcerias estratégicas*, n. 6, p.110-54, mar. 1999.

SANTANA, F. Empregadas são obrigadas a ficar na casa dos patrões enquanto a pandemia durar. *Correio 24 horas*, Bahia, 10 abr. 2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/amp/nid/empregadas-sao-obrigadas-a-ficar-na-casa-dos-patroes-enquanto-a-pandemia-durar/?__twitter_impression=true>. Acesso em: 07 set. 2021.

SARGENTINI, V. M. O. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em análise do discurso. In: NAVARRO, Pedro (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz Editora, 2006, p. 35-44.

SEGATO, R. O Édipo negro: colonialidade e forclusão de gênero e raça. In: *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Trad. Danielli Jatobá, Danú Gontijo. 1. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995. p. 73.

SGORLA, F. Discutindo o “processo de mediação”. *Mediação*, Belo Horizonte, v.9, n.8, jan./jun. 2009.

SILVA, A. C. Quadrinhos, política e desigualdade social: uma entrevista com Leandro Assis e Triscila Oliveira. *Arribação*, 2020. Disponível em: <<https://arribacao.com.br/2020/07/27/quadrinhos-politica-e-desigualdade-social-uma-entrevista-com-leandro-assis-e-triscila-oliveira/>>. Acesso em: 29 de out, 2023.

SODRÉ, M. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. São Paulo: Editora Vozes, 2023.

SOJOUNER, T. E eu não sou uma mulher? – Sojourner Truth. Tradução de Osmundo Pinho, *Geledés*, 8 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SOUZA, T. C. C. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*. n.º. 24. Volume 1. p. 17-35. junho/2018.

STARK, S.; TORRANCE, H. Case Study. In: SOMEKH, B. e LEWIN, C. (Orgs.). *Research Methods in the Social Sciences*. London: Thousand Oaks, 2005.

TEIXEIRA, J. C. *As artes e as práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2015.

TEIXEIRA, J. C. *Trabalho doméstico*. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Feminismos Plurais).

TONIAL, F. A. L., et. al. Colonialidade, Estética e Partilha do Sensível: debates em torno da arkhé do mundo moderno/colonial. *Athenea Digital*. v. 20 (3), n. 2492, 2020.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa em administração*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.